



**UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO”**

Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP

JULIANA SOUTO LEMOS

**A BATALHA ENTRE MOUROS E CRISTÃOS DA FESTA DE SÃO TIAGO EM
MAZAGÃO VELHO – AP: UMA EXPERIÊNCIA (ETNO)DRAMATÚRGICA**



ARARAQUARA – SP

FEVEREIRO 2022

L557b Lemos, Juliana Souto
A Batalha entre Mouros e Cristãos da Festa de São Tiago em Mazagão Velho – AP : Uma experiência (Etno)dramatúrgica / Juliana Souto Lemos. -- Araraquara, 2022
197 p. : fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Elizabete Sanches Rocha

1. Teatro. 2. Dramaturgia. 3. Etnocologia. 4. Etnodramaturgia. 5. Batalha entre Mouros e Cristãos. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JULIANA SOUTO LEMOS

**A BATALHA ENTRE MOUROS E CRISTÃOS DA FESTA DE SÃO TIAGO EM
MAZAGÃO VELHO – AP: UMA EXPERIÊNCIA (ETNO)DRAMATÚRGICA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar) como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Teorias e Crítica do Drama

Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Sanches Rocha

Bolsa: CAPES

Data da qualificação: 21/02/2022.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Elizabete Sanches Rocha
FCHS – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Franca

Membro Titular: Profa. Dra. Alexandra Gouvêa Dumas
Escola de Teatro - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Membro Titular: Prof. Dr. Marcos Antônio Alexandre
Faculdade de Letras/FALE – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Membro Titular: Prof. Dr. Romualdo Rodrigues Palhano
Departamento de Letras e Artes - Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

Membro Titular: Sérgio Ricardo de Carvalho Santos
Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo (USP)

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTO

À minha orientadora, Elizabete Sanches Rocha, por estar sempre disponível, iluminando os caminhos da pesquisa.

À minha pequena grande família: à Dri, por sempre acreditar e torcer pelos meus sonhos; à Duda, por tornar meus dias mais divertidos e inusitados; ao Dedé, pelas sextas com pizza e vinho, que me ajudaram a descansar e descontraír; à Vó Maria, por seu exemplo de força e sabedoria e à Nina por sua sempre e fiel companhia.

À comunidade de Mazagão Velho, pela receptividade e principalmente ao Sr. Jozué, pela acolhida em sua casa e por ser tão disponível e acessível ao longo de todo o processo, orientando-me na descoberta das entrelinhas da história. Também ao professor Antônio José, que abrilhantou com suas preciosas pesquisas o desenvolvimento do meu aprendizado sobre o contexto da Festa e da comunidade. Dona Maria Marenice, por ser tão amorosa e estar sempre disponível para uma conversa na varanda. À professora Ana Lídia, também por prestar informações preciosas, assim como ao professor Hosana e à Amanda, que conduzem, junto ao professor Antônio José, a narração da encenação e contribuíram muito para a produção do trabalho. Às crianças do grupo Raízes do Marabaixo, que me recebem sempre com novas histórias e brilho nos olhos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento de Programas de Doutorado Interinstitucional (DINTER), que possibilitou a realização desta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À professora Natali Fabiana da Costa e Silva, pelo empenho e dedicação como coordenadora do DINTER junto à UNIFAP/UNESP, tornando possível a realização deste doutoramento em um período em que imaginei ser impossível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP, por aceitar a proposta do DINTER e viabilizar sua realização, disponibilizando os professores envolvidos nas disciplinas ofertadas.

Aos professores Alexandra Dumas e Marcos Alexandre, pelo aceite para compor a banca e pelos preciosos apontamentos no exame de qualificação. Também aos professores Romualdo Palhano e Sérgio Carvalho, por aceitarem o convite para compor a banca de defesa e dedicarem seus tempos para leitura e contribuição à pesquisa.

Aos colegas de colegiado da UNIFAP, que cooperaram muito para que eu pudesse me afastar pelo período de um ano do trabalho e realizasse com mais tranquilidade a fase de escrita da tese. Em especial à professora Adélia Carvalho, pelas conversas sobre dramaturgia e encorajamento. Ao professor Emerson de Paula, pelas bibliografias sobre Orixás, e ao professor Flávio Gonçalves, por trazer luz aos processos burocráticos necessários ao longo do percurso.

A palavra continua soprada pelo vento, os encantos da natureza se revelam por si se o ser tem a sensibilidade para abraçar e conhecer a diversidade de formas presentes [...].

(LIGIÉRO, 2019, p.22-23)

RESUMO

Esta pesquisa se debruça sobre a Festa de São Tiago, realizada anualmente em Mazagão Velho, no interior do Amapá. Inicialmente, com o objetivo de identificar a dramaturgia existente na encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos, que compõe a programação da Festa, foi necessária uma investigação a respeito do percurso histórico de formação da própria Festa e da comunidade em que ela acontece. Para tanto, utilizando as noções metodológicas previstas pela etnocenologia, em diálogo com a bibliografia estudada, a narrativa da comunidade teve principal relevância e foi adquirida por meio de pesquisa de campo durante a realização da Festa e em momentos aleatórios no contexto do cotidiano da comunidade. Durante o percurso investigativo e vivencial, o escopo teórico foi ganhando novas abordagens e ampliando a análise, de modo que o próprio conceito de dramaturgia foi posto em questão, abrindo espaço para os estudos voltados ao campo da antropologia, com ênfase na performance cultural, chegando à etnodramaturgia. Esse procedimento levou a se identificar a manutenção da Festa enquanto um movimento de resistência estética e política, bem como uma luta pela sobrevivência com dignidade daqueles que a praticam.

Palavras-chave: Etnocenologia, Dramaturgia, Etnodramaturgia, Batalha entre Mouros e Cristãos, Mazagão Velho.

ABSTRACT

This research focuses on the Feast of Saint James held annually in Mazagão Velho, in the interior of Amapá. Initially, in order to identify the dramaturgy existing in the staging of the Battle between Moors and Christians, which makes up the Festival's schedule, an investigation was necessary regarding the historical course of formation of the Festival itself and the community in which it takes place. Therefore, using the methodological notions provided by ethnocenology, in dialogue with the studied bibliography, the community narrative had main relevance and was acquired through field research during the celebration and also at random moments in the context of the community's daily life. During the investigative and experiential path, the theoretical scope gained new approaches and expanded the analysis, so that the very concept of dramaturgy was called into question, opening space for studies focused on the field of anthropology, with an emphasis on cultural performance, arriving to ethnodramaturgy. Which led to the identification of the maintenance of the Festival, as a movement of aesthetic and political resistance, as well as a struggle for survival with dignity for those who practice it.

Keywords: Ethnocenology, Dramaturgy, Ethnodramaturgy, Battle between Moors and Christians, Mazagão Velho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Rua de entrada lateral do galpão	12
Imagem 2: Josué e o Grupo de marabaixo mirim recebem um grupo de estudantes para apresentação de sua cultura no interior do barracão	12
Imagem 3: Lista de assinaturas	12
Imagem 4: Sr. Jozué, após Festa de 2018	14
Imagem 5: Festa das crianças. No centro, o Menino Caldeirinha em seu cavalo e Soldados Mouros e Cristãos nas laterais	19
Imagem 6: Carreata com transladação das imagens	20
Imagem 7: Divulgação da programação da Festa de São Tiago de 2021	21
Imagem 8: Principais ruas de Mazagão Velho em 2019	25
Imagem 9: Caixeiro cristão com seu instrumento de toque	27
Imagem 10: Instrumento de toque dos mouros (à frente) e dos cristãos (ao fundo)	29
Imagem 11: Altar na calçada	30
Imagem 12: Dona Maria Marenice no Bingo	33
Imagem 13: As cores da Festa no céu de Mazagão Velho	34
Imagem 14: São Tiago envolto de fitas	35
Imagem 15: As Figuras de São Jorge e São Tiago	36
Imagem 16: A “vestimenta” dos Soldados Cristãos	37
Imagem 17: A “vestimenta” dos Soldados Mouros	37
Imagem 18: Dona Fátima, em produção, no Centro Cultural Raízes do Marabaixo	38
Imagem 19: Fabi da Silva em produção dos trajes das Figuras	39
Imagem 20: Identificação da região do Maghreb	41
Imagem 21: Localização geográfica do Marrocos em relação à Europa	42
Imagem 22: Mapa das possessões portuguesas em Marrocos	44
Imagem 23: Cisterna da fortaleza de Mazagão com obra terminada antes de 1548, segundo Amaral (2007, p.VII)	49
Imagem 24: Planta da Cidadela de Mazagão de 1720-1760, de Simão dos Santos, Instituto Português de Cartografia e Cadastro	51
Imagem 25: Festa do Divino Espírito Santo 2018	59
Imagem 26: Imagem aérea da Fortaleza de Mazagão, integrada à atual El Jadida	60
Imagem 27: Vista aérea da cidade: Mazagão, AP – [195-?]	67
Imagem 28: Ruínas da antiga igreja	77
Imagem 29: Toque da Alvorada na paróquia	79

Imagem 30: Caixeiros tocam na porta	82
Imagem 31: Homens dançam o vominê no interior da Casa	82
Imagem 32: Toque do meio-dia	84
Imagem 33: Caixeiros tradicionais da Festa. Da esquerda para a direita, Sr. Raimundo Ramos e Sr. Celestino	85
Imagem 34: São Tiago Maior. El Greco, Hl. Jacobus der Pilger, 1610. Toledo El Greco Museum. Espanha	86
Imagem 35: São Tiago Peregrino, ca. 1489-1493. Gil de Siloe. Espanha; The Cloisters Collection, 1969 (69.88). Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA	87
Imagem 36: Santiago Matamoros. São Tiago Maior na Batalha de Clavijo. Juan Carreño de Miranda, 1660, Museum of Fine Arts, Budapest	89
Imagem 37: Plano da fortaleza de Mazagão	91
Imagem 38: São Tiago Mataíndios, figura ilustrada por Felipe Guamán Poma de Ayala (1535?-1615)	92
Imagem 39: Figura de São Tiago	93
Imagem 40: Ogum e São Jorge	95
Imagem 41: Círio das Crianças	108
Imagem 42: Cavalaria em concentração para a “entrega dos presentes”	120
Imagem 43: Formação moura para a “entrega dos presentes”	121
Imagem 44: Soldados dançando o vominê no interior de uma casa homenageada na “entrega dos presentes”	123
Imagem 45: Baile dos máscaras no Barracão de São Tiago	132
Imagem 46 e 47: O Judas – Beto Falcão no ano de 2019 e Sr. Côncio	133
Imagem 48: Os últimos mascarados do baile por volta das 5 horas da manhã	134
Imagem 49: Transladação dos santos, por volta das 6 horas da manhã	135
Imagem 50: Máscaras prontas para o Baile de 2019	137
Imagem 51: Sr. Elizardo, fabricante das máscaras	139
Imagem 52: Missa campal 2019	140
Imagem 53: População acompanhando o Círio	142
Imagem 54: Altar na calçada	143
Imagem 55: Figuras no Altar	147
Imagem 56: Passagem do Bobo Velho	151
Imagem 57: Rua Senador Flexa com finalização dos preparativos em 2018	151
Imagem 58: Menino Caldeirinha na Festa das Crianças	155

Imagem 59: Soldados Cristãos na encenação. Ao fundo, o Chefe dos Cristãos acompanhado de São Jorge e São Tiago	157
Imagem 60: Soldados Mouros na encenação. Ao fundo, o palco suspenso onde ficaram os narradores em 2019	157
Imagem 61: O Atalaia capturado	160
Imagem 62: Grito do Atalaia da Festa das crianças	161
Imagem 63: Morte do Atalaia da Festa das crianças	162
Imagem 64: Soldados e Figuras pegam as imagens para o Círio	171
Imagem 65: Recírio da Festa das Crianças	172
Imagem 66: Soldado Mouro Mirim	174
Imagem 67: Pés descalços no quintal do Sr. Jozué	178

SUMÁRIO

PRIMEIRO SINAL	10
SEGUNDO SINAL	14
TERCEIRO SINAL	18
ABREM-SE AS CORTINAS	22
1. PRIMEIRO ATO: “Este é meu Mazagão”	25
1.1 A chegada do Santo e abertura da Festa de São Tiago – 24 de julho de 2019	25
1.2 Mouros e Cristãos	40
1.3 Mazagão no Marrocos	47
1.4 Cotidiano e transposição: Mazagão do Marrocos para Mazagão no/do Brasil	57
1.5 A origem de Mazagão no Brasil	65
2. SEGUNDO ATO: do teatro de guerra ao teatro religioso	79
2.1 A Alvorada e o <i>vomi nê</i> ou <i>vominê</i> – 24 de julho de 2019	79
2.2 A instauração do mito: a Figura de São Tiago	85
2.3 A inserção da Figura de São Jorge na encenação da Batalha	93
2.4 A encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos	100
2.5 A dramaturgia face à etnocenologia	108
3. TERCEIRO ATO: a cena em contexto	118
3.1 A entrega dos presentes – 24 de julho de 2019	118
3.2 O Baile dos Máscaras	131
3.3 A Missa campal, Juramento de São Tiago e passagem do Bobo Velho	139
3.4 A passagem do Bobo Velho	150
3.5 Encenação da Batalha na porta da Igreja Matriz – 25 de julho de 2019	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
POSFÁCIO	179
REFERÊNCIAS	181
ANEXOS	188

*Eu seguro sua mão na minha
Para que juntos possamos fazer
O que eu não quero
O que eu não posso
E o que eu não vou fazer sozinha.
Meeeeeeeeerda!!!!¹*

PRIMEIRO SINAL

Era domingo, uma manhã do mês de abril de 2018, às nove horas da manhã, quando estacionava em uma esquina muito arborizada e florida em Mazagão Velho, um pequeno distrito do município de Mazagão situado no interior do Amapá. Eu ainda não sabia, mas aquele dia seria o pontapé inicial de um momento muito especial da minha vida, marcado por muitos encontros, afetos, histórias, memórias e descobertas junto aos habitantes daquela comunidade.

Eu chegava ali um pouco receosa: havia apenas um ano e meio que morava em Macapá, capital do estado. Conhecia ainda poucas pessoas e havia sido informada por algumas dentro da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), meu atual local de trabalho, que a população moradora da comunidade de Mazagão Velho não estava muito receptiva a pesquisadores que lá chegavam. Desse modo, por meio de indicações, aproximei-me das pessoas que poderiam me apresentar à comunidade. Então, lá estava eu naquele dia para encontrar com o Sr. Carlitão da Banda Placa². Eu não sabia muita coisa a respeito desse senhor, mas sabia que ele era uma pessoa bem importante para a comunidade e que poderia ser um encontro muito promissor para minha pesquisa. Esperei por um bom tempo e ele não chegou... Timidamente, telefonei. Ele se desculpou, mas não poderia comparecer; disse-me para aguardar e o Sr. Josué me receberia. Em alguns minutos, chegou Josué em sua bicicleta; havia saído para entregar um galão de água mineral, pois ele, no momento, era o único fornecedor/entregador da comunidade.

Convidou-me para entrar, recebeu-me em sua cozinha e, servindo um café, contou-me grande parte da história da comunidade e da Festa de São Tiago. Ali mesmo, de pés descalços – pois eu havia tirado meu calçado na porta da cozinha quando o vi tirando o seu para entrar –, pedi sua licença e autorização para entrar em sua casa/Mazagão Velho e executar minha pesquisa. Apresentei-me como mineira de Belo Horizonte, professora do curso de Teatro da

¹ “Oração” pronunciada geralmente de mãos dadas, em círculo, pelo “povo de teatro” (elenco e produção técnica), enquanto se entreolham nos olhos, antes de se abrirem as cortinas e darem início ao espetáculo.

² Carlos Augusto Gomes, conhecido como Carlitão, foi fundador da Banda Placa Luminosa, atualmente, Banda Placa, uma das bandas musicais pioneiras no estado do Amapá. Carlitão é um grande apoiador e pesquisador de Mazagão Velho, com grande acervo audiovisual. Por seu envolvimento com a música, desenvolve no carnaval o “Bloco dos Máscaras”, formado pelos Mascarados da encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos.

Universidade Federal do Amapá desde o final de 2015, atriz e estudiosa das linguagens dramáticas. Falei um pouco sobre minha pesquisa do mestrado³ e o quanto foi importante realizá-la, pois me possibilitou encontros com pessoas incríveis e experiências inimagináveis, além de ter me despertado a querer me envolver e saber mais sobre o Amapá. O que, inclusive, me fez chegar ali naquele dia com a proposta da atual pesquisa, que busca identificar a dramaturgia presente na encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos, representada na Festa de São Tiago desde 1777.

De forma bastante clara e objetiva, Josué se disponibilizou a me ajudar durante a execução da pesquisa e advertiu-me sobre alguns cuidados, o que, a meu entender, justificou a fala dos meus colegas de trabalho sobre a comunidade não estar receptiva a novas pesquisas. Josué pediu para que eu fosse fiel à história contada pela comunidade e não somente ao que é acessado na internet ou em trabalhos de pesquisa já publicados. Segundo ele, existem algumas pesquisas realizadas em Mazagão Velho que transmitem ideias não condizentes com o que a comunidade de fato pensa e realiza, o que gera descontentamento da comunidade. Além disso, pediu que a pesquisa produzida fosse ao final apresentada à comunidade, contou que pesquisadoras e pesquisadores passaram por lá, usaram a comunidade como fonte para o desenvolvimento de seus trabalhos, mas não devolveram à comunidade o resultado do material produzido. Josué falou, então, da importância das pesquisas para a visibilidade da comunidade para além dos limites de Mazagão Velho e do Amapá, mas pediu comprometimento sincero e respeitoso com o conteúdo, com as pessoas e com a devolutiva para a comunidade.

Entendendo um pouco do quão relevante seria este trabalho, para mim mesma obviamente, para a comunidade e para todos que um dia o utilizem como referência, aceitei o compromisso proposto por Josué, buscando estar atenta à consciência do meu papel enquanto pesquisadora e apresentadora das várias vertentes dessa história, inclusive e principalmente a que é transmitida pela oralidade. Desse modo, buscarei apresentar caminhos possíveis para a construção de uma narrativa ainda em processo, entendendo que a história de Mazagão Velho precisa ser melhor estudada, pois a escassez de arquivos até o momento identificados evidencia lacunas importantes de serem esclarecidas.

Dando continuidade à conversa, Josué me conduziu ao espaço instalado nos fundos de seu quintal, uma espécie de galpão que, segundo ele, fora construído pela comunidade para a

³ A dissertação **A dramaturgia escrita por mulheres em Macapá (AP): 1996 a 2016** foi apresentada em fevereiro de 2017 ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG vinculada à linha de pesquisa “Artes da Cena”, sob a orientação da professora Dra. Mariana de Lima e Muniz.

realização de oficinas e encontros que fomentassem a cultura local. O espaço é chamado de Centro Cultural Raízes do Marabaixo.



Imagem 1 (à esquerda): Rua de entrada lateral do galpão.

Imagem 2 (à direita): Josué e o Grupo de Marabaixo Mirim recebem um grupo de estudantes para apresentação de sua cultura no interior do barracão.

Fonte: Arquivo da autora.

Ali, ao ler um *banner* de um projeto antigo preso na parede, entendi que ele era o Jozué da Conceição Videira, era Jozué com “z” e não com “s”, como visto em tantos relatos de pesquisa acessados por mim ao longo deste trabalho. Nesse contexto, foi impossível deixar de observar a lista de assinaturas identificada por Vidal (2008, p.81) nos arquivos do Tribunal das Contas de Lisboa:

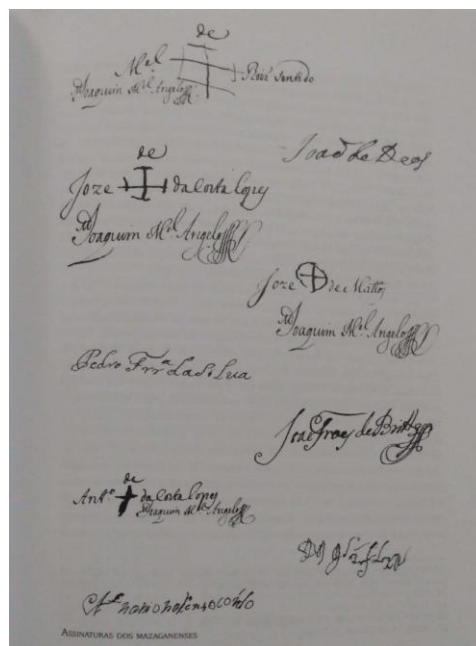


Imagem 3: Lista de assinaturas.

Fonte: Vidal, 2008, p.81.

Essas assinaturas foram consignadas pelos chefes de família que receberam pagamentos em Lisboa, quando por ali estavam ainda em trânsito para o Brasil, como veremos no decorrer do trabalho. O curioso, no entanto, é que a grafia do nome José, que rotineiramente escrevemos com “s”, está assinado com “z”; seria, então, o nome Jozué com “z” uma derivação dos Jozes com “z” transladados do Marrocos para o Brasil? Essa observação se faz relevante quando tratamos da origem e construção da identidade dos habitantes de Mazagão Velho atualmente, e talvez seja uma semente germinando para futuras pesquisas. Mas, voltando ao Centro Cultural Raízes do Marabaixo, ali também compreendi que existem controvérsias a respeito da história contada pelo Jozué⁴ e a história publicada nos livros que encontrei; este fato me disse muito a respeito da escolha metodológica a ser desenvolvida. Entendi ali que talvez o melhor fosse mesmo promover encontros entre a história que o Jozué contava, a história que eu via nos livros, a história que eu vivenciava estando ali em Mazagão Velho a cada momento, e a história que eu interpretava com base em minha bagagem de vivências e conhecimentos anteriores, promovendo um encontro de narrativas. O que eu realmente gostaria de fazer era produzir um material em que as vozes da comunidade ecoassem e atingissem de maneira satisfatória a quem utilizasse de minha pesquisa como referência. Mas como? Essa foi uma pergunta retumbante em minha cabeça durante mais da metade do período de realização deste doutoramento.

Naquele dia, despedi-me de Jozué pedindo que me informasse algum lugar para me hospedar no período da Festa de São Tiago daquele ano, 2018. Ele disse que já era tarde, pois estávamos em abril e a Festa⁵ aconteceria em julho; normalmente, as pessoas visitantes costumavam alugar com antecedência de um ano os quartos em casas de moradores da comunidade, mas se comprometeu a verificar. Entre abril e julho, telefonei algumas vezes para Jozué, perguntando se havia conseguido alguma indicação. Ele sempre dizia que não, mas que daria um jeito! E deu mesmo. Enquanto eu chegava com barraca, rede, colchão inflável e tudo o que se pudesse imaginar, pois ele só dizia “venha que a gente dá um jeito”, preparei-me para o máximo de situações possíveis e imagináveis. Resultado?! Surpreendi-me com tamanha disponibilidade e cuidado! Jozué disponibilizou um colchão na sala de recepção do galpão das oficinas Centro Cultural Raízes do Marabaixo, nos fundos de sua casa. Recebeu-me e me acompanhou durante toda a encenação da Batalha⁶, sempre de forma muito atenciosa e

⁴ A partir daqui, marcando o momento de identificação das diferentes grafias, passarei a utilizar a original, ou seja, Jozué (com “z”).

⁵ Ao longo deste trabalho, utilizarei a palavra Festa com inicial maiúscula para referenciar a Festa de São Tiago.

⁶ A palavra Batalha com inicial maiúscula se refere à Batalha entre Mouros e Cristãos.

cuidadosa, inclusive me acompanhando nos momentos da Alvorada, por volta das quatro horas da madrugada, e nos locais onde só eram permitidas as participações dos homens (*vomi nê*)⁷, quando orientava os melhores pontos para que eu pudesse observar com segurança o que acontecia dentro das casas. Este foi o meu primeiro contato com a Festa de São Tiago. Como era o primeiro ano do doutorado, minha proposta era uma participação mais livre, queria me aproximar, conhecer e entender, sentir o que meu corpo traduziria da vivência no e com o espaço, Festa e pessoas. Fui sozinha, utilizando meu celular e computador para fazer breves registros ainda despreziosos e mínimos diante da complexidade da Festa e com a possibilidade de participar nos três anos seguintes para aprofundar o que fosse necessário; consegui fazer algumas fotos e acompanhar a Festa no período de 23 a 28 de julho.



Imagem 4: Sr. Jozué, após a Festa de 2018.

Fonte: Arquivo da autora.

SEGUNDO SINAL

Após o primeiro contato com a Festa, fui me aproximando cada vez mais de Mazagão Velho, participando de outros eventos, como a Festa do Divino Espírito Santo e a Torração do

⁷ “O termo ‘*vomi nê*’ viria da contração da expressão ‘vamos nele’”, de acordo com Vidal (2008, p.262). Nesse contexto, refere-se à dança de vitória dos cristãos realizada em momentos específicos da festividade.

cacau, sempre acompanhada de toda a contextualização dada pelo Sr. Jozué, que se tornara meu anfitrião oficial. Em busca do escopo teórico e metodológico da pesquisa, foi inevitável passar pelo campo da antropologia, já que “A antropologia estuda o fenômeno do homem – a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo” (WAGNER, 2010, p.27). Minha vontade era de me mudar para a comunidade e olhar bem de perto cada detalhe. Contudo, ao longo do processo, foi necessário compreender que

Assim como o epistemólogo, que considera o “significado do significado”, ou como o psicólogo, que pensa sobre como as pessoas pensam, o antropólogo é obrigado a incluir a si mesmo e seu próprio modo de vida em seu objeto de estudo, e investigar a si mesmo. Mais precisamente, já que falamos do total de capacidades de uma pessoa como “cultura”, o antropólogo usa sua própria cultura para estudar outras, e para estudar a cultura em geral (WAGNER, 2010, p.28)

Desse modo, ainda de acordo com Roy Wagner (2010, p.28-45), é necessário haver certo distanciamento do olhar do pesquisador, para que haja o “reconhecimento” e conseqüentemente a “conciliação de identidades” culturais por parte do antropólogo (cultural) em seu campo de pesquisa. Isso promoverá, de modo comprometido e abrangente, a compreensão e a comunicação de seu relato. Sendo assim, parti em busca da minha própria cultura e, identificando minha formação humana, profissional e acadêmica no fazer teatral, deparei-me com o conceito de Antropologia Teatral, desenvolvido por Eugênio Barba: “Antropologia Teatral é o estudo do comportamento cênico pré-expressivo que se encontra na base dos diferentes gêneros, estilos e papéis e das tradições pessoais e coletivas” (BARBA, 1994, p.23). Em princípio, a abordagem metodológica proposta por Barba seria suficiente para a realização da pesquisa caso o objetivo fosse o desenvolvimento do trabalho do ator enquanto técnica de atuação/interpretação na Batalha entre Mouros e Cristãos:

A Antropologia Teatral dirige sua atenção a este território empírico, para traçar um caminho entre as diversas especializações disciplinares, técnicas e estéticas, que se ocupam da representação. A Antropologia Teatral não tenta fundir, acumular ou catalogar as técnicas do ator. Busca o simples: a técnica das técnicas. Por um lado, isso é uma utopia, mas por outro é um modo de dizer com diferentes palavras, *aprender a aprender* (BARBA, 1994, p.24).

Entretanto, os objetivos desta pesquisa vão além dos estudos voltados para a atuação e consistem em identificar a dramaturgia existente na encenação da Batalha entre mouros e

crístãos. “Do grego, dramaturgia, compor um drama” (PAVIS, 2008, p.113), é, segundo Pallottini (2006, p.13), a arte de composição do texto destinado a representação feita por atores. A palavra drama vem do grego e significa ao. Desse modo, o texto dramatúrgico é aquele que é escrito especificamente para representar a ao. Nesse contexto, Pallottini (2006, p.15) aponta que, para dar inio a um bom texto,  necessário ter um conteúdo que possa ser expresso também em rubricas, ou seja, indicações do autor para orientar o leitor, diretor ou ator sobre descrições técnicas, indicações de lugares, épocas e outras informações necessárias para a composição do espetáculo e/ou criação dos personagens. “Texto é, dessa maneira, tanto aquilo que se diz quanto o que não se diz, mas aparece sob outra forma, como gesto, expressão, entonação, descrição, no espetáculo final.” (PALLOTTINI, 2006, p.16).

Desse modo, diante da necessidade de utilização de uma metodologia que contemple os estudos teatrais de forma mais abrangente e permitindo o diálogo com a manifestação cultural em questão, foi necessário abrir mão dos estudos de Barba (1994), pois a expressão “antropologia teatral reforça o etnocentrismo europeu, que privilegia o teatro em detrimento de outras artes e formas espetaculares” (BIÃO, 2009, p.36). Cheguei, então, aos estudos da etnocenologia, disciplina que teve sua base no campo das etnocincias, estudos que buscam “a valorização das tradições populares e das especificidades culturais de cada nação. [...] De acordo com sua própria história, as etnocincias têm a identidade como conceito pilar articulado ao conceito de alteridade.” (BIÃO, 1998 *apud* BIÃO; GREINER, 1999, p.15). Aberta aos vários campos do saber, os estudos das etnocincias inauguraram disciplinas como etnopsicologia, etnomusicologia, etnolingustica, etnobotnica, etno-história, etnopsiquiatria, etnoculinria, etnomatemática e, por fim, também foi base para a etnocenologia:

Aproximada, e não apenas etimologicamente, da perspectiva clássica e matricial da reflexão sobre a variabilidade humana no espaço e no tempo, denominada de etnologia, em 1787, a etnocenologia inscreve-se na vertente das etnocincias e tem como objeto os comportamentos humanos espetaculares organizados⁸, o que compreende as artes do espetáculo, principalmente o teatro e a dança, além de outras práticas espetaculares não especificamente artísticas ou mesmo sequer “extracotidianas” (BIÃO, 1998 *apud* BIÃO; GREINER, 1999, p.15).

Bastante abordada na década de 1990, na França (1995), no México (1996) e no Brasil (1997), em respectivos Colóquios e Seminários, a etnocenologia teve como principal referência

⁸ De acordo com o manifesto divulgado durante o lançamento oficial desta proposição em 1995, no Colóquio de Fundação do Centro Internacional de Etnocenologia, em Paris, sob os auspícios da UNESCO, da Maison des Cultures du Monde e da Universidade de Paris 8, do qual participaram pesquisadores e praticantes de dezenas de países de todo o mundo (BIÃO, 1998 *apud* GREINER; BIÃO, 1999, p.15).

brasileira o ator, diretor e pesquisador baiano Armindo Bião (1950-2013), que foi também professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC-UFBA) e Coordenador do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade (GIPE-CIT).

Ao longo de décadas de pesquisa e produção acadêmica em torno da etnocenologia, Armindo Bião buscou em suas publicações disponibilizar “algumas pistas relativas a um possível método para futuras pesquisas” (BIÃO, 2007, p.22). Baseando-se em suas próprias pesquisas e também em investigações acadêmicas de seus orientandos junto ao PPGAC- UFBA, Bião constatou que o **objeto** na etnocenologia é “O campo da pesquisa, o fenômeno espetacular de interesse” (BIÃO, 2009, p.39). Para o desenvolvimento das pesquisas relacionadas ao objeto específico da etnocenologia, Bião também constatou algumas técnicas metodológicas que foram inicialmente estruturadas em dois grandes grupos:

Há as técnicas, ou instrumentos, de pesquisa, que podem ser tomados de empréstimo às ciências do homem, aqui brevemente citadas. Aí se encontram as entrevistas (abertas, fechadas, com e sem roteiro estruturado etc), as observações participantes, as descrições etnográficas densas, os cadernos de pesquisa de campo, as histórias de vida, as coletas e transcrições de textos da literatura oral, os registros fonográficos e audiovisuais. [...] O outro conjunto de técnicas e instrumentos de pesquisa resulta da adaptação e da construção de novas técnicas, no âmbito mesmo das artes do espetáculo, informadas principalmente pela experiência dos artistas no registro de seus processos e projetos de criação, ou seja, na expressão sistemática de sua própria experiência. Nesse âmbito encontram-se os cadernos de direção, os diários de ator e as anotações para caracterização de personagens, para construção de cenários e para confecção de adereços, por exemplo (BIÃO, 2009, p.63-64).

Enquanto o primeiro grupo de técnicas metodológicas se identifica com as práticas de pesquisadores antropólogos, o segundo grupo aponta as técnicas mais desenvolvidas por pesquisadores das artes cênicas que buscam “[...] observar detalhes relativos à expressão corporal e vocal, movimentação e caracterização dos integrantes de seu objeto de estudo, invisíveis para pesquisadores com experiência restrita às ciências humanas” (BIÃO, 2009, p.64). Nesse contexto, tendo como objeto a encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos realizada na Festa de São Tiago, busquei, sob a luz da etnocenologia, identificar a dramaturgia existente na encenação da Batalha, considerada o ponto auge da Festa de São Tiago, que acontece anualmente no período de 16 a 28 de julho.

No entanto, no decorrer do processo de desenvolvimento da pesquisa, como será possível observar ao longo deste trabalho, foram mobilizados diferentes recursos epistemológicos que contribuiriam para a ampliação e modificação do olhar e da constatação

dos resultados, o que, inclusive, colocou em questão o próprio conceito de dramaturgia no contexto da Festa aqui apresentada.

TERCEIRO SINAL

Tendo iniciado a pesquisa em 2018, foi possível participar como espectadora da Festa de São Tiago por duas vezes: em 2018 e 2019. No primeiro ano, e também minha primeira experiência na Festa, passei cinco dias em Mazagão Velho, de forma mais descontraída, buscando conversar, me aproximar, conhecer a Festa e o máximo possível de pessoas, deixando ativas minha curiosidade e as percepções para os registros sensoriais dos encontros. Fiz alguns registros em fotografias, vídeos e entrevistas abertas, pedi a benção de São Tiago e São Jorge para fazer este trabalho e levei para casa duas rosas brancas que, no último dia da Festa, me foram oferecidas por dona Maria Marenice da Conceição Videira, mãe do Sr. Jozué. É comum entre os fiéis, ao finalizarem as celebrações, levarem para casa, como forma de benção sagrada, as flores naturais que enfeitam as imagens de São Jorge e São Tiago no altar da igreja. Desse modo, ao pegar as flores para ela, dona Marenice também pegou para mim dois botões de rosas brancas que, ainda hoje, tenho guardadas.

Em 2019, com o olhar mais atento e preparado para o que seria visto, realizei entrevistas semiestruturadas, além de alguns registros em áudio e vídeo do passo a passo da Festa. Nesse ano, hospedei-me por 15 dias em Mazagão Velho, tive tempo para me organizar melhor, consegui alugar um quarto e participei de quase toda a programação que se organiza entre ladainhas, procissões, missas, bingo, show musical na praça e ensaios das crianças para a apresentação de marabaixo⁹. Para ilustrar,

O Marabaixo é uma manifestação cultural dos amapaenses marcado por vários eventos ritualísticos que têm intensa participação popular e a presença de diversos atores como tocadores de caixas (tambores), cantadores e dançarinos, sendo eles, em sua maioria descendentes de negros que habitavam as localidades de Mazagão Velho, Maruanum, Curiaú e os bairros do Laguiño e da antiga Favela, hoje denominado Santa Rita, em Macapá. Crianças e adultos dão a ele um colorido especial para que a tradição permaneça (CANTO, 2017, p.11).

Durante esse período, na segunda semana de trabalho, tive uma queda de imunidade e uma séria inflamação de garganta, devido ao intenso trabalho, calor e à alimentação precária,

⁹ Para maior compreensão a respeito do marabaixo, sugere-se o acesso ao *link* <https://www.youtube.com/watch?v=xxhu6RIwmcw> para visualização do vídeo documentário **Histórias do Marabaixo**, Sala de Notícias - Canal Futura, publicado em 2015 e acessado em novembro de 2019.

pois não havia restaurantes abertos todos os dias servindo almoço, ou eu não os conhecia e, no local onde me hospedei, não havia como preparar. Então, mais uma vez fui acolhida pelo Sr. Jozué, que, além de me convidar para o café da manhã com a sempre fresca e quentinha macaxeira cozida, me ofereceu almoço bastante nutritivo com direito a açaí e peixe fresco.

Também é importante dizer aqui que a programação da Festa conta ainda com a encenação da “Batalha das crianças”, que acontece anualmente ao longo dos dias 27 e 28 de julho, encerrando a Festa de São Tiago. Nessa ocasião, a mesma encenação realizada pelos adultos é vivenciada/encenada pelas crianças da comunidade. Por vezes, serão utilizadas fotografias da encenação das crianças, objetivando ilustrar alguma cena correspondente na encenação dos adultos. No entanto, como será apresentada detalhadamente a Batalha dos adultos, optei por não me aprofundar na Batalha das crianças, evitando o desgaste com a repetição da leitura. Contudo, destaco a importância da realização desse momento, que conta com número bem menor de público, mas contribui de forma bastante positiva para a formação dos cidadãos e da cultura mazaganense.



Imagem 5: Festa das crianças. No centro, o Menino Caldeirinha em seu cavalo e Soldados Mouros e Cristãos nas laterais.

Fonte: Arquivo da autora.

Já em 2020...

Este ano foi diferente

Não teve bingo no barracão
 São Tiago não pediu pra Deus parar o sol
 E São Jorge não montou em seu cavalo
 Nem os Mascarados puderam dançar no baile
 Estavam todos em *lockdown*
 Este ano o *vomi nê* foi no coração.¹⁰

Não foi possível participar da Festa de modo presencial. O distrito foi interditado pela polícia, que disponibilizou barreira sanitária na rodovia de acesso, além de ter sido decretado *lockdown*, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) durante o período de realização da Festa. Nesse período, cheguei a falar com o Sr. Jozué por telefone. Ele contou que o clima por lá “estava muito triste”, todos estavam respeitando o isolamento social e que de fato não haveria a Festa, mas aconteceriam carreatas fazendo a transladação das imagens dos santos. Acompanhei pelo jornal local as notícias sobre a Festa com carreatas e missa celebrada na igreja com pouquíssimas pessoas, somente alguns moradores da comunidade.



Imagem 6: Carreata com transladação das imagens. Foto de Gabriel Penha.

Fonte: Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/0707/festa-de-sao-tiago-2021-sera-restrita-a-vila-de-mazagao-velho>

Infelizmente, a tristeza nessa data não foi somente pela ausência da Festa, mas também pela ausência do público que gera renda para a comunidade. Em 2019, a Festa atraiu em média

¹⁰ Texto produzido pela autora e publicado em seu Instagram pessoal (@julianalemos30), em 28 de julho de 2020.

50 mil pessoas, segundo a Polícia Militar em reportagem de Alice Valena (2019), disponível no *site* Governo do Amapá¹¹. Muitas famílias da comunidade dependem da renda adquirida nesse período para sobreviverem e se preparam durante todo o ano para receber o público, com aluguel de quartos em suas próprias casas, com a venda de produtos alimentícios, artesanatos, dentre outros. Além dos ambulantes que se instalam em barracas durante o período da Festa para venderem roupas, produtos de utilidades domésticas etc. Realmente, foi um momento muito triste e difícil para a comunidade, que se uniu pela fé e solidariedade para passar por mais esta dificuldade.

Em 2021, com o país ainda enfrentando os desafios impostos pelo coronavírus, foi novamente decretado *lockdown* em Mazagão Velho no período de realização da Festa. Mas, dessa vez, a comunidade estava mais preparada e contava com grande parte da população moradora do distrito imunizada; muitos, inclusive, já tinham recebido a segunda dose das vacinas. Desse modo, a Associação da Festa de São Tiago, junto com a Prefeitura Municipal e comunidade, planejou a realização da Festa mantendo os ritos religiosos de modo reduzido e com transmissões ao vivo por meio de *lives* na internet. Busquei acompanhar toda a programação disponível pelas *lives* que foram transmitidas em dispositivos diversos, entre eles a página da Prefeitura de Mazagão no Facebook.¹²

MENU G1 AMAPÁ RIDE AMAZÔNICA BUSCAR

Festa de São Tiago será mais uma vez restrita à comunidade de Mazagão Velho; veja programação

Público de fora poderá acompanhar compromissos por transmissões ao vivo pela internet. Evento acontece entre 16 e 28 de julho, mantendo apenas atividades religiosas.

Por G1 AP — Macapá
08/07/2021 18h39 · Atualizado há 2 semanas

Imagem 7: Divulgação da programação da Festa de São Tiago de 2021.

Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2021/07/08/festa-de-sao-tiago-sera-mais-uma-vez-restrita-a-comunidade-de-mazagao-velho-veja-programacao.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/2307/veja-a-preparacao-de-mazagao-velho-para-a-festa-de-sao-tiago> Acesso em: 30 jan. 2021.

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/prefeiturademzg/posts/>

Contudo, cabe ressaltar que o planejamento previsto no projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação, no que diz respeito à pesquisa de campo, sofreu grande impacto negativo, devido à condição instaurada pela pandemia ao longo de 2020 e 2021. Inicialmente, foram previstas quatro imersões na Festa de São Tiago no período entre 2018 e 2021. No entanto, somente duas imersões aconteceram. Graças às experiências vivenciadas nesses dois momentos e ao suporte oferecido pelo Sr. Jozué e também pelo professor Antônio José Pinto ao telefone durante todo o processo, pude desenvolver este trabalho.

ABREM-SE AS CORTINAS

Amparada por encontros, afetos, leituras, reflexões, construções, desconstruções e reconstruções, dei início ao processo de escrita da tese. Na produção do primeiro capítulo, nada melhor e mais necessário do que contar uma história. Assim como o Sr. Jozué fez ao me receber em sua casa, busco apresentar os personagens e a história de Mazagão Velho, um enredo que envolve o cruzamento de territórios, narrativas, culturas e povos. Raras foram as bibliografias encontradas para ajudar a contar essa história que ainda hoje se vê e ouve falar em Mazagão Velho. Como bem-informados por Augusto Ferreira do Amaral (2007, p.9), “Mazagão continua a ser, para boa parte dos portugueses, um nome de referente desconhecido”. O autor aborda seu país como exemplo; contudo, verificando a bibliografia disponibilizada no contexto geral, foi possível observar a escassez de publicações originais que contemplem o tema, o que nos leva a concluir que a história de Mazagão ainda é pouco abordada mundialmente. No entanto, destacam-se duas narrativas históricas utilizadas como referência nesta pesquisa: **Mazagão – A epopeia portuguesa em Marrocos**, de autoria do advogado de origem portuguesa, Augusto Ferreira do Amaral (2007), e **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783), do historiador de origem francesa, Laurent Vidal, com publicação em francês (2005) e em português (2008). E claro: atenta ao “Perigo de uma história única”, parafraseando Chimamanda Ngozi Adichie (2009), e utilizando da etnometodologia¹³ prevista pela etnocologia, busco apresentar também as narrativas da própria comunidade por meio da transcrição de trechos de entrevistas e/ou conversas realizadas com alguns moradores, como já mencionado.

¹³ Os etnométodos são os métodos usados espontaneamente pelos indivíduos para realizarem o conjunto de ações necessárias ao desenvolvimento de suas atividades cotidianas. A etnometodologia seria então o estudo dos vários grupos sociais, partindo-se da análise dos meios utilizados em cada grupo para desempenhar suas atividades cotidianas e também dos recursos usados para exprimir e interpretar o conjunto dos signos produzidos na realidade social (SANTOS, 2012, p.48).

Contudo, é necessário entender que Mazagão Velho, como atualmente é chamado, não teve sua origem no Amapá, mas sim em outro continente, o africano, ainda no século XVI, em decorrência da reconquista de territórios não convertidos ao cristianismo. Além dos interesses religiosos, também os interesses econômicos que impulsionaram a expansão marítima, como as rotas de circulação de ouro, o tráfico de pessoas escravizadas e a comercialização de especiarias, proporcionaram a posse e fundação de Mazagão pelos portugueses em 1514 em uma localização estrategicamente beneficiada.

O segundo capítulo se dedica à contextualização histórica da Festa de São Tiago, tendo como referência a primeira Festa realizada na Mazagão brasileira de que se tem registro, em 1777. Também se dedica à apresentação dos personagens principais da encenação, as Figuras¹⁴ de São Tiago e São Jorge, levando em consideração os aspectos históricos, religiosos, culturais, políticos e sociais.

O terceiro capítulo se dedica à encenação da Batalha. Embora seja impossível a reconstituição da encenação, busco apresentar a experiência vivida na Festa de 2019, por meio da transcrição dos áudios captados.

Ao longo de todo o trabalho, busco apresentar elementos que contribuam para uma compreensão global da encenação, levando em consideração que esta pesquisa se destina a leitores e pesquisadores que buscam conhecer, em certa medida, este contexto. Nesse sentido, proponho, por meio da estrutura de apresentação do texto desta tese, uma aproximação da experiência de recepção, no que diz respeito à temporalidade vivenciada por mim junto à comunidade. Por esse motivo, demonstro já no início do primeiro capítulo o recorte que trata da **Chegada do Santo e Abertura da Festa**, que acontece no dia 16 de julho. A **Alvorada** e o **vominê**, que acontecem na madrugada do dia 24 de julho, são apresentados no início do segundo capítulo. Esses momentos estão mais relacionados à parte religiosa da Festa de São Tiago, mas também contribuem para o contexto da encenação e são, portanto, apresentados de modo a integrar a contextualização histórica e a teatralidade existentes na Festa. Já a encenação da Batalha tem início no dia 24 de julho à tarde, com o episódio da **Entrega dos Presentes**, e término no dia 25 de julho com a vitória dos cristãos. A sequência de acontecimentos desses dois dias é apresentada no terceiro capítulo de maneira intensa e tem por objetivo a proximidade com o vivido e a valorização dos elementos e informações disponibilizados pelos membros da comunidade, como será possível observar.

¹⁴ Figura é o termo atribuído pelos moradores de Mazagão Velho para identificar os personagens principais da Festa (São Tiago, São Jorge, Menino Caldeirinha e Atalaia). O termo será utilizado com a inicial maiúscula, bem como todas as palavras que fizerem referência aos elementos da encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos.

Por fim, considero que a história de Mazagão Velho e todas as suas ramificações nos âmbitos sociais, culturais, políticos etc. necessitam de maiores estudos, para que seja reconhecida e valorizada toda a trajetória de luta e resistência dos povos que a construíram e constroem cotidianamente ainda nos tempos atuais. Tentando contribuir um pouco para essa valorização, peço licença ao povo de Mazagão, aos que já o habitaram e aos que ainda o habitam para que, com as bênçãos de São Tiago, São Jorge e Ogum, eu possa apresentar aqui o que consegui enxergar pelo buraco da fechadura que olhei.

Escrevo em primeira pessoa, assumindo o meu lugar de fala enquanto “estrangeira” àquelas terras e culturas. Porém, minha fala não se formou sozinha, contou com as histórias, memórias, encontros e afetos colhidos em meio à comunidade que me recebeu de braços e portas abertas. Minha fala também carrega os apontamentos sinceros, questionadores, mas também acolhedores da minha orientadora. Por isso, quando digo “eu”, leia-se também “nós”.

1. PRIMEIRO ATO: “Este é meu Mazagão”

*Este é meu Mazagão
Terra de meu coração
Enfrentou mares e ventos
Em busca de um novo chão.*

(Ladrão¹⁵ de marabaixo, por Jozué da Conceição Videira)

1.1. A chegada do Santo e Abertura da Festa de São Tiago – 16 de julho de 2019



Imagem 8: Principais ruas de Mazagão Velho em 2019.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

¹⁵ “Os ladrões são as músicas do Marabaixo cantadas pelas cantadeiras e pelos cantadores. Algumas pessoas têm a responsabilidade de cantar o ladrão colocando os versos, esses são os puxadores, enquanto outros respondem entoando o refrão, que geralmente é o primeiro verso de cada composição” (IPHAN, 2017).

Era uma terça-feira, 16 de julho de 2019, por volta de 17 horas¹⁶, quando homens, mulheres, idosos, crianças de várias idades se reuniram no cruzamento da Travessa Senhora da Assunção e Rua Dom Macedo Costa, onde se localiza o portal de entrada de Mazagão Velho e também a singela Capela de São Tiago. Ali, estávamos todos aguardando a “chegada do santo”! No dia 13 de julho, a imagem de São Tiago saiu de Mazagão Velho em direção a Macapá. Lá cumpriu uma agenda de visitas a casas de alguns antigos fiéis e espaços de órgãos públicos, como hospital, prefeitura etc., rememorando os tempos antigos em que saía de Mazagão Velho em um barco, navegando pelo rio Mutuacá, em direção às casas dos festeiros, que contribuíam financeiramente para a realização da Festa. No caminho, iam recebendo doações de produtos para serem leiloados ou sorteados no jogo do bingo, realizado nas noites ao longo da festividade. Atualmente, essa transladação do santo acontece na capital do estado, e os apoios financeiros, embora ainda continuem sendo de parte dos festeiros, também contam com o Governo do Estado e Prefeitura Municipal. O Sr. Jozué conta um pouco como funciona:

Juliana: E o santo vai pra Macapá, né? Como funciona essa saída? Nesse caso, o estandarte vai junto?

Sr. Jozué: O estandarte vai junto e na verdade eles sempre fizeram isso pelo rio. Então, o São Tiago saía ainda no mês de junho para visitar as comunidades ao longo do rio, junto com uma comissão em canoa. E lá pelo dia 8 ou 9 de julho eles já tinham que estar por aqui de volta porque ali já tinha um preparo para o dia 16 que é o início da Festa.

Juliana: E tinha alguma forma de escolher para qual comunidade eles iriam?

Sr. Jozué: Não, não. No caminho eles iam até onde dava. E eles acabavam trazendo muitas coisas que eram doadas pelas comunidades e eram leiloadas para ajudar na Festa.

Juliana: Ah, então a transladação era também uma forma de arrecadação.

Sr. Jozué: É... Eles iam levar São Tiago até a casa dos fiéis e esses fiéis, em agradecimento, acabavam dando pato, porco, boi. Tudo o que tinha de animal e que podia ser leiloado e que ajudava na festa.

Juliana: E atualmente tem uma data específica para a saída do santo?

Sr. Jozué: Agora ele sai ali pelo dia 13 de julho e dia 15 já estão aqui, porque dia 16 já começa a Festa de São Tiago. E hoje eles vão para Macapá de carro, que é mais fácil. Vai somente o santo São Tiago, mas não é o grandão não, é uma réplica menor e os figurantes também vão de São Tiago e de São Jorge.

Juliana: E por que não vai a imagem grande?

Sr. Jozué: Porque é arriscado andar muito com ele. Ele pode quebrar, pode danificar. Antes, ele saía mesmo, mas acho que no barco era até mais fácil dele andar.¹⁷

Enquanto aguardamos a chegada do santo, o público vai aumentando, as crianças vão ficando mais ansiosas, as cigarras começam a cantar e os carapanãs a se aglomerarem em nossas pernas. Algumas mães e avós balançam pequenas toalhas ou fraldas de tecido para espantá-los

¹⁶ Por volta das 4 horas da manhã deste mesmo dia, já teria acontecido a “Alvorada de São Tiago”, mas cheguei à comunidade por volta das 15 horas e não a acompanhei.

¹⁷ Para diferenciar e identificar no texto desta tese os trechos de transcrição do material coletado (entrevistas e áudios captados durante a Festa), optei por apresentá-los em itálico.

de perto das crianças, evitando as picadas. Os sons de foguetes, que antes ouvíamos ao longe, agora parecem se aproximar junto com um caminhão de som, uma espécie de trio elétrico pequeno, que chega seguido por uma pequena carreata. Em meio ao som das buzinas e foguetes, a emoção toma conta de todos nós que aguardávamos por este momento, enquanto Soldados Mouros e Cristãos se organizam no gramado da capela em duas filas, uma de frente para a outra, formando um corredor até a entrada da capela.



Imagem 9: Caixaeiro cristão com seu instrumento de toque.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na porta, os Caixaeiros, que são os senhores tocadores das caixas (tambores) e que assumem a função de Arautos em momentos específicos na encenação, se posicionam e iniciam o toque das caixas. Em seguida, as Figuras de São Jorge e São Tiago entram na capela e saem

carregando nas mãos as respectivas imagens. Já na rua em frente à capela, os soldados e o público se organizam para um cortejo de transladação dos santos, momento que é também chamado de “Círio”.

Juliana: O senhor me falou que existem duas caixas que vieram do Marrocos. Me fale mais sobre elas?

Sr. Jozué: Hoje elas ficam guardadas na casa da dona Joaquina, uma de cobre e uma de madeira. Nós sempre usamos na Festa de São Tiago, porque cada atividade cultural tem seu instrumento e essas caixas são somente da Festa de São Tiago. A manutenção é feita todo ano quando já estamos próximo ao mês de junho, quando se aproxima a Festa. Se precisar trocar o couro a gente troca, faz o que for preciso.

Juliana: E o peso delas?

Sr. Jozué: Elas não pesam muito, são bem leves. Você observa que hoje, com as oficinas de instrumentos do grupo, as crianças já tocam essas caixas. Elas são grandes, mas são leves. [Ele se refere ao grupo de marabaixo mirim que coordena o chamado Raízes do Marabaixo.]

Juliana: O senhor me falou que tem vários toques diferentes. Quais são?

Sr. Jozué: Tem muitos toques. Na verdade, eles se comunicavam através desses toques. Principalmente o lado cristão, quando era pra ir e quando era pra voltar, era uma espécie de sirene. Também existiam os toques de alerta, para alertar que ali poderia estar se aproximando uma nova batalha. Então ainda hoje as pessoas que tocam as caixas, tocam de acordo com aquilo que vai acontecer e, de acordo com o que eles tocam, já ficam sabendo o que vai acontecer, a comunicação deles era através das caixas. Os mouros também usam um toque, mas o toque deles é sempre o mesmo. Acho que foi uma questão de improviso também para chamar a atenção de todos os soldados. E o instrumento deles também é diferente do instrumento que os cristãos tocam. Eles usam uma espécie de cabaça que eles improvisaram colocando uma pele e utilizaram para se comunicar. Não é uma caixa.

Juliana: Quando o senhor fala de caixa, são as mesmas caixas de marabaixo?

Sr. Jozué: Não, não... são diferentes. Por isso que eu falo: cada manifestação possui seus próprios instrumentos diferentes um do outro. Então, não se usa a caixa de marabaixo na Festa de São Tiago e não se usa a caixa de São Tiago no marabaixo. Essa caixa de São Tiago eles chamam de Cabanas.

Juliana: E o que as diferencia das caixas de marabaixo?

Sr. Jozué: O tamanho, o som, pelo tamanho que elas têm o som é muito diferente. É mais pesado, um grave muito forte que se ouve muito longe e o jeito de tocar que não tem nada igual ao marabaixo, é muito diferente. Então, pra você ter essa noção, porque os cristãos usavam espadas e os muçulmanos usavam lanças, cada um tinha seu próprio instrumento e sua própria arma que eles mesmos produziam.

Juliana: E essa cabaça dos mouros também é feita aqui?

Sr. Jozué: Sim, nós fazemos. É uma árvore rasteira, que é igual ao pé de jerimum, que dá uma fruta igual a um jerimum muito grande, só que ela serve pra carregar água. As pessoas usam para carregar e guardar água, e eles acabaram fazendo um instrumento que chamam de Cumbuca.



Imagem 10: Instrumento de toque dos mouros (à frente) e dos cristãos (ao fundo).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Voltando à formação do “Círio”, que se organiza na rua Dom Macedo Costa: no centro de um corredor formado pelos Soldados Mouros enfileirados à esquerda e Soldados Cristãos à direita, vai um soldado mouro carregando sua bandeira vermelha. Logo atrás desse soldado, vão os três Arautos Cristãos que tocam as caixas ao longo de todo o percurso. Em seguida, a Figura de São Tiago em seu cavalo, seguido de quatro homens, um em cada ponta, carregando o andor com uma imagem grande de São Tiago e outros quatro homens que carregam o andor de São Jorge. Também segue um Soldado Mouro de mãos dadas a uma criança (o Menino Caldeirinha) vestida com o uniforme mouro. Por último, a Figura de São Jorge também em seu cavalo ocupa o meio da pista. Logo em seguida, os fiéis acompanham o Círio, tendo na primeira fila, após a formação inicial das imagens, os fiéis que carregam imagens dos santos Tiago e Jorge para serem abençoadas ou como forma de pagar promessa.

Ainda ao som das caixas e com alternados foguetes estourando no céu, o “Círio” segue pelas principais ruas de Mazagão Velho. Ao longo do trajeto, nas varandas ou calçadas das casas, pessoas jovens, adultos, crianças e idosos observam e se emocionam com a passagem dos santos, algumas mulheres fazem o sinal da cruz e em postura de oração pousam uma mão

no coração, enquanto a outra fica estendida em direção aos santos. É comum em Mazagão Velho terem uma espécie de altar, com imagens de diversos santos, montado na sala de entrada das casas, mas, neste momento, em algumas casas, o altar se estende à calçada, e é, por vezes, ornado por flores e velas acesas.



Imagem 11: Altar na calçada.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No geral, a paisagem já está bem modificada, algumas fachadas tiveram a pintura renovada, outras ainda estão terminando os reparos. No final da rua João Coelho e rua Senador Flexa, as barracas dos ambulantes que vendem roupas, artigos de cozinha, comidas, artesanatos e outros itens já estão se instalando. Também já foram montadas as arquibancadas para o público assistir à encenação que será realizada no dia 25 de julho na rua Senador Flexa, entre a Igreja de Nossa Senhora da Assunção e o rio Mutuacá.

Ao chegarmos em frente à igreja, os estouros dos fogos se intensificam, os sinos da torre tocam ritmados acompanhando o toque das caixas. Na porta, novamente se forma o corredor de Soldados Mouros e Cristãos. Assim como aconteceu na Capela anteriormente, os caixeiros entram tocando e se direcionam ao altar onde fazem um toque longo. São Tiago e São Jorge descem dos cavalos e entram na igreja carregando as pequenas imagens dos respectivos santos. Os fiéis, que já adentraram à Paróquia Nossa Senhora da Assunção, aplaudem a entrada das Figuras que se posicionam um em cada lado do altar, de frente para os fiéis. Os Soldados também entram na igreja, tanto os Mouros quanto os Cristãos, seguidos pelos homens que

trazem os andores dos santos com as imagens maiores, além do padre e restante dos fiéis que acompanhavam do lado de fora.

As caixas então são colocadas no chão em frente à mesa central do altar e inicia-se a celebração religiosa com a leitura das intenções da missa, citando nomes de pessoas da comunidade e seguindo o rito com canto de entrada dedicado a Maria mãe de Jesus. As Figuras se sentam cada uma abaixo e à frente de seu respectivo andor. O padre inicia a liturgia, enaltecendo o “Glorioso São Tiago e Senhor São Jorge”. A primeira leitura é feita pela Figura de São Jorge. As Figuras de São Jorge e São Tiago fazem juntos reverência ao altar, e São Tiago sobe para fazer a leitura do salmo responsorial. A homilia segue ilustrando que São Jorge e São Tiago “ouviram a palavra de Deus e a executaram”.

Ao final da celebração, para homenagear o dia 16 de julho, um senhor apresenta um texto de sua autoria.

Para todo o povo de Mazagão, é motivo de satisfação e orgulho dar início à sua maior manifestação cultural e religiosa neste 16 de julho.

Hoje começa a nossa festa
 Já teve até Alvorada
 Eu não sei dizer a hora certa
 Eu só sei que foi de madrugada
 No alto da igreja, o sino começou a tocar
 E uma linda queima de fogos
 com certeza fez o céu iluminar
 Rufaram também os tambores
 em um tom bem afinado
 Convidando venham todos
 senhoras e senhores
 Começou a festa de São Tiago.
 Da igreja para a Capela
 o Santo será levado
 a noite em uma procissão tão bela
 Para igreja será transladado
 e na igreja então será rezada
 a novena de São Tiago.
 Diante da imagem enfeitada
 O povo rezará ajoelhado.
 Começa então em Mazagão
 a Festa de São Tiago.
 A maior manifestação
 cultural do nosso estado.
 Você que veio de fora
 para a Vila de Mazagão,
 que São Tiago te receba agora
 com a sua santa espada na mão.
 Para que juntos nós possamos
 rezar ao cavaleiro da santa cruz,
 para que quando a nossa morte chegar

ele nos leve aos pés de Jesus.
 Eu te peço: Ó, São Tiago Guerreiro,
 tu que vencestes a batalha pelos cristãos,
 protegei os povos do mundo inteiro
 começando pelo povo de Mazagão.
 Muito obrigado!

Todos aplaudem fortemente. O padre dá a bênção final com a intercessão de São Tiago e São Jorge, e todos cantam em louvor a São Tiago¹⁸. Ao final, uma das mulheres do grupo de canto diz: “Louvado seja o Sagrado Coração de Jesus!”. Todos respondem: “Para sempre seja louvado!”. A mesma mulher continua: “Viva São Tiago!”. Todos respondem em alegria: “Viva!!!” e aplaudem em festa. Então, contribuindo para o sentimento de alegria e festa que se inicia, os sinos tocam ao mesmo tempo que os foguetes, também chamados de “fogos” na comunidade, explodem no céu. Canta-se “Parabéns” para a Sra. Joaquina Carmelita que está aniversariando, enquanto os fogos continuam e a maioria dos fiéis já vai se retirando da igreja. As pessoas se encontram na porta e ficam conversando; outras se dirigem às imagens dos santos para tocar, fazer orações e/ou deixarem uma fita colorida em seus ombros.

“Amanhã começa a novena às 18 horas, antes da missa”, como dito pelo padre ao final da celebração. Na novena, que segue até o dia 24 sendo rezada pelas mulheres religiosas da comunidade, incluindo as crianças, um dos destaques é a ladainha (Anexo I) que ainda é cantada em latim por todas elas. É interessante observar que, apesar de existir um folheto da Festa contendo as músicas, pouquíssimas mulheres o utilizam, mesmo as crianças cantam a ladainha sem precisar recorrer ao folheto, o que reforça o contexto da tradição¹⁹. Além da novena, acontece também até o dia 28 de julho a passagem dos caixeiros anunciando o *vomi nê* do meio-dia. A esse respeito, será possível compreender melhor no segundo capítulo desta tese.

Enquanto isso, lá fora da igreja, acompanhando dona Marenice, sigo, juntamente com os adultos e idosos em maioria, para o Barracão onde acontecerá o bingo. Este é o mesmo local onde é realizado o Baile de Máscaras no dia 24 de julho.

¹⁸ No Anexo I, ver o “Hino de São Tiago”.

¹⁹ Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que têm um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma (LUVIZOTTO, 2010, p.65).



Imagem 12: Dona Maria Marenice no Bingo.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em outra direção, os caixeiros vão tocando e, na companhia dos Soldados, seguem para a casa dos festeiros onde cantam e dançam o *vomi nê*. A última casa é a do senhor Agostinho e dona Nilza, onde são guardados os estandartes.



Imagem 13: As cores da Festa no céu de Mazagão Velho.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A lua, que neste dia se prepara para um eclipse parcial, brinda o céu de bandeirolas coloridas de Mazagão Velho. As cores branco, vermelho, amarelo e verde são as tradicionais da Festa, estão relacionadas ao modo como a comunidade identifica as “vestimentas” dos santos e soldados e estão presentes em toda a decoração, inclusive nas fitas que ornamentam os andores dos santos, como nos contou o professor Antônio José Pinto, atualmente o narrador da Batalha entre Mouros e Cristãos.

As fitas também, colocadas no santo, elas são caracterizadas pelas cores da Festa, né. E muito a caráter de cada pessoa ou promesseiro. Geralmente, a maioria daquelas fitas colocadas no santo são colocadas pelo promesseiro. Aí, fica a caráter: uns trazem amarelo, outros vermelho, outros branco, outros azul, de acordo com cada necessidade ou de acordo com aquilo que a pessoa quer oferecer ou pagar sua promessa. Então, aquelas cores realmente simbolizam a fé diferenciada de cada um, ou seja, cada um leva ali sua oferenda pra São Tiago, né. As vezes a pessoa faz uma promessa de dar a altura em fita e muitas das vezes é comprada de acordo com aquilo que a pessoa quer oferecer ao santo. Geralmente, as pessoas focam muito pra questão realmente das cores que o cavaleiro São Tiago da Espada está usando. As cores realmente, principalmente do figurino de São Jorge e São Tiago, simboliza a vestimenta do santo, né, da imagem do santo que tem na comunidade. Então a Festa, ela é traduzida dessa forma. Eu não posso dizer com certeza como foi adquirida essa questão da vestimenta moura, né, o porquê do vermelho, mas com

relação à vestimenta cristã e com relação às cores na Festa, é justamente pela questão mesmo da forma que o Santo está representado como cavaleiro de São Tiago.



Imagem 14: São Tiago envolto de fitas.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

São, portanto, no que diz respeito aos trajes utilizados na encenação da Batalha de Mazagão Velho, as cores amarelo e verde destinadas a São Jorge e São Tiago respectivamente; o branco, aos Cristãos; o vermelho, aos Mouros. Tais cores também são comumente utilizadas nas festas de mouros e cristãos em outras regiões do país. Seus simbolismos são apresentados na revista **Sagarana**, no artigo de Cezar Felix.

A fita vermelha simboliza o período das guerras, das cruzadas, das lutas pela unificação da terra santa e do cristianismo. A fita amarela é o símbolo do ouro, da realeza e das conquistas dos cristãos. A fita verde representa a esperança da conquista e do cristianismo unificado e a azul significa a salvação, o céu, esperança maior de todos os cristãos (FONSECA; SILVA *apud* FELIX, 2020).

Desse modo, o simbolismo atribuído às cores, num contexto geral das Batalhas de Mouros e Cristãos no Brasil, também contempla a utilização das mesmas cores em Mazagão

Velho. No entanto, o mais comum para o traje dos cristãos nas demais festas brasileiras e também em outros países é a cor azul e não o branco, como usado pelos mazaganenses.



Imagem 15: As Figuras de São Jorge e São Tiago.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A imagem apresentada acima, captada no momento pós-Missa campal, realizada na manhã do dia 25 de julho, considerado como ponto auge da Festa no que diz respeito aos aspectos religiosos, tem por objetivo ilustrar a “vestimenta” de gala das Figuras principais da Festa. Destaco que durante a encenação da Batalha, as Figuras de São Jorge e São Tiago usam uniformes brancos, assim como o restante dos Soldados Cristãos, sendo diferenciados somente por ombreiras amarelas para São Jorge e verdes para São Tiago como na imagem abaixo.



Imagem 16: A “vestimenta” dos Soldados Cristãos.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Já os Soldados Mouros utilizam as cores vermelho e branco, sendo que a capa branca é também utilizada somente no momento da Missa campal e não durante a encenação da Batalha. No capacete mouro, além do formato diferente dos capacetes cristãos, também se utilizam pequenos espelhos, o que remete às vestimentas marroquinas.



Imagem 17: A “vestimenta” dos Soldados Mouros.
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A “vestimenta” da Festa, bem como o pagamento da mão de obra das costureiras atualmente ficam a cargo do governo do estado. A equipe da costura se organiza anualmente para produzir em média 50 uniformes, e, às vezes, o trabalho é finalizado horas antes da encenação da Batalha.

Uma das costureiras é Fátima Aleluia, que faz esse trabalho há mais de 30 anos. Ela relata que a confecção das indumentárias não é só um simples trabalho de costura. “É minha contribuição. Faço isso todo ano e sem querer receber algo em troca, pois o que recebemos é uma ajuda. Mas, mesmo que não recebêssemos nada, como antes, mesmo assim nós iríamos continuar costurando”, disse, emocionada (FAÇANHA, 2017).



Imagem 18: Dona Fátima, em produção, no Centro Cultural Raízes do Marabaixo.
Fonte: Arquivo SECULT.

Já a tradição na costura das “vestimentas” das Figuras de São Jorge, São Tiago e Menino Caldeirinha especificamente é passada de mãe para filha, como conta Anne Santos (2019) em entrevista a Fabi da Silva, filha de Rosicema Viana, divulgada no *site* do Governo do Estado do Amapá. Desde pequena, Fabi acompanhava a mãe na costura e com o tempo se envolveu e desenvolveu as habilidades necessárias para substituir a mãe em 2015, quando esta perdeu a visão e, mesmo assim, conferia o trabalho de Fabi tateando as roupas com as mãos.

“Ela conferia tudo apenas com o tato e dizia o que estava errado. Teve um ano que foi preciso eu refazer a costura da roupa de uma figura, pois não estava de acordo com a tradição e não seria possível encenar dessa forma”, recorda Fabi. Esta é a segunda edição que a estilista está à frente da missão. Para o trabalho, ela conta com a ajuda do irmão, Marlon Viana, sempre lembrando os ensinamentos e tradições repassados pela mãe. “Começou com a vovó Iracema, que ensinou a minha mãe e agora eu herdei essa missão, que é inexplicável. São vários sentimentos, e a vontade de fazer tudo como ela fazia”, afirmou (SANTOS, 2019).



Imagem 19: Fabi da Silva, em produção dos trajes das Figuras.

Fonte: Maksuel Martins/Secom.

Outras funções são estabelecidas e delegadas a pessoas diversas da comunidade que se organizam para estar em dia com a manutenção das caixas e a segurança dos estandartes, por exemplo. Como observado nas falas de dona Fátima e também no relato da Fabi, existe um grande contentamento em realizar tais funções por anos a fio, mesmo que seja sem remuneração financeira. Para o Sr. Jozué, é um ato impulsionado pela fé.

Eu vejo assim: é a questão da fé das pessoas. Eles fazem questão de cuidar desse material, tem mulheres que se oferecem para lavar, outras pra passar. É uma questão de fé, é o que eu acredito, doação pela fé para manter isso vivo também.

E assim a tradição vai se mantendo, sendo repassada de geração em geração e movimentando o cotidiano pacato do pequeno distrito que se ocupa de um vasto calendário de festas religiosas ao longo do ano.

Um ponto, assim, que eu deixei escapar com relação ao vestuário das duas tropas, é que realmente é como se uma fosse alvejada na paz, na fé e a outra fosse alvejada no sangue. Assim como era a doutrina do profeta Maomé, que ele fundamentava justamente a sua crença na questão da guerra mesmo, alcançá-la a qualquer custo. E deixar bem claro que a Batalha entre Mouros e Cristãos foi uma guerra ideológica, de religião mesmo. De um lado, os portugueses fundamentavam sua fé no catolicismo, e de outro, os muçulmanos que fortaleciam sua fé nas profecias de Maomé. Então, há toda uma diferença entre essas duas profecias, tanto a de Maomé quanto a de Jesus Cristo.

Com essa fala do professor Antônio José Pinto, em que se destaca a relação da cor branca com a paz, e conseqüentemente a religião cristã profetizada por Jesus; a cor vermelha ligada à guerra e aos seguidores do islamismo profetizado por Maomé e a oposição entre as duas partes, faz-se necessário compreender os contextos históricos aos quais pertencem os Mouros e Cristãos a que nos referimos nesta encenação.

1.2. Mouros e Cristãos

Ao nos depararmos com o termo “Mouro”, qual definição nos vem à mente? Quais são nossas referências para ilustrar a imagem do mouro que conhecemos ou sobre o qual ouvimos falar? Entendendo que há várias interpretações para o mesmo termo, houve a necessidade de identificar qual seria a definição que mais se aproximaria do mouro ao qual nos referimos neste trabalho. Na tese de doutorado denominada **Figurações do Mouro na literatura portuguesa: o lado errado do Marenostro?**, a pesquisadora Carla Carvalho Alves (2010) apresenta algumas definições para o termo, utilizando-se de outros pesquisadores do tema. Várias reflexões são sugeridas na tese de Alves, principalmente abordagens que partem do olhar português, que construiu ao longo dos séculos um conjunto de lendas e crenças a respeito dos mouros. Tais lendas, que, de certo modo, excluía os mouros da categoria de seres humanos, ilustram a “demonização” do sujeito mouro por sua oposição religiosa e pela “sexualização” da mulher moura, vista como encantada e protetora de uma grande riqueza:

[...] à luz dessa inspiração, construída no contexto de um imaginário medieval, os mouros, com sua riqueza e com sua sensualidade (corporizada na figura das mouras) produziram sobre os humanos um efeito tentador, conduzido pelo

demônio, cujo objetivo seria atraí-los ao inferno (PARAFITA, 2006, p.86 *apud* ALVES, 2010, p.19).

No entanto, foi possível concluir, por meio dos estudos de Alves (2010, p.14-15), que, para além do sentido místico, o termo mouro, do latim *maurus*, é atribuído aos “habitantes da Mauritânia”, englobando “povos de origem árabe, síria e persa”. O mesmo termo também se refere aos invasores “muçulmanos da União Ibérica” e “sobretudo aos habitantes islâmicos do Norte da África”. Desse modo, a definição que mais atende ao contexto que se pretende explorar nesta pesquisa é o apresentado por Moreira (2005, p.79 *apud* ALVES, 2010, p.15):

Mouros são afinal, com alguma consciência, as populações muçulmanas: os dominadores árabes, os berberes islamizados, os muçulmanos que se conservam na península depois da conquista cristã ou os que os navegadores vão reencontrar, a partir do século XV, nas suas expedições em África e na Ásia.

Nesta pesquisa, o termo mouro faz referência aos habitantes do norte da África, mais especificamente do Marrocos, que, além de enfrentarem as batalhas travadas pela reconquista cristã, também lutaram contra os colonizadores portugueses a partir do século XV até meados do século XVIII.

O Marrocos, “país das águas” (VISENTINI, 2010, p.4), está situado na entrada do mar Mediterrâneo e é um país integrante do Maghreb “(Al-Maghrib) que significa ‘O Poente’”. Compreende as terras mais a oeste do **mundo muçulmano** [...]” (SILVA, 2012, p.19).



Imagem 20: Identificação da região do Maghreb.

Fonte: Disponível em: <http://labirinternacional.blogspot.com/2012/04/desafios-internacionais-do-magreb.html> Acesso em: 11 ago. 2020.

O país está localizado no Norte da África, separa-se do continente europeu por meio do Estreito de Gibraltar, que conecta o mar Mediterrâneo ao oceano Atlântico Norte e deixa o Marrocos a aproximadamente 15 km de distância da Espanha. Por meio do deserto, separa-se do restante do continente africano (KORMIKIARI, 2007, p.251).

Possui um extenso litoral de 3500 km dividido entre o Oceano Atlântico Norte e o Mar Mediterrâneo. O país se divide em três zonas geográficas diferentes: a noroeste, férteis planícies costeiras, com clima mediterrâneo e chuvas regulares; o interior é dominado por altos picos das montanhas do Rif, Atlas e Anti-Atlas, com a ocorrência de neve no inverno; a sul e a leste, o deserto do Saara, com temperaturas altas e poucas precipitações (SILVA, 2012, p.4).



Imagem 21: Localização geográfica do Marrocos em relação à Europa.

Fonte: Disponível em: <http://www.francisswim.com.br/fs/cruzando-o-estreito-de-gibraltar-em-2019-com-neda-el-mon-swim-the-world/> Acesso em: 29 jun. 2020.

Os povos originários do Marrocos são chamados de berberes, embora no dialeto autóctone *tamazight*, os próprios berberes se autodenominem *imazighen*, os grupos indígenas da Antiguidade, como nos relata Kormikiari (2007):

O uso da palavra berbere, descrevendo os habitantes indígenas do Maghreb, surge no século VII d.C. com a chegada dos árabes na região. É possível que a palavra tenha se originado a partir de uma corruptela da palavra latina *barbari*. Durante o período de ocupação colonial europeia sedimentou-se como denominação dos habitantes locais originais. Apesar de poder ser considerada anacrônica foi adotada pela historiografia moderna para designar os habitantes autóctones, visto que foi este o sentido dado a ela pelos árabes.

De maneira análoga, a historiografia denomina Berberia o Maghreb, identificando três áreas distintas: Berberia Ocidental (Marrocos e Argélia ocidental); Berberia Central (Argélia central) e Berberia Oriental (leste da Argélia e Tunísia) (KORMIKIARI, 2007, p.252).

Devido ao tardio desenvolvimento da escrita berbere, o que se deu somente no século IV a.C., quando já existia o contato com os povos fenícios e cartagineses, escassos foram os textos encontrados a respeito do desenvolvimento do povo berbere escritos por eles mesmos.

Pouco ou nada da época, que se saiba, ficou escrito em árabe ou berbere, que directa ou indirectamente forneça informação minimamente minuciosa, relevante sobre o dia a dia da resistência moura ao invasor português. E muito menos tal se praticou nas regiões que mais de perto lidavam com Mazagão (AMARAL, 2007, p.11).

Mediante a escassez de registros por meio da escrita, as escavações proporcionaram a identificação de monumentos fúnebres em várias partes do Maghreb, constatando a existência de uma sociedade tribal com grupos indígenas nômades e/ou sedentários.

Ao longo dos séculos, povos e culturas distintas promoveram processos de colonização no norte da África. Na Antiguidade, os povos fenícios, conhecidos por suas habilidades comerciais e pela fabricação de embarcações marítimas, foram os primeiros a colonizar a região, objetivando a expansão comercial. Posteriormente, cartagineses, vândalos, romanos, árabes e, por fim, já na modernidade, os povos europeus (KORMIKIARI, 2007, p.252). Passando por processos colonizadores tão diversos, os povos berberes foram perdendo espaço e representatividade política; porém, a linguagem se manteve e, atualmente, apesar de a população berbere ser bem reduzida, a língua é uma das mais faladas do Maghreb, junto com o árabe, que ocupa a região desde o fim do século VII. Foi neste contexto de guerras por religião, ocupação de territórios e colonização que o termo “mouro” se instalou como forma de identificação cunhada por opositores históricos, que, sendo vencedores, foram os responsáveis por nomear a história e contar sua versão da mesma.

Desde a islamização do território marroquino no século VII, como observado, um complexo e longo período de conflitos se estabeleceu na região. Contudo, aquele que mais se prolongou foi contra os portugueses, chegando a durar 354 anos, com a conquista de Ceuta em 1415 até 1769, com o abandono de Mazagão, inicialmente “[...] tendo em vista a anular a extensão do islamismo no ocidente africano.” (AMARAL, 2007, p.76).

Assim, com esse histórico de conflitos estabelecido entre portugueses e marroquinos, os Cristãos também precisam ser apresentados aqui, dando ênfase aos elementos relacionados ao contexto histórico pesquisado. São estes, os invasores portugueses, seguidores do cristianismo, que em sua primeira expedição tinham como bandeira real o tecido de seda branco com a cruz de Cristo e, posteriormente, no século XVIII, já nos últimos fôlegos antes de bater em retirada, tinham como bandeira real o tecido branco com as armas reais (AMARAL, 2007, p.37).

Trata-se, no entanto, dos cristãos portugueses que, no século XV, foram invasores da região da Dukkala, “Mais ao sul, na terra dos mouros ‘de paz’, que era como Portugal chamava essa região na época: Azamor e Mazagão, Safi e Aguz, Mogador e Agadir (Santa Cruz do Cabo de Gué)” (VIDAL, 2008, p.17-18).

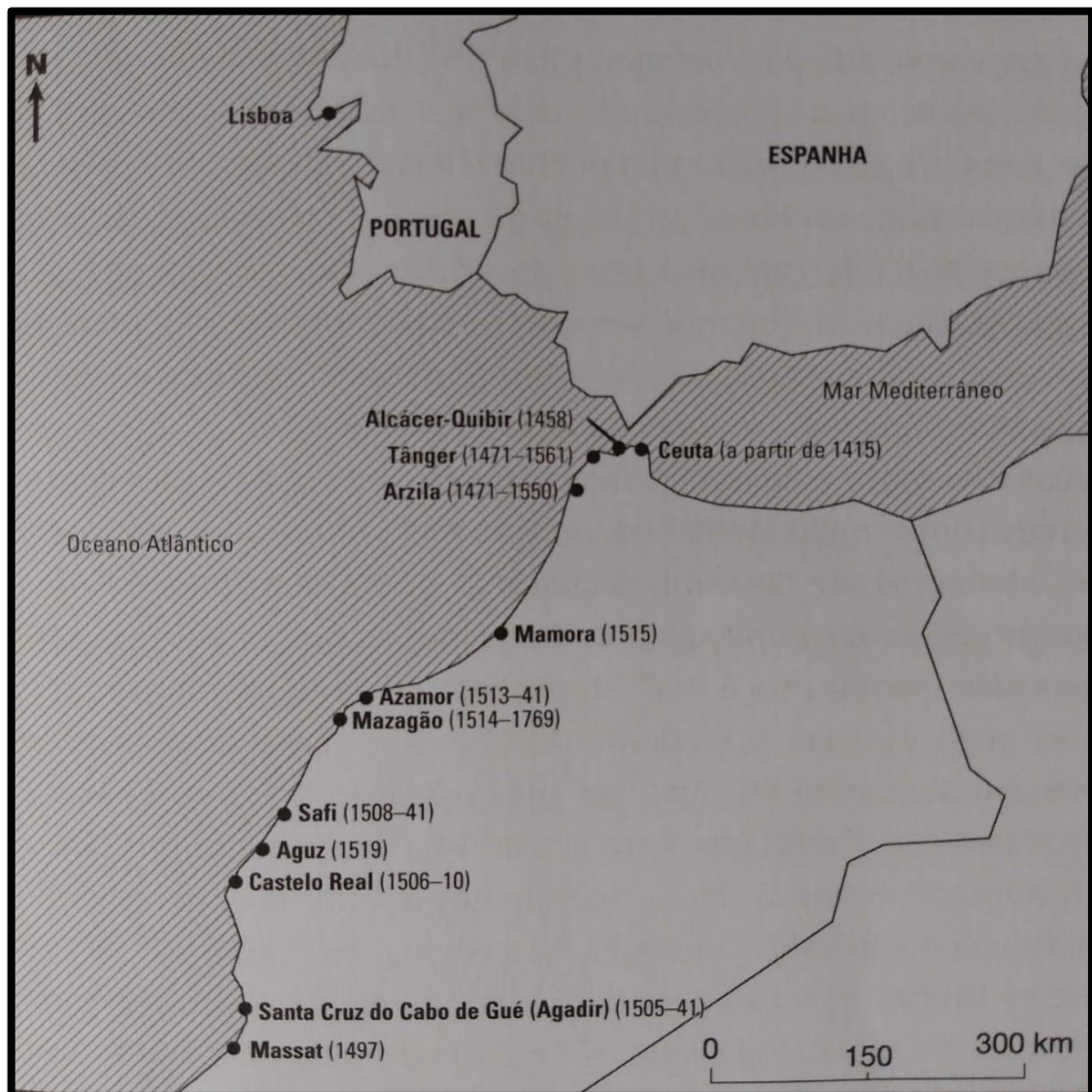


Imagem 22: Mapa das possessões portuguesas em Marrocos.

Fonte: Vidal, 2008, p.17.

De acordo com o mapa, nota-se que Mazagão, a possessão portuguesa que interessa neste trabalho, se situa na metade do caminho entre os extremos das colônias instaladas na região.

Essa posição intermédia se faz acompanhar de benefícios naturais: a baía na qual Mazagão é instalada é considerada o ponto mais seguro para ancoragem em toda a costa atlântica do norte da África. Aliás, a região de Dukkala é uma das mais ricas regiões agrícolas do Marrocos: seu trigo já era famoso na época da ocupação romana (VIDAL, 2008, p.17-18).

Nesse contexto, fica evidente que o interesse dos cristãos portugueses na invasão e possessão de Mazagão ultrapassava a defesa da cristandade e, obviamente, alcançava o objetivo estratégico de obter lucro comercial. Afinal, possuindo terras produtivas e um porto considerado seguro para ancoragem e abastecimento no meio do caminho, seria possível o desenvolvimento do “[...] grande empreendimento de ‘descoberta’ das ilhas e do litoral do Atlântico Sul.” (VIDAL, 2008, p.16). Além, é claro, do trânsito pelo oceano Índico favorecendo naquele momento as trocas comerciais em ascensão na Índia.

De acordo com pesquisas realizadas em crônicas militares daquele período, século XV a XVIII, por Amaral (2007, p.41), ao contrário do que se deu no Brasil e região da África Tropical, no Marrocos, Portugal teve limitações para suas possessões, que sempre se estabeleceram no litoral. Não há registros de que tenham se estabelecido colônias no interior do território, mas há evidências de suas tentativas; porém, em todas elas, os cristãos portugueses foram surpreendidos e derrotados pelos mouros. Dessa forma, era mais seguro e promissor se manterem em retaguarda junto do mar.

E os mouros não se achavam nessas épocas, relativamente aos portugueses, em desnível tecnológico e cultural suficientemente grande para que sofressem com facilidade o poderio estrangeiro. É certo que vinham atravessando uma persistente decadência desde o século XIV. Mas mantinham razoável capacidade militar, alguma organização, base econômica e fortes raízes culturais e religiosas (AMARAL, 2007, p.39-40).

Ainda de acordo com Amaral (2007, p.47), a região da Dukkala²⁰, no início da ocupação portuguesa, era muito populosa e possuía cerca de um milhão e meio de habitantes. Essa

²⁰ Amaral (2007) se refere a essa região como Província da Duquela; porém, Vidal (2008) a cita como região da Dukkala. Desse modo, tendo sua denominação utilizada neste trabalho pela primeira vez com referência de Vidal (2008), optou-se por continuar utilizando essa denominação, quando não se tratar de citação direta.

população se dividia em grupos ou tribos com estruturas e organizações distintas. Em função dessas características, eram nomeadas pelos cristãos portugueses como Berberes ou *Bárbaros*, os que viviam em lugares cercados, e como mouros alarves aqueles que

[...] não tinham implantação certa: as suas vivendas ou (*nualas*) eram tendas, que cobriam de estopa de palmito. Praticavam o nomadismo, mas não podiam sair do distrito, pois nem o rei de Marrocos, nem as outras *cabildas* o consentiam. O seu povoado mais próximo, no século XVII, era Oleid Baque, cerca de nove quilômetros a sul da praça, situada na várzea de Lates, uma planície com mais de vinte quilômetros. As *cabildas*, ou tribos, dividiam-se em aglomerados de cinquenta a cem tendas, denominados *aduares* (AMARAL, 2007, p.48).

Os mouros alarves tentavam instalar *aduares* nas regiões mais próximas de Mazagão. Contudo, eram atacados pelos cristãos portugueses, sendo obrigados a se retirarem das terras próximas. Eram considerados “os mais belicosos e valentes entre aqueles *bárbaros*, pelos insultos e roubos, que continuamente fazem aos seus mesmos nacionais circunvizinhos”, segundo notícias registradas do século XVII (AMARAL, 2007, p.48). Também uma notícia do século XVII permite-nos conhecer um pouco mais sobre os mouros alarves, ainda que pelo olhar do cristão português:

Primeiramente se deve saber que junto às terras habitam uns quasi pretos na cor, e piores que feras no trato, cujo exercício é pastorearem gado, mantendo-se de frutos, que a mesma terra espontaneamente lhes oferece. Estes a quem nós chamamos Serranos ou Montanheses, chamam os mouros alarves, faltos de toda a comunicação, e de agigantadas forças, e como tais se servem deles na guerra; porque desprezadas as vidas, sem ordem nem formalidade alguma investem como brutos (AMARAL, 2007, p.48).

Após estas breves apresentações, é relevante ainda ressaltar que, pela mentalidade cristã portuguesa da época, “Os mouros eram tidos como inimigos da nossa Santa Fé” (AMARAL, 2007, p.21), enquanto os cristãos eram os “nobres Cavaleiros Portugueses, defensores da Fé, na sempre memorável praça de Mazagão. [...] os Portugueses somente interessados na honra defendendo a nossa santa Lei” (AMARAL, 2007, p.20-21). Desse modo, a guerra contra os mouros passou a ser uma profissão almejada pela população masculina da época,

[...] uma profissão, sem dúvida arriscada, mas que lhes garantia o sustento e potenciava a promoção social, militar, financeira e às vezes administrativa. Basta percorrer os arquivos das ordens religiosas militares, nomeadamente a de Cristo, entre os séculos XVI e XVIII, os livros das chancelarias e os das

mercês régias, para se fazer uma ideia da relevância que o serviço nas armas assumiu, durante três séculos e meio, como modo de vida de milhares de portugueses. A ascensão na escala das ordens sociais ficava ao alcance dos que jogavam a sua vida nesse serviço. O Serviço militar em Mazagão, por exemplo, era fundamento de dispensa do impedimento de “mecânicas”, para profissão na Ordem de Cristo. Estava aí portanto, uma motivação aliciante, susceptível de alimentar gerações sucessivas de súbditos, que de outra forma não encontrariam via fácil de sobreviver ou de se promoverem (AMARAL, 2007, p.31).

Tendo apresentado essa breve contextualização histórica, com o intuito de identificar os dois grupos de personagens principais da Batalha entre Mouros e Cristãos, é necessário ainda compreender um pouco mais sobre a tão falada possessão de Mazagão, o que contribuirá para a compreensão sobre esses personagens e como se relacionavam diante do conflito estabelecido.

1.3. Mazagão no Marrocos

Levando em consideração a marcha de expansão do Cristianismo, os registros de Vidal (2008, p. 18) apontam que, desde o século XIII, os reinos mouros, entendidos como terras infiéis, sofrem ataques originados das Coroas da Península Ibérica com o movimento de Reconquista. Nesse contexto, sob o pretexto de defesa e expansão da cristandade, Portugal se lança rumo ao norte da África e “conquista” Ceuta em 1415, dando origem a uma sucessão de possessões, como visto no mapa apresentado anteriormente (imagem 22). Em 1502, em expedição do primeiro navio português em direção à área em que Mazagão seria instalada, foi encontrada uma antiga torre de guarda em ruínas, denominada à época de *El Brija*. Sobre esse contexto de identificação das origens de Mazagão, Amaral (2007, p.89) afirma que, embora a arqueologia não confirme, alguns estudos apontam para a existência de uma feitoria fenícia de nome *Rusibis* no local onde se situa Mazagão. El-Bekri, no século XI, apontou como forma antiga de Mazagão o porto de Marífen; El-Idrisi, no século XII, se referiu a um porto de pescadores denominado *Mâzîghan*. Amaral (2007, p.89) também relata que no século XVI, embora esse mesmo porto já estivesse completamente despovoado e destruído, muitas embarcações de Portugal e Castela por ali passavam para o carregamento de trigo adquirido dos autóctones; por esses tratos, houve inclusive a proposta de um chefe local de construir uma fortaleza para o rei de Portugal. Outro relato interessante é este:

Jorge de Melo, o *Lajes*, alcaide-mor de Redondo, foi em 1502 mandado como capitão de uma armada de naus, caravelas e galés, acompanhado de Jorge de Aguiar e outros fidalgos amigos e parentes, a tomar Targa. Não o conseguiu,

porém, retirando com muitos mortos e feridos. E, levantando-se então uma tempestade, separaram-se embarcações. A de Jorge de Melo deu à costa duas léguas a oeste de Azamor na ‘calheta da Baleeira’, muito perto duma torre, chamada *El-Bridja*, que quer dizer ‘fortim’, a que estava despovoada. Recolhendo-se nela os náufragos, fortificaram-se, construindo um castelo de madeira junto ao mar, no posto da cadeira, defronte da azinhaga do Yuduque. Reparada a embarcação, deixaram no local uma pequena guarnição e regressaram a Lisboa. Aí Jorge de Melo pediu ao rei licença para voltar com gente à sua custa e para fundar no local uma fortaleza. Concedida a autorização, foram várias embarcações, com apetrechos, materiais e gente para a obra pelo ano de 1505. Desembarcaram sem oposição e escolheram um sítio a cerca de quilómetro e meio para leste da torre de Alboreja, que vieram a designar por *Mazagão Velho*, possivelmente correspondente ao antigo porto de pescadores. Foram porém atacados pelos mouros, tendo sido, ao que parece, mortos em grande número, pelo que retiraram para a referida torre e, depois, para Lisboa, desistindo do intento. Mazagão começou pois por ser doada ao referido Jorge de Melo, com a obrigação de a “ir fazer a sua própria custa e despesa” uma fortaleza. A solução de a praça forte ser construída por particular, com a autorização e mesmo o incentivo régio, foi, nessa época usada por várias vezes noutros pontos do Norte de África onde Portugal se não havia ainda implantado (AMARAL, 2007, p.90-91).

Desse modo, em 1506, o previsto pelo rei de Portugal foi a construção de uma fortaleza que servisse de ponto de apoio e assegurasse meios de subsistência no trajeto de embarcações da armada em direção ao sul. Amaral (2007, p.91) relata que, em 1511, a pequena presença portuguesa, contando ainda com construções não muito significativas no local, se fez como ponto de recolha de informações em relação ao rei de Fez. Somente em 1513 D. Manuel I determinou a construção da fortaleza, atendendo ao pedido do duque de Bragança:

D. Jaime escrevia de Azamor, recém-conquistada: “mando ter navios em Mazagão, onde é necessário uma fortaleza mais que a vida para este lugar, e tão grande que possam encerrar nela dois ou três mil moios de pão, se cumprir”. Foi extraordinariamente rápida a decisão régia. Com efeito, logo em 22 de outubro do mesmo ano emitia o rei o mandado no qual ordenava que fossem entregues determinados materiais a Vasco de Pina, “que lá enviamos por veador das obras do dito castelo”. Este recebeu-os em 5 de novembro (AMARAL, 2007, p.91).

Em contraponto, Vidal (2008) informa que, em 1509, o rei de Portugal dá início à possessão e “[...] manda construir um fortim quadrado, flanqueado por quatro torres, com a de *El Brija* a leste.” (VIDAL, 2008, p.18). O governo, a segurança e a defesa do novo castelo real construído ficaram recomendados a Martim Afonso de Melo, juntamente com 100 soldados de infantaria e 25 cavaleiros. Entretanto, sem condições de rivalizar, foi necessário abandonar rapidamente o castelo mediante o ataque das tropas de mulá Zian, xerife de Meknes.

Só em 1514, depois de se terem tornado senhores de Azamor, é que os portugueses voltam a pisar na região e reforçam as defesas do castelo que doravante passa a se chamar Mazagão. Esse nome seria derivado do topônimo berbere *Mazigan*, que significa “água do céu”, termo usado na região para designar os poços destinados a recolher as águas das chuvas (VIDAL, 2008, p.18).



Imagem 23: Cisterna da fortaleza de Mazagão com obra terminada antes de 1548, segundo Amaral (2007, p.VII).

Fonte: Disponível em:

http://www.trekearth.com/gallery/Africa/Morocco/North/El_Jadida/El_Jadida/photo554016.htm

Também Amaral (2007, p.93), embora apresente outros registros que põem em xeque o ano de início da obra em Mazagão, afirma que “A construção deve ter se iniciado ainda em 1514 [...] e terminado antes de 1518 [...]”. Nesse contexto, destacamos dois contrapontos na construção das duas narrativas históricas utilizadas como referência nesta pesquisa. Apesar de não ser a proposta desta tese a comprovação do rigor científico de ambas as publicações, é possível observar que, enquanto Amaral (2007) apresenta Jorge de Melo como o responsável pela primeira expedição portuguesa às terras onde se erguera Mazagão, Vidal (2008) apresenta Afonso de Melo Coutinho como responsável pelo feito. Observando a diferença nos nomes citados pelos autores, foi possível, em busca no *site* Wikipédia, identificar que Afonso de Melo Coutinho era filho de Jorge de Melo e foi o primeiro governador de Mazagão (1514-1517). Por outro lado, a respeito de Jorge de Melo (1460-1534), o *Laje*, apesar de ser o alcaide-mor de Redondo e Paiva e ter morrido em Marrocos, não foi, no entanto, encontrada, além da pesquisa de Amaral (2007), referência a respeito de sua participação no contexto político de Mazagão.

Como segundo contraponto, Amaral (2007) cita Mazagão Velho como denominação do local pelos portugueses, fazendo referência à existência de um possível “antigo porto de pescadores”, detalhe não mencionado por Vidal (2008), mas que destaco pelo fato de, na atualidade, a Mazagão brasileira ser denominada também de Mazagão Velho. Percebe-se, no contexto das publicações apresentadas, que a história de Mazagão vem sendo tecida lentamente, ao longo dos anos, como uma colcha de retalhos que ainda não foi concluída, pois os retalhos derivam de diversos “donos”. Cada autor pesquisador acrescenta um detalhe que contribuirá para o entendimento do todo em algum momento, o que reforça a necessidade de maiores estudos a respeito do tema.

Contudo, dando sequência ao processo de possessão e construção da fortaleza de Mazagão, de acordo com Vidal (2008, p.18), diante da evolução da situação política na região, xerifes de diversas tribos marroquinas decretaram guerra aos cristãos portugueses com o intuito de expulsá-los das terras muçulmanas. As praças ou possessões portuguesas são então atacadas uma a uma, enquanto cada vez mais irregulares se fazem os abastecimentos de homens, dinheiro e víveres, a mando da coroa portuguesa, que deveria sustentar suas colônias.

Em 1534, o rei Dom João III busca, junto ao seu conselho, aprovar o abandono de algumas praças portuguesas diante da decisão de se concentrarem as forças em Mazagão. Nesse período, em paralelo, a colonização no Brasil já se estabelecia e contribuía para o investimento das finanças portuguesas. Enquanto isso, Mazagão passava por pequenos movimentos de construção ao longo dos anos, como apresenta Amaral (2007, p.95): “Parece assim que Mazagão teria entre 1517 e 1541 uma configuração de pequena povoação acastelada, constituída e dominada por um castelo, rodeado de um muro ameado, dentro do qual haveria diversas habitações e, por fora dele, um fosso”. Porém, face à necessidade de redução de gastos e certas prioridades estratégicas de possessões territoriais, seria necessário investir na estrutura física de Mazagão, visando sua defesa e povoamento.

Não se trata mais do castelo rudimentar do início do século: doravante trata-se de uma fortaleza soberba, cheia de bastiões, cuja construção foi confiada, em 1541, ao engenheiro italiano Benedetto da Ravenna. Ele se serviu de Mazagão como um campo de experimentação para pôr à prova algumas das ideias que o grupo de engenheiros militares italianos estabelecera para a defesa das praças-fortes: “Foi assim que este posto militar fronteiriço entre a Cristandade e o Islão, tornou-se a primeira cidade ideal do renascimento fora da Europa, mostruário de civilização ao mesmo tempo que ponta de lança expansionista ocidental. Pensada para ser inexpugnável [...], Mazagão foi construída de raiz- sem Dom João III o querer- com o voluntarismo de um bastião do Ocidente cravado no mundo atlântico e árabe (tal e qual o seu antecessor de igual nome fizera exactos sessenta anos antes no continente

negro e Atlântico Sul, com o castelo-cidade de São Jorge de Mina²¹) para assegurar a supremacia do homem branco no planeta e aos portugueses o controlo das rotas marítimas com o Brasil e o Oriente. Nenhum documento de arquivo o diz. Mas é uma evidência escrita nas suas próprias formas.” (VIDAL, 2008, p.19).

Com a efetivação dessa obra, a fortaleza de Mazagão se tornou o que é hoje: construída ao redor do castelo que já existia e contando com a participação de mais de mil operários, teve início em 1542 e a conclusão da parte essencial da obra em 1547; nos anos posteriores, foram realizadas algumas outras obras de reparo e finalização para se tornar o que é atualmente.



Imagem 24: Planta da Cidadela de Mazagão de 1720-1760, de Simão dos Santos, Instituto Português de Cartografia e Cadastro.

Fonte: Disponível em: <https://historiasdeportugalemarracos.com/2014/03/05/mazagao/>

²¹ Curiosamente, o Castelo de São Jorge de Mina, também construído com o objetivo de entreposto para as rotas de comércio português, foi construído na planície do que se chama de Monte de São Tiago, localizado na cidade de *Elmina*, no Gana, fato que chama a atenção para reflexões a respeito do culto a São Tiago e da participação da Figura de São Jorge na encenação da Batalha em Mazagão Velho, o que será melhor explorado ao longo deste trabalho.

Com suas muralhas atingindo 11 metros de largura, 14 de altura e possuindo mais de setecentas casas em seu interior, a grande fortaleza foi construída com uma das frentes voltada para o mar e metade sobre um aterro, dando a impressão, de acordo com Vidal (2008, p.19), de ser “a quem observa desde a linha da costa, ‘uma cidade flutuante’, como uma jangada de pedra montada entre a planície e o oceano.”

Largos e profundos fossos cavados em todo o entorno da muralha isolam ainda mais a fortaleza. O canal que circunda a muralha oeste, entre o bastião de São Tiago²² e o bastião do Espírito Santo, é capaz de acolher as mais importantes embarcações da época [...]. Quando vem a preamar, uma eclusa permite detê-la, a fim de embarcar ou desembarcar com a máxima segurança homens e mercadorias, que são em seguida encaminhados para o interior da fortaleza pela ponte levadiça e pela porta do Governador. Outro acesso é possível, porém é mais arriscado: a porta do mar. Situada no prolongamento da rua da Carreira, suas pesadas grades abrem diretamente para o oceano: ela só podia ser utilizada na preamar, quando se usavam chalupas para chegar aos navios ancorados ao largo (VIDAL, 2008, p.20).

De acordo com Amaral (2007, p.86), baseado em seus estudos realizados em crônicas militares arquivadas ao longo do período da possessão de Mazagão, vários foram os motivos para a construção e manutenção, até meados do século XVIII, dessa imponente fortaleza em Marrocos. Um dos motivos foi a recuperação do prestígio de Portugal, que, passando por dificuldades na manutenção de outras praças de África, abandonou várias, mas não considerou razoável abandonar toda a região. Embora tenha sido um grandioso investimento em um momento financeiramente delicado para a coroa, ainda assim também seria uma forma de economizar, afinal, não satisfeitos com a expansão, a fortaleza serviria de base militar na conquista de Marraquexe. “Visava-se, em última análise, a submissão a Portugal daquele povo ‘infiel’, quebrando os vínculos da soberania muçulmana” (AMARAL, 2007, p.85). Portanto:

[...] para entrar em África pela província e reino de Fez bastava Ceuta e Tânger, e para entrar no reino de Marrocos e terra da Duquela contra os valentes cavaleiros da geração de Hetigi, Mazagão era suficiente porto para desembarcarem os portugueses, quando cumprisse fazer-lhes guerra (MENDONÇA *apud* AMARAL, 2007, p.85).

Também foram motivos de implantação de Mazagão a necessidade de obter e repassar à corte portuguesa informações sobre a movimentação política e militar dos mouros dos reinos

²² Mais uma vez, São Tiago aparece sendo homenageado pelo nome do baluarte “mais alto e fortificado” da imponente fortaleza, conforme cita Amaral (2007, p.20).

de Fez e Marraquexe ainda em processo de ‘conquista’; servir de ponto de apoio, comunicação e abastecimento para as regiões já colonizadas naquele momento, como já citado anteriormente, destacando o benefício da localização geográfica; e a proteção de Azamor, recentemente ‘conquistada’.

Nesse primeiro momento de possessão, a população da fortaleza, segundo Amaral (2007, p.111), “era constituída na quase totalidade por portugueses”:

O número de habitantes, depois das obras de 1541 e salvo no momento excepcional do grande cerco de 1562 (em que chegaram a juntar-se na praça, em plena acção bélica, cerca de 4000 portugueses), terá oscilado entre 1800 e as 2500 pessoas. E não terá experimentado grandes variações ao longo desses séculos, excepto naquele especial momento (AMARAL, 2007, p.111).

Ainda de acordo com Amaral (2007, p.226), a história de Mazagão é fundamentalmente uma história militar com frequentes “ocasiões de guerra” – ações de pequena envergadura. Devido à escassez de arquivos, não se sabe ao certo quantas foram e nem como se deram de fato, mas foi possível identificar 650 ocasiões durante os 255 anos de ocupação. “Mas as que poderemos denominar de *batalha*, ou seja, combates durando várias horas ou onde estiveram envolvidas forças numerosas ou dos quais decorreram perdas consideráveis, foram cerca de 170.” (AMARAL, 2007, p.226).

Como apresentado anteriormente por Vidal (2008, p.17-18), Portugal denominava como “terra dos mouros ‘de paz’, a região de implantação da fortaleza”. No entanto, na ocasião de sua construção, Amaral (2007, p.81) apresenta o fragmento de uma carta em que “o rei de Fez Mulei Ahmed, denunciando o tratado de paz de 1538 com D. João III, acusava o rei de Portugal de ter aproveitado a trégua para aumentar o seu poder, fortificando Mazagão”, conforme segue:

E dando culpa disto a vosso embaixador nos respondeu que a vossa determinação era fazerdes e pordes vossas forças no porto de Mazagão [...] e parece-nos que todo o que afirmamos sobre a paz convosco, que não vemos delas pouco nem muito e não se aproveitou da paz senão vos outros que fizestes vossos proveitos (Carta de Setembro de 1534, apresentada como nota 3, *apud* AMARAL, 2007, p.437).

Contudo, percebe-se que a “paz” identificada em seus opositores não foi de maneira alguma retribuída pelos cristãos portugueses, tendo sido, conseqüentemente, revidada pelos então “mouros de paz”, que buscavam defender suas terras e liberdade religiosa. Em 1561, de acordo com Vidal (2008, p.20), o sultão mulá Abdalhah dá início aos preparativos do grande cerco de 1562 e convoca um grandioso exército para “acabar com o enclave cristão, cuja

presença é um insulto ao crescente islâmico.” Após convocar toda a Mauritânia, reuniu em Marraquexe um exército de 120 mil homens. Sobre esse cerco, Amaral (2007, p.48) conta que

[...] as estimativas plausíveis mais vantajadas apontam para um exército mouro de cerca de 150 mil homens, de pé e de cavalo. Ora, a verdade é que “até as velhas vinham àquela jornada”, de tal modo que o xarife²³ “deu ordem de que não fossem; salvo as pessoas que pudessem trabalhar”. E estavam presentes tropas de Marrocos, de Mequinez, de Fez, de Safim e de Atlas.

Nesse período, segundo Vidal (2008, p.22), Mazagão contava com 2.600 habitantes e seria impossível resistir ao cerco mouro. Sabendo dos preparativos, um reforço de soldados para o exército foi solicitado à regente D. Catarina, que enviou vinte mil homens. Mesmo parecendo impossível, diante do comparativo de soldados em cada exército, os Soldados Cristãos portugueses, impulsionados pelo juramento de vencer ou morrer combatendo os inimigos, venceram esta batalha. Enquanto o exército cristão perdeu ao todo 117 pessoas, as tropas mouras perderam em combate 25 mil pessoas. E assim tem início a lenda heroica de Mazagão, em um momento muito importante para a defesa da cristandade, que se via também desestabilizada pelas teses de Calvino e Lutero. Em ação de graças, o Papa Pio IV, que também passava à época pelas negociações do Concílio de Trento (1546-1563), é ordenado a realizar, pela vitória sobre os infiéis, uma missa pontifical.

Seria interessante, nesse contexto, que se comemorasse ao máximo a vitória de Mazagão. Para tanto, também os escritores se envolveram e produziram poemas épicos, como o caso de André de Resende, poeta português que redigiu em latim o poema “De Bello mazagonico”, inspirado em **Os persas**, de Ésquilo. Também alguns anos depois, um poeta jesuíta de nome Antônio Lopes redigiu um poema que foi divulgado até em Roma, como afirma Vidal (2008, p.23):

Mazagão é, na época, o orgulho de Portugal. Sua bravura mostra o caminho à cristandade: só a união de todos (do simples soldado até o nobre) é capaz de rechaçar todas as ameaças. A essa prosa épica, à qual se deve acrescentar numerosos outros textos e cartas, acrescenta-se a imagem: um magnífico plano do cerco de Mazagão é estabelecido e amplamente difundido. A intenção da coroa com isso, é justamente aproveitar todas as oportunidades de exaltar, a partir da resistência de Mazagão, o heroísmo dos portugueses. É preciso dizer que esse pequeno país se lança, em sua joia colonial que é o Brasil, a uma tarefa desmedida: ocupar, proteger e valorizar um território bem mais vasto que o seu, exclusivamente com a ajuda de alguns milhares de homens. E igualmente converter as centenas de milhares de índios presentes

²³ Título de honra dos soberanos islâmicos que descendem de Maomé. Ao longo deste texto, também é apresentado como “xarife” por Vidal (2008).

no Brasil! Com a criação do governo-geral do Brasil em 1549 e com o abandono do sistema das capitanias hereditárias, o Estado português pretende retomar a iniciativa, apoiando-se para tanto na cooperação de todos os portugueses instalados no Brasil. Que melhor exemplo se tem, então, que o de Mazagão? (VIDAL, 2008, p.23)

Defendida pelos cavaleiros da Ordem de Cristo e amparada pela união e fé de seus governantes e povos cristãos, Mazagão seria então invencível, mesmo frente ao grandioso e corajoso exército mouro. Diante disso, ressalta-se a importância da repercussão dessa “lenda”, como definida por Vidal (2008) anteriormente, diante de toda a contextualização histórica do período, tendo em vista a perpetuação da encenação da **Batalha entre Mouros e Cristãos em Mazagão Velho**, no Amapá, e a crença de seu povo.

Abordando novamente o período de conflitos pela possessão da Mazagão no Marrocos, identifica-se que, ainda nos anos de 1640, apesar das numerosas investidas mouras contra Mazagão, alguns dos chefes mouros ainda prezavam pela diplomacia e, por vezes, não eram correspondidos, o que gerava grande revolta, como apresentado por Amaral (2007, p.227):

Por vezes os alcaides de Azamor eram algo sensíveis a acções diplomáticas por parte dos governadores, que chegavam a enviar-lhes presentes²⁴ para garantirem a perda de agressividade da tropa sob comando deles. A contínua e diária guerra que a Mazagão foi movida no tempo do governador Rui de Moura Teles foi atribuída ao facto de o alcaide de Azamor estar despeitado por lhe ter dado “o parabém de chegada”, em 1643 e, não obstante, se ter visto “excluído da urbanidade com que Rui de Moura mandou visitar a el-rei de Marrocos e a alguns de seus Alcaides”.

Nessa ocasião, período que durou de 1643 a 1645, Amaral (2007, p.225) apresenta o relato de um cronista, informando que “nunca a praça teve sossego, atacada pelos homens do alcaide de Azamor, ‘não passando dia que a não inquietasse com emboscadas, mostras, correrias, e assaltos’”.

Foi então, em meio ao cotidiano bélico, entre defesas e ataques, que a população de Mazagão, constituída em maioria por homens, realidade comum devido ao contexto de guerra, se estabeleceu. Já em “[...] 1757 afirmava-se de Mazagão: ‘é a escola, onde a nobreza de Portugal ia aprender, e juntamente exercitar acções de seu valor’” (AMARAL, 2007, p.33). A maioria dos moradores era formada por nobres, o que favorecia certa estrutura social dessa colônia que se tornou uma espécie de escola militar para Portugal.

²⁴ Destaco a prática de envio de presentes por se tratar de um episódio que marca o início da encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos em Mazagão Velho atualmente.

A guarnição da praça compõe-se principalmente de duas categorias bem distintas: os fronteiros, que não ficam por mais de quatro anos no lugar, e os moradores, os habitantes permanentes. Os fronteiros são jovens e ricos fidalgos, que vêm com suas famílias, seu séquito e seus cavalos, levam uma vida de lordes e cujas aventuras galantes com as jovens filhas dos moradores frequentemente provocam ciúmes, rivalidades e conflitos. Os moradores são de origem mais modesta. E encontram na presença em Mazagão, na luta contra os infiéis, ocasião de uma ascensão social que a sociedade de ordens portuguesa não lhes pode oferecer. A guerra, pondo em jogo as existências, permite a libertação de um estatuto social rígido. Alistados na infantaria e na artilharia, alguns entre eles chegam até mesmo, a custo de muita tenacidade, coragem e ardor no combate, a se alçar à posição de cavaleiros. A posição de guerreiro, de grande guerreiro, não se herda: é adquirida no combate. Um ato heroico... e eis que eles podem se habilitar a receber o título de cavaleiro da Ordem de Cristo [...] (VIDAL, 2008, p.30).

Contudo, também faziam parte do grupo de moradores os degredados, como também informa Amaral (2007, p.33), visto que “Para Mazagão seguiam também, com o decorrer dos tempos, muitos homens que haviam cometido faltas e que assim se pensava iriam remi-las duma forma vantajosa para a sociedade. Muitos por lá ficavam e constituíam família.” A respeito deste grupo, os “prisioneiros condenados ao banimento”, Vidal (2008, p.33) complementa que,

Desde o início do século XVI, Mazagão é, com efeito, lugar de destino dos degredados, assim como o Brasil, por sinal. Trata-se para a Coroa portuguesa, de fazer com que os que representavam uma ameaça para a sociedade pudessem ser úteis para o império. E esse movimento tende a se acelerar a partir de 1722, quando o envio dos degredados para o Brasil é proibido (salvo se o destino for a Amazônia, para o estado do Grão-Pará e Maranhão): a presença desses indivíduos não é desejável para uma exploração plenamente segura das jazidas de ouro. Mas não é simples demarcar exatamente a presença desses indivíduos nos arquivos, pois, bem antes de o degredado deixar Lisboa, a Coroa o designa como ‘soldado’, para evitar os termos ‘exilado’, ‘criminoso’ ou ‘condenado’ e para não suscitar a desconfiança da população local. Para esses degredados, Mazagão é como uma prisão ao ar livre. Quantos são eles? Nunca mais que algumas dezenas por envio: em dezembro de 1759, o governador anuncia a chegada a Mazagão de 32 degredados, em 16 de janeiro de 1764, são dez os degredados condenados a penas de três a seis anos que são ali deixados pelo navio *Santo Antônio* e *São José*.

Levando em consideração que quase toda a população portuguesa masculina servia às armas, é justo questionar de onde advinha o sustento básico da família. Amaral (2007, p.43) relata que grande parte destes possuía pequenas lavouras nas imediações de Mazagão em terrenos anexos à praça e que estes eram permitidos pelos mouros, desde que respeitassem certas marcas. Devido à dieta com base em peixes, frutas e legumes frescos, além do ar limpo e temperado por brisas e ventos saudáveis, bem como à prática de atividades físicas, objetivando o preparo para a guerra – tudo isso proporcionou grande longevidade aos homens de Mazagão.

Não se “pode esquecer que muitos morriam em combate prematuramente. Mas os que superavam tal risco chegavam com frequência aos oitenta anos, e alguns mesmo aos noventa, o que, para a época, era raro.” (AMARAL, 2007, p.117),

Um terceiro grupo de moradores da fortaleza de Mazagão era constituído pelos africanos escravizados que, em 1769, chegava a representar 2,6% da população.

Entre eles há o ligeiro predomínio do sexo feminino. Os mazaganistas tinham pleno direito a possuí-los e estavam até isentos de direitos se os comprassem no Reino, desde que provassem que era para seu serviço. Porém a verdade é que a despesa com a aquisição e o sustento de escravos não cabia nos magros orçamentos familiares da quase totalidade deles (AMARAL, 2007, p.121).

A esse respeito, Vidal (2008, p.35) informa que foram listadas 70 pessoas escravizadas em 1769; embora acredite que várias pudessem ser de origem moura, somente uma foi confirmada, sendo o restante “originários da África negra”. Compondo um grupo “flutuante” da população, também foram identificados mouros que se converteram ao Cristianismo e açorianos, em maioria da Ilha de São Miguel, que geralmente chegavam jovens e solteiros e ali se casavam e permaneciam.

1.4. Cotidiano e transposição: Mazagão do Marrocos para Mazagão no/do Brasil

Sendo, então, um ambiente de privações, a vida social no interior da fortaleza era dinamizada por jogos e festas, inclusive religiosas, à época muito necessárias para afirmar a identidade cristã da comunidade e reforçar o elo de ligação/união entre os mesmos. “Não sabemos do que brincavam as crianças, o povo em geral, as histórias que se contavam à noite, assim como também nada conhecemos do cotidiano das famílias” (VIDAL, 2008, p.29). Contudo, foi possível identificar atividades relacionadas ao entretenimento dos adultos, moradores da fortaleza, como “o jogo das argolinhas, no qual cavaleiros a galope pela rua da Carreira, a rua principal que une o bastião do Governador à porta do mar, deviam enfiar argolas na ponta de suas lanças” (VIDAL, 2008, p.29). O jogo das argolinhas, assim como “um jogo tomado de empréstimo aos mouros e que era jogado pelos fidalgos, a alcanzia, que consistia em se lançarem bolas de perfumes uns aos outros” (VIDAL, 2008, p.29), aconteciam em torneios que complementavam a programação das festas religiosas. Estas, marcadas por grandes procissões, chegavam a durar quinze dias e aconteciam em ocasião de resgate das imagens de santos. Também era comum celebrar o retorno dos portugueses que estavam como prisioneiros dos mouros: “Os religiosos redentores faziam os cativos desfilarem em procissão com uma

cenografia das mais sugestivas: exibição de grilhões, de instrumentos de suplício, representação de anjos, etc.” (VIDAL, 2008, p.29). A respeito das festas, também Amaral (2007) relata o seguinte:

Organizavam-se por vezes festas por ocasião de alguns fastos, nomeadamente com procissões, mas os recursos disponíveis eram escassos e não é de crer que tivessem grande lustre. Encontrei mesmo assim referência de D. José Vasques da Cunha, em carta de 26 de Julho de 1763, a “certos bailes que há muitos anos aqui como em outras partes se costumam fazer pela festa do Espírito Santo e entram na classe das alegrias públicas”. E na mesma carta revelava o mesmo governador que se “estava preparando para dar no outro dia de jantar a todos os oficiais e pessoas distintas desta praça, e à noite baile em obséquio dos felizes anos de S. M.”. No entanto, os entretenimentos intelectuais seriam quase nulos. O ambiente da vila era fundamentalmente castrense. Os poucos filhos da praça que possuíam alguma ambição intelectual tendiam a emigrar dela para o reino. Não subsiste praticamente rasto do cultivo de humanidades. Somente achei notícia de que, em 28 de Agosto de 1684, em casa do ajudante Inácio Freire, estava um João da Costa Pestana e outras pessoas, pelas 8 horas da noite, ensaiando uma comédia que os irmãos da confraria de S. Lourenço faziam para a sua festa (AMARAL, 2007, p.156-157).

Tais relatos identificam que o teatro já fazia parte das programações sociais na fortaleza, sem deixar de observar o ensaio de uma “comédia” para ser apresentada em uma festa, e também as procissões com cenografias sugestivas e representações de anjos, como transcrito por Amaral (2007). Também o longo período de duração das festas na Mazagão marroquina é comum na Mazagão amapaense, lembrando que a Festa de São Tiago tem a duração de treze dias, de 16 a 28 de julho, com programação composta por procissões, novenas, missas, bingos e a encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos. Além disso, no relato de Amaral (2007), a realização da “Festa do Espírito Santo” também chama a atenção, já que ainda hoje também se faz presente em Mazagão Velho, acontecendo anualmente no período de 16 a 24 de agosto, com grande participação feminina da comunidade.



Imagem 25: Festa do Divino Espírito Santo 2018.

Fonte: Acervo da autora.

As festas realizadas nas colônias seguiam ordens portuguesas por ocasião do nascimento, casamento ou qualquer outra comemoração dos membros da Coroa, e, no caso da Mazagão marroquina, ainda “A influência da forma de vida própria e da do inimigo tornavam esta ‘vila’ refractária ao refinamento europeu” (AMARAL, 2007, p.159). Embora “A vida econômica dos moradores era difícil, porque quase a totalidade do seu rendimento provinha de pensões, soldos e moradias, todos pagos pelo rei” (AMARAL, 2007, p.139), o que não acontecia com regularidade, pois os proventos chegavam a atrasar por um ou até dois anos. Claro que isso deixava a população em grandes dificuldades. Em tempos de paz com os mouros, era possível cultivar e colher frutas e verduras frescas, manter o gado como fonte de leite e carne nos campos ao redor da fortaleza, além de praticar a pesca. Contudo, em tempos de guerra, os mouros chegavam a queimar as plantações, matar os animais e jogá-los no reservatório de água, o que a tornava imprópria para o consumo, além de armarem tocaias em esconderijos próximos, causando medo e fazendo com que a população deixasse de se arriscar a sair da fortaleza em busca de alimento.

No séc. XVII os moradores de Mazagão conheceram por vezes sérias dificuldades, como em 1606, em que a vila padeceu “extrema necessidade e grandes fomes”, “por não haver mantimentos tinham morrido muitas pessoas e cavalos, e que chegaram a tal extremo que para se alimentarem tinham morto cavalos, jumentos, cães e gatos”, como dramaticamente se lamentavam, em queixa contra o contratado Gabriel Ribeiro (AMARAL, 2007, p.149).

A situação da saúde não era das melhores, passando por momentos de epidemias, os moradores não conseguiam o socorro adequado pois a “*Santa Casa da Misericórdia* [...] não dispunha de receita que cobrisse as crescentes despesas.” (AMARAL, 2007, p.143). Com relação à educação, Amaral (2007, p.157) relata que havia uma escola paga pelo rei direcionada ao ensino dos meninos, porém era restrita ao ensino primário. Aponta ser possível que os jesuítas tenham contribuído, anteriormente ao período pombalino, para a educação dos jovens de Mazagão e que, posteriormente, a função ficou a cargo dos frades marianos.



Imagem 26: Imagem aérea da Fortaleza de Mazagão, integrada à atual El Jadida.

Foto: Aeroclub Jean Bertin.

Fonte: Disponível em: <https://historiasdeportugalemarrocos.com/2014/03/05/mazagao/>

Além das constantes “ocasiões de guerra” promovidas pelos mouros, o que deixava o exército português em constante defensiva ao longo dos dois séculos de ocupação, “Epidemias e fome vão fazendo, assim, sua cama nessa Mazagão em vias de abandono.” (VIDAL, 2008, p.39). Também as condições climáticas não favoreceram; Amaral (2007, p.104) relata que, em

1694, uma grande tempestade com forte chuva e vento que duraram mais de cinco horas destelhou a maioria das casas e chegou a derrubar algumas feitas de pedra e barro.

Em 1760, a crise se intensificou. O futuro incerto de Mazagão apresentava aos habitantes uma realidade de fome e doenças. Os governantes enviam sucessivas cartas com pedidos de auxílio a Lisboa; contudo, os materiais chegam vagarosamente e em poucas quantidades, quando não chega estragado, como ocorreu em julho de 1762, quando um grande carregamento de trigo chegou molhado, podre e fermentado, gerando grande desesperança e revolta. Faltavam também equipamentos e vestimenta aos soldados, que já sofriam com o atraso de cinco anos no envio de uniformes: “esta guarnição se queicha de fome, de frio por estar reduzida a última desnudez.” (VIDAL, 2008, p.38). Ainda em final de 1762, uma epidemia de malária assola a população, e mais de 60 casas, consideradas foco da doença, são isoladas.

A reserva de remédios, de roupas de cama e de leitos de hospital não é suficiente para tratar e acolher os inúmeros enfermos, obrigados a se estenderem sobre velhos sacos que tinham sido utilizados no transporte do arroz, assim como os soldados feridos eram obrigados a dormir diretamente sobre seus capotes. O governador queixa-se de estar sofrendo, havia várias semanas, de frequentes cólicas e reconhece que, se tem pessoalmente condições de se alimentar de canja de galinha, o mesmo não se passa com os outros doentes, obrigados a consumir nabo, cenoura e fava. ‘Esta gente hé tão pobre que dormem muitos em huma cama, as vezes irmãos com irmans, e sendo preciso agora separala por cauza de moléstia’. Controlada em abril de 1763, a epidemia volta com força em 1764, e sua causa dessa vez está muito bem identificada: ela seria decorrência da má qualidade do pão (VIDAL, 2008, p.38-39).

Enquanto isso, Portugal, que passava pela invasão franco-espanhola de 1762 e ainda se recuperava do terremoto de Lisboa em 1755, diante de tantos gastos, precisava repensar a geopolítica do Império. Nesse contexto, convenientemente, a defesa de Mazagão deixou de ser interessante aos olhos da Coroa que, inclusive, naquele momento, lucraria mais com a defesa das terras brasileiras, devido à exploração aurífera que basicamente a sustentava. Diante disso, em 1763, Mazagão entra em estado de abandono vigiado e tem como responsável por tal vigília o ministro da Marinha Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que, embora tivesse consciência da necessidade de abandono de Mazagão, se preocupava com que o abandono acontecesse de forma a “não ser vivido como uma derrota diplomática e para que, muito pelo contrário, Portugal possa extrair todas as honras de um ato desses.” (VIDAL, 2008, p.41).

Já em 1768, enquanto em Lisboa se ouviam rumores de que os mouros se preparavam para um novo cerco, Dinis Gregório de Melo Castro (sobrinho de Marquês de Pombal), então governador de Mazagão, após várias cartas em pedido de socorro e já enfrentando roubos da

população aos armazéns reais, devido à escassez de alimentos, reconhece que já não há mais condições de continuar na fortaleza. Contudo, recebe de Mendonça Furtado (irmão do Marquês de Pombal, que permanecia em Lisboa) um grande carregamento de trigo e pólvora junto com um emissário do governo com certa quantia em dinheiro para resgatar 35 soldados portugueses prisioneiros. Em dezembro daquele mesmo ano, juntamente com dinheiro e barris de pólvora para abastecer Mazagão, Marquês de Pombal, “o conde de Oeiras, por intermédio do emissário Manuel das Pontes, envia um presente do rei José I ao ‘imperador do Marrocos’.” (VIDAL, 2008, p.42).

Enquanto Lisboa parece armar Mazagão para resistir a um novo cerco, em Marrakesh o sultão Mohamed convoca suas tropas a convergirem para Mazagão, sua ‘pedra de tropeço’. Decidido a promover a união dos xerifes árabes e das tribos berberes, ele faz da tomada dessa fortaleza um símbolo de sua ambição unitária para o Império xerifense. Em 4 de dezembro de 1768, 75 mil soldados e 44 mil sapadores instalam acampamento a uma légua da praça-forte. Durante várias semanas os sapadores se contentam em cavar trincheiras durante o dia e os soldados, em acender imensas fogueiras à noite, fogueiras cuja luminosidade intensa rompe a tranquila quietude noturna da planície de Dukkala. Instala-se uma nova guerra de nervos: as tropas mouras querem, antes de mais, impressionar os mazaganenses, suscitar inquietação, angústia e até mesmo medo. Ora é justamente nesses momentos de tensão que os mazaganenses se unem, dispostos até a morrer para defender o estandarte da cristandade. Tamanhas privações e sofrimentos, há tantos anos suportados, encontram sua razão de ser no conflito que se apresenta (VIDAL, 2008, p.42).

Em 1769, às onze horas da manhã do dia 30 de janeiro, como relata Vidal (2008, p.43), chegam à porta do governador dois emissários mouros apresentando o ultimato do Imperador mouro mulá Mohamed, que reivindica as chaves da cidade sob a ameaça de um ataque, em caso de resposta negativa. O governador não deu a resposta. Quando os dois emissários se retiraram de Mazagão, mais de duzentas bombas foram lançadas à fortaleza. A esse respeito, Amaral (2007, p.206) informa que,

[...] tanto quanto se sabe, não houvera diligências diplomáticas prévias no sentido de negociar com Marrocos a entrega de Mazagão. É certo que fora preparada a oferta de um presente para o Imperador pouco tempo antes. Porém o seu significado deve preferivelmente ser encontrado dentro do âmbito da negociação do resgate de cativos portugueses. Era um procedimento tradicional para esse tipo de negociação.

Mais uma vez, relata-se a uso de entrega de presentes, agora em contexto de desfecho dessa longa trajetória de ataques. Aqui, considero pertinente a relação com a encenação que ocorre em Mazagão Velho. No contexto da encenação, os Mouros oferecem presentes (comida envenenada) como forma de selar um acordo de paz que teria como comemoração um grande

Baile em que todos usariam máscaras, dando a chance de os Soldados Cristãos convertidos comparecerem à festa sem serem punidos. No entanto, os presentes recebidos foram devolvidos e geraram um novo conflito, como relata o Sr. Jozué:

[...] houve um termo de conciliação, mas essa conciliação era uma cilada. Então eles estavam comemorando, mas para os muçulmanos era praticamente como se os cristãos fossem cair na cilada. E isso foi o Baile das Máscaras. Para selar o acordo de paz, a festa seria toda oferecida pelos muçulmanos, mas como em uma guerra é necessário estar sempre em alerta, o chefe dos cristãos desconfiou e quis fazer um teste pegando a comida oferecida e jogando aos animais. Pra isso, enviou um soldado também de máscara, porque a máscara era uma arma dos muçulmanos e não dos cristãos, e acabaram devolvendo aos muçulmanos o próprio alimento que eles tinham envenenado. E foi aí que morreu o chefe dos muçulmanos, o Rei Caldeiras. E essa situação é encenada com a entrega dos presentes.

Buscando unir o relato da encenação ao relato histórico de Amaral (2007), como apresentado anteriormente, o episódio da entrega dos presentes marca o início da encenação da Batalha. Nesse contexto, teria sido factual a “devolução” dos presentes envenenados ao imperador mouro? Infelizmente, para esta questão não temos ainda uma resposta. No entanto, é possível pensar que a batalha final à fortaleza marroquina se deu “pouco tempo” após o envio de presentes cristãos ao imperador mouro, como relatado por Amaral (2007, p.206).

No período do último ataque mouro, Portugal se preparava para um novo cerco e, buscando uma boa resposta para o abandono da praça, envia, em 3 de fevereiro de 1769, reforço armado em navios de transporte, além de uma carta de Mendonça Furtado.

De modo que o que se avançou foi um argumento humanitário: trata-se de retirar os ‘pobres’ mazaganenses, ‘para poderem em terras melhores viver com abundância, e livres dos sustos em que sempre os tem tido neste barbaro continente.’ Contudo, o resumo do cerco e do abandono do Forte de Mazagão, redigido em julho de 1769 e que tinha como destinatário o governo, apresentará outros argumentos: aquele presídio era não só ‘completamente inútil’ para a religião, para o comércio e para a navegação, como custava a Portugal quantia extraordinária e inimaginável. E mais ainda: seus habitantes tinham um modo de vida totalmente primitivo. ‘A indústria e as artes não tinham lugar ali por causa da pobreza dos habitantes, cujas casas civis não podiam ser construídas por falta de terreno; e as famílias viviam separadas umas das outras pelas esteiras grosseiras que os barcos carregados de trigo levavam no fundo do calado para garantir os grãos’. Dessa perspectiva, o abandono se impõe (VIDAL, 2008, p.44).

A população mazaganense, que há tanto buscava o auxílio da fé e já fazia há tempos novenas na esperança de um milagre, se revoltou contra o rei diante da informação de abandono. Eles não consideraram justo, diante dos seus antecessores que tanto sofreram e lutaram, terem que abandonar a terra que lhes fora dada, como relata Luis Maria de Couto:

Diziam em altos brados, que não queriam obedecer a el-rei, que se haviam de sustentar entre aquellas quatro paredes, que tanto sangue e vidas lhes tinham custado e a seus ascendentes; que para honra da sua nação não haviam de abandonar aquella fortaleza; que nenhum d'ali arredaria pé, mas que haviam todos de morrer defendendo a religião de Jesus Christo, e a terra que lhes dera o ser (VIDAL, 2008, p.45).

E foi em meio à revolta, ao sentimento de traição por parte do governo, que a população deixou Mazagão lentamente, já que só era possível chegar aos navios por pequenos botes, seguindo as ordens de embarque estabelecidas no documento enviado por Mendonça Furtado, que indicava:

[...] retirar primeiro as crianças e as mulheres, que ‘de nada servem para a defesa’, depois ‘homens mais mossos e capazes de tomarem armas, figurando no entretanto nas muralhas os que forem inválidos, para depois se embarcarem no último lugar’. No que diz respeito aos outros bens a transportar, devem ser embarcados: ‘em primeiro lugar as imagens sagradas, a prata e ornamentos das igrejas; em segundo lugar os vestidos, e roupas e couzas semelhantes; porque cadeiras, bofetes, e cousas de volume, será impossível, que caibam nos transportes. Deve V. S^a fazer tudo possível por salvar, e fazer transportar a artilharia de bronze para os proems dos navios (VIDAL, 2008, p.47).

A esta altura, já não se valia da hierarquia militar, a população buscava honrar seus antepassados e, revoltados, os portugueses destruíram toda a cidade, invadiram as casas, empilharam os móveis no pátio e atearam fogo, derrubaram os sinos da igreja, destruíram o altar e jogaram as cruzes no mar junto com canhões e armas, conforme também orientado por Mendonça Furtado:

Os reparos devem ser queimados; os canhões de ferro, as munições de guerra, e a pólvora, lançados ao mar. Essas instruções oficiais são duplicadas por recomendações oficiosas. Em carta pessoal, igualmente datada do dia 31 de janeiro, Mendonça Furtado convida seu sobrinho, depois da evacuação completa, a se assegurar de que vão pelos ares ‘huma grande parte das muralhas, principalmente para a banda do mar e a mayor parte dos edificios, para que os mouros não achem senão ruínas’ (VIDAL, 2008, p.47).

Novamente, os mazaganenses morrem pela cristandade, dessa vez sem combates armados, mas morrem na memória, na história e nas lutas de seus antepassados: “O tema não foi falado, não se encontram vestígios de informação pública sobre o sucedido.” (AMARAL, 2007, p.208). Há controvérsias na história de abandono de Mazagão, e o autor apresenta a possibilidade de que o rei D. José I, no poder à época do abandono, não fora informado do feito

e deixa a entender um movimento arbitrário dos irmãos governantes – Mendonça Furtado e Sebastião José (Marquês de Pombal) –, o que levou ao silêncio, ao abafamento da história de Mazagão, em nome da reputação do Marquês de Pombal, falecido ao final daquele mesmo ano.

De todo modo, os moradores da fortaleza, não sendo livres para se locomoverem ou se instalarem onde julgassem melhor, foram transportados pela Coroa, com planejamento estratégico de se instalarem na Amazônia brasileira. Foram em média onze dias de viagem em quatorze embarcações até Lisboa, onde, segundo Vidal (2008, p.54-57), permaneceram por seis meses antes de embarcarem para Belém, no estado do Pará. Ao todo, foram 469 famílias, sendo 375 compostas por um homem como chefe da família, 51 por uma viúva como chefe da família, 31 soldados contados sozinhos ou em grupo, oito mulheres contadas sozinhas ou em grupo e quatro padres, totalizando 2.092 pessoas.

Durante a hospedagem em Lisboa, acomodados e recebendo “jantar e ceia” como assistência providenciada pela Coroa, alguns chegaram a adoecer e morrer por “paixão” e não somente por doenças, como relata Amaral (2007, p.213):

Há notícia documentada dos nomes de não menos de cinquenta pessoas, das quais quarenta e cinco homens militares de Mazagão, que sucumbiram, na sequência do despejo, durante 1769, alguns, já em 1770. É de presumir que tenham sido muitos mais. [...] As notícias indicam morte por “malignas”, mas vários outros que foram “mais de paixão que de doença” (capitão Francisco Xavier de Assunção da Fonseca), “de paixão por se haver despejado da praça” (padre Salvador Nunes de Abreu), ou “mais de paixão de perder sua casa e pátria” (cavaleiro Jacinto de Pina de Loureiro). As ordens eram para que fossem transportados para o Pará, como colonos, salvo os que no reino tivessem habitação ou família que os acolhesse.

1.5. A origem de Mazagão no Brasil

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.*

(Poema “Erro de português”. Cf. ANDRADE, 1971).

As famílias recém-chegadas a Belém foram, aos poucos, sendo transportadas à Nova Mazagão, onde foram paulatinamente construídas, por meio de mão de obra indígena, casas de madeira contendo quatro e/ou seis cômodos, o que era determinado pelo número de pessoas de cada família destinada à moradia. A Nova Mazagão, como denominada à época, e atual

Mazagão Velho, no estado do Amapá, foi fundada em 23 de janeiro de 1770, seguindo os moldes coloniais, às margens do rio Mutuacá, em meio à Floresta Amazônica, o que apresentou realidade bastante distinta aos moradores da antiga Mazagão, no Marrocos.

A escolha do Amapá para a construção e fundação da Nova Mazagão se deu pela necessidade de proteção dos territórios conquistados diante da possibilidade de invasão francesa.

Em 1761, foi celebrado o Tratado do Prado entre Portugal e a Espanha. Pelo acordo, o Tratado de Madrid estava suspenso até que as comissões de fronteira terminassem os trabalhos de delimitação. Este interregno abria a possibilidade de outras nações europeias procurarem mecanismos para ocupar regiões que ainda não tinham sido devidamente incorporadas ao controle das duas coroas. A região do atual Amapá, conhecida naqueles idos como Guiana brasileira, passou a ser alvo dos interesses franceses, tendo em consideração que os limites entre as possessões portuguesas e francesas eram mal definidos e o interesse da França de se aproximar da foz do Rio Amazonas (ASSUNÇÃO, 2009, p.38-39).

De acordo com Vidal (2008, p.122-123), o primeiro transporte organizado para sair de Belém em direção a Nova Mazagão ocorreu em 1770, e levou somente uma das famílias, a do ferreiro Lourenço Rodrigues, incumbido da construção das casas na nova cidade. O transporte das famílias de fato teve início em 1771 e durou até 1777, gerando muitos transtornos para as famílias remanescentes ao longo do tempo. As despesas com moradia e alimentação das famílias em trânsito eram pagas pela coroa portuguesa, porém, com o passar do tempo, os recursos foram ficando escassos, sem considerar os rearranjos familiares como casamentos e nascimentos, que aumentavam ainda mais os custos.

Após todo esse período em trânsito, passando por dificuldades que incluem a modificação de seu *status* social que passa de soldados a povoadores, ainda seria necessário adaptarem-se às novas condições de vida na Amazônia, seguindo os preceitos da Coroa.

Para a administração pombalina, o novo colono brasileiro deve ser um *colonus*, no sentido romano do termo, ou seja, ao mesmo tempo um agricultor, que participa da valorização do território, e um soldado, capaz de pegar em armas para defender o território em caso de ameaça interna (aqui, os índios) ou externa (os europeus). Como habitantes de um antigo presídio, os mazaganenses estão habituados ao manejo das armas, mas sua experiência agrícola é das mais inexpressivas. E, mesmo que alguns entre eles cultivassem campos nos arredores da fortaleza a constatação de que eles têm menos aptidão para o manejo da pá do que para o das armas não demora a emergir. E isso explica a pressa da Coroa em juntar agregados a algumas famílias. Não menos que 68 solteiros, candidatos a partir, são integrados às 49 famílias. A maioria já o sabemos, é originária dos Açores e do norte de Portugal. Por

virem de regiões rurais, eles possuem uma experiência de agricultor que poderá ser de grande utilidade no local (VIDAL, 2008, p.63).



Imagem 27: Vista aérea da cidade: Mazagão, AP [195-?].

Fonte: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/mazagao/historico>

Nesse contexto, objetivando a valorização agrícola, além da defesa do território e a civilização, Marquês de Pombal põe em prática seus planos para a economia da região com a “reintegração dos índios” e executa a proposta do Diretório dos Índios, lei que se tornou pública em 1757, prevendo o “branqueamento” do povo índio, impondo suas formas de civilização para o trabalho, educação e cultura. Também seu irmão, Mendonça Furtado, tinha planos para a região: ele pretendia transformar e incluir Mazagão no projeto português de “constituir um celeiro agrícola no delta no Amazonas” (VIDAL, 2008, p.176). Para tal, seria necessário “substituir o modelo da policultura de subsistência pelo da monocultura rizicultora de exportação” (VIDAL, 2008, p.176).

Para tanto, o governador ordena que os escravos africanos, entregues a cada família em paga de soldos e pensões, sejam utilizados exclusivamente nos trabalhos agrícolas (e não nos trabalhos de arrumação das casas, que eram reservados aos índios). Ora, esses escravos foram especialmente trazidos da África (do ‘porto de Bissau’) pela Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão. Quando chegam a Belém, em março de 1770, não conhecem nada dessa região do mundo: nem o clima, nem as potencialidades agrícolas das terras amazônicas (VIDAL, 2008, p.177-178).

Ou seja, um planejamento fadado a dar errado, pois além de modificar todo um modo de vida do bioma mazaganense, também utilizava de forma equivocada a mão de obra existente. No entanto, a região, que já havia sido anteriormente explorada e mapeada, foi considerada produtiva por possuir campos que possibilitavam a criação de gado e plantações. Além disso, ainda era pouco controlada e precisava ser melhor vigiada. Desse modo, “A escolha do rio Mutuacá não é aleatória no contexto do norte da Amazônia e mais particularmente do maciço das Guianas” (VIDAL, 2008, p.102).

Diante da dinâmica de ocupação e planejamento econômico citados, as famílias tiveram a alimentação subsidiada pela Coroa pelo período de um ano, com fornecimento feito por Belém e às vezes por Macapá. Mas, a partir de 1772, o subsídio foi interrompido e as famílias passaram à obrigação de produzirem seu próprio sustento. Contudo, sem habilidades e estando os índios – os únicos conhecedores do manejo daquela terra – proibidos de praticarem a agricultura, aquelas famílias sofreram longo período pela escassez de alimentos. A produção do arroz somente teve êxito cinco anos depois da instalação, em 1777, e, mesmo assim, somente alguns monocultores tiveram a possibilidade de sucesso, pois, diante de tantas dificuldades, seria necessária a solicitação de empréstimos à Coroa, o que só era possível aos nobres.

Vidal (2008, p.183) relata que, em 1779, os então grandes monocultores, como planejado por Mendonça Furtado, passaram a viver “um modelo de policultura de subsistência”, cultivando, além do arroz, mandioca, milho e algodão, e também passaram a possuir alguns poucos animais. Nesse contexto, o comércio funcionava em sistema de trocas, e pouco dinheiro circulava na vila. Havia a produção de tecido de algodão, com tear próprio e mão de obra essencialmente feminina. Vidal (2008, p.186) informa a presença de quinze tecelões, o que, de certo modo, atendia a demanda de vestuário da população. Além disso, esse autor identificou a presença de uma taverna, uma mercearia, um senhor que produzia pão de arroz para a venda e o serviço de transporte feito por canoa até aldeias próximas, com o objetivo de comprar produtos para revender na vila. Por outro lado, os sapateiros habitantes da vila solicitaram à administração a implantação de um curtume, porque faltavam sapatos à população não indígena e escravizada, ressaltando que indígenas e escravizados também precisavam de sapatos. Porém, a estes, era atribuída a informação de que já estariam acostumados a viverem descalços.

Hé este Povo criado, e sempre costumado a andar calçado, por esta cauza fazem grande gasto no mesmo cabedal e pela falta que muitas vezes do mesmo há, estão tempos sem sahirem fora, faltando não só as obrigações da Religião,

como também aos exercícios militares por não terem calçados (IHGB – Belém, Cod. 1, d.1 [4 de agosto de 1779] *apud* VIDAL, 2008, p.185).

Nesse contexto de escassez de alimentos e fonte de renda, a população foi passando por inúmeras dificuldades. O álcool se tornou frequente nos hábitos cotidianos e a malária atingiu muitos moradores, em sua maioria índios e africanos escravizados, tratados de forma rudimentar no hospital de Mazagão, enquanto os outros moradores eram levados para o hospital de Macapá. Dessa forma, a população foi se consolidando com a “coexistência de tantos grupos culturais: portugueses da metrópole, dos Açores e do Marrocos, escravos da África, índios da Amazônia, mouros e mazombos (os portugueses nascidos no Brasil).” (VIDAL, 2008, p.187). Simultânea a esse cruzamento de culturas, também a necessidade de uma identidade foi se tornando visível:

Tudo parece se juntar em torno de um modo comum de se apresentar e de se identificar diante das autoridades coloniais ou metropolitanas. Nas reivindicações individuais (em vista de obter a autorização de ir para Belém), nas reclamações coletivas ao governador, ou até mesmo nas petições dirigidas à rainha, os neomazaganenses se definem como “procedentes da extinta Praça de Mazagão”. Pouco a pouco também na correspondência do senado da câmara com o governador, o nome da vila, Nova Mazagão, é substituído pelo de Mazagão. Esse retorno de Mazagão ao primeiro plano permite significar uma recusa, tanto individual quanto coletiva, de sua nova identidade amazônica (VIDAL, 2008, p.205).

Ainda sobre o contexto de diversidade entre povos e culturas, em 1776, o governador retoma ao princípio de agricultura utilizada pelos indígenas e envia para Nova Mazagão cinquenta indígenas que ficariam incumbidos de tal prática, além de “ensinar aos neomazaganenses a utilizar os recursos da floresta. Domingos Pinto da Fonseca evoca o caso de um índio [...] que o faz experimentar um fruto da floresta que estanca imediatamente a sede” (VIDAL, 2008, p.189). No entanto, ainda em 1778 a situação de fome e saúde ainda era precária, e o número de fugas de índios pela floresta aumentou. Os africanos, por não terem habilidade na floresta e não a conhecerem, se arriscavam menos nesse tipo de fuga²⁵. Já os considerados “livres”, fidalgos trasladados da Mazagão marroquina, não tinham liberdade

²⁵ No entanto, como apresentado em Carvalho, Teodoro e Filocreão (2017), a região do Amapá foi referência no processo de fuga dos negros escravizados do Grão-Pará, ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando se instalavam às margens do rio Anauerapucu em busca do deslocamento e comunicação com os negros da Guiana Francesa. Os autores também destacam que a área fronteira do Oiapoque, em 1841, foi considerada neutra e os quilombos de certo modo estariam protegidos, o que ocasionou a formação de um grande número de comunidades. Em 2017, como apresentado pelos autores, o Amapá possuía quarenta comunidades remanescentes de quilombos certificadas e seis comunidades quilombolas tituladas ou em processo de titulação.

para saírem de Nova Mazagão a qualquer momento. Para isso, era necessário ter uma justificativa para solicitar uma autorização; nesses casos, muitos que conseguiam a autorização aproveitavam a saída e não retornavam. Assim, houve também abandono das casas, que, com o clima quente e úmido, se deterioravam rapidamente, bem como os edifícios oficiais, como a Casa da Câmara, a prisão e a igreja que, nos idos de 1786 e 1787, começaram a desmoronar.

Em busca da manutenção de um *status* social, os moradores “livres” reivindicaram seus direitos, solicitaram a disponibilidade de um mestre para a educação dos meninos, a redução dos impostos e até a possibilidade de retornarem definitivamente para a Europa. Contudo, receberam o silêncio da rainha Maria I como resposta.

Nas dobras dessa vida em trânsito, alojaram-se experiências que, doravante, nada pode abolir. Entre um impossível retorno e uma impossível manutenção, entre os pedaços de uma história que passou para sempre e as ruínas de uma cidade precária, é preciso que eles inventem, individual e coletivamente, um cotidiano à sua medida. Nova Mazagão não é exatamente nem uma cidade em ruína da qual tudo se faz para escapar, nem uma cidade unida e mobilizada para interpelar a rainha: essas duas naturezas da cidade simplesmente fazem história juntas, ainda que isso capengue um pouco (VIDAL, 2008, p.208).

No entanto, mesmo diante de tamanhas dificuldades, era necessário manter as atividades religiosas e de ordem da Coroa. Desse modo, as missas aconteciam diariamente: “em 1777, em consequência da morte de Dom José I²⁶, Lisboa ordena que cada região do Império organize uma festa para ‘celebrar com aplauso a aclamação da Rainha N.S. e o Casamento do Nosso Sereníssimo Príncipe’.” (VIDAL, 2008, p.216). Assim, tendo recebido a ordem em setembro, Nova Mazagão começou a se preparar para uma grandiosa festa com duração de oito dias, com início em 16 de novembro, finalizando em primeiro de dezembro. Não houve instruções para a programação da festa. Porém, Vidal (2008, p.216-226) aborda na sequência de acontecimentos, que inclui junto às celebrações religiosas, a encenação que podemos nomear como primeira encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos realizada em Nova Mazagão. A esse respeito, serão apresentados mais detalhes no capítulo seguinte. Contudo, aqui cabe ressaltar que:

Essas encenações são clássicas no Brasil do século XVIII. As mouriscas [dança de origem árabe com grande difusão na Europa, a partir do século XVI] estão em grande voga nos anos de 1760: na Bahia, por ocasião das bodas de dona Maria, artesãos se fantasiavam de mouros; no Rio, para as bodas de dom João e dona Carlota, surge um carro alegórico com mouros; em Ilhéus, representam-se combates a cavalo entre cristãos e mouros. Essas

²⁶ Dom José I morreu em 24 de fevereiro de 1777. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_I_de_Portugal

manifestações mantêm a chama do cristianismo, bem como o sentimento de dominação sobre o povo vencido. Contudo, a inserção de um combate naval durante essa cerimônia causa surpresa: com efeito, nunca houve combate marítimo diante de Mazagão. Os piratas de Salé, os únicos mouros que dispunham de uma frota de verdade, às vezes vinham ameaçar os navios de comércio que abasteciam Mazagão, mas jamais desafiaram a fortaleza, sabendo-se muito vulneráveis para resistir a uma reação da frota portuguesa. Por isso, é melhor ver aí um procedimento simplesmente teatral, para conferir mais relevo à luta entre cristãos e mouros – na qual Mazagão foi, para a Coroa portuguesa, o derradeiro porta-estandarte (VIDAL, 2008, p.219-220).

Desse modo, diante dessa encenação, a população “livre” tem a possibilidade de reviver e reencontrar com a cidade da memória, a Mazagão da fortaleza no Marrocos, com suas lutas e o ideal de fé e glórias implantado pela Coroa portuguesa. No entanto, enquanto isso, a cidade “real”, a Mazagão amazônica, sobrevivia a duras penas às cinzas de um passado que não garantia um presente digno. Vidal (2008, p.220-226) relata a encenação de três óperas distintas do mesmo autor, “o poeta italiano Pietro Antonio Domenico Bonaventura Trapassi (1698-1782), chamado Metastasio.” Ao que tudo indica, de acordo com Vidal (2008, p.222), tais óperas eram de conhecimento dos próprios moradores, que deviam possuir os libretos, pois tudo foi preparado com muita agilidade, o que revela o apreço dos moradores pelas artes cênicas e pela música, tendo sido identificada a presença de instrumentos como violas e rabecas em tal período. Sobre a encenação das óperas no contexto brasileiro, Vidal destaca que,

No Brasil-Colônia do século XVIII, a ópera também desfruta de um grande entusiasmo: ‘É manifestação teatral destinada com maior regularidade à celebração política e civil.’ Salas são construídas para este fim: na Bahia em 1760; em Vila Rica, em 1769; e em Belém, em 1755 (Antônio Landi é aqui o arquiteto. E, ainda por cima, são de Metastasio os libretos mais estimados pelo público (VIDAL, 2008, p.222).

Foram, então, **Demofonte na Trácia**; **Dido abandonada** e **Artaxerxes**, as três óperas encenadas em Nova Mazagão, em 1777. Vidal (2008) traça um paralelo entre os contextos das óperas, a utilização de símbolos e significados pelo autor em relação direta com a realidade no contexto em que estava a população. Ele entende que as três óperas apresentadas em sequência faziam um apelo direto à Coroa portuguesa pela “injustiça de uma decisão (o abandono) deve ser revelada para que o castigo possa ter fim e assim se abrir o caminho do regresso.” (VIDAL, 2008, p.226).

Em princípio, os efeitos dessa reivindicação foram positivos; devido à mobilização da população, a Coroa ordena ao governador que apresente um relatório constando a situação da

vila. A providência foi tomada e o relatório enviado em 1779, constando que diante do real motivo de implantação da vila, ou seja, a defesa das fronteiras de Macapá dos franceses, tal iniciativa foi equivocada: pela localização da vila, a defesa seria inviável, pois era muito difícil a comunicação por terra e muito lenta a via fluvial até Macapá. Diante dessa constatação e buscando solução para a situação degradante das famílias, dois pedidos são também apresentados: a liberdade para que as famílias pudessem escolher onde morar, desde que ainda dentro dos limites da capitania, de modo que continuariam como povoadores; que lhes fosse cedido um número maior de africanos escravizados, podendo ser seis ao todo, quatro homens e duas mulheres, para o auxílio no cultivo da terra e outros serviços braçais pelo período de quatro anos, sem cobrança de impostos.

Contudo, as propostas tiveram na prática pouco efeito, e a fome continuou a se instalar, assim como as epidemias, fugas e “atos de desobediência” (VIDAL, 2008, p.229). Somente em 1782 é que Lisboa foi de fato informada sobre a grave situação da vila, juntamente com o pedido da população para que se pudesse residir em Belém ao menos por dois anos, tempo necessário para que a malária também deixasse Nova Mazagão. Enquanto o governo de Belém se enrijecia, julgando que a população de Nova Mazagão só não evoluiu economicamente por preguiça de se dedicarem efetivamente à agricultura, Lisboa descobre entre a população transladada “a presença de 142 cavaleiros fidalgos (26 dos quais pertencentes à Ordem de Cristo) e começa a se sentir claramente incomodada. Pouco a pouco a ideia de admitir um deslocamento vai se firmando” (VIDAL, 2008, p.229). Então a Coroa envia, em 1783, um ministro para julgar com imparcialidade a situação, o que levou ao reconhecimento do fracasso da instalação. Afinal,

Eles foram transferidos para a Amazônia, explica ele, “para viverem em abundância”, em uma vila ‘que selhe dera em prêmio dos Serviços que tinham feito’. Ora, eles estão passando por ‘huma indigência irremediável’ e consideram-se ‘degredados’. Por sinal, esses vassalos leais e fiéis estão ‘privados daquela liberdade que tem todos os Vassalos, e deque só os priva algum delito que estes não cometerão’. O governador, igualmente consultado rejeita a ideia de um retorno para a Europa: ‘A necessidade e a miséria igualmente os acompanhariam’. Contudo, ele admite que se lhes pode dar a liberdade de se instalar no interior do estado, porque o local é impróprio e eles o ‘habitavão com repugnância ‘e com grande violência’ (VIDAL, 2008, p.230).

Desse modo, “despossuídos e reféns da administração”, os “colonos” mazaganenses, se antes “pretendiam ser a encarnação da fidelidade ao rei e à cristandade”, foram “rebaixados ao nível da escumalha social”, pois, naquele período, “[...] a deportação para o Grão-Pará e

Maranhão era, por sua vez, considerada uma pena dura, à qual só eram condenados os piores súditos” (VIDAL, 2008, p.68-71).

Não sendo o bastante, em 1821, a junta do governo do Pará adere ao projeto de regeneração português, o que leva, posteriormente, após a independência tardia do Pará, além dos dez anos consecutivos de governo sob domínio de comerciantes portugueses, a mais um desmoroamento, quando a “assembleia provincial, que se reúne em maio de 1833, vota pela perda do status e do nome de Mazagão.” (VIDAL, 2008, p.251). Desse modo, Nova Mazagão deixa de ser vila e passa a ser “Regeneração”, o que só se modifica após os mazaganenses se unirem às milícias de Macapá e lutarem contra os Cabanos²⁷, tendo a última rebelião acontecido em 1840.

E os moradores recebem, algum tempo depois, a notícia da restauração da vila de Mazagão (decreto nº 86 de 30 de abril de 1841). [...] Ela parece simplesmente ter perdido sua ortografia, porque é chamado tanto “Mazagão” como “Masagão” no mesmo documento oficial (VIDAL, 2008, p.252).

Em 1842, o tenente da infantaria, Antônio Ladislau Monteiro Baena, é enviado pela província para avaliar a necessidade da construção de um canal entre Mazagão e Macapá. No entanto, ele identificou que naquele lugar a lavoura não se desenvolvia como o esperado e que os moradores passavam por grandes dificuldades financeiras, pois a maioria adquiriu muitas dívidas, buscando sobrevivência. Além disso, as moradias eram precárias, e o vício em aguardente era presença marcante. Desse modo, tendo encontrado ali o registro “de 1.961 moradores livres e 317 escravos, divididos em 206 casas e 395 famílias” (VIDAL, 2008, p.252), o oficial considera que “o estado moral desse povo não merece o mínimo gasto da parte do governo provincial” (VIDAL, 2008, p.253), sugerindo que se transplante a vila para outro local mais profícuo ou que a incorpore a Macapá, dando melhores condições para que os moradores se estabeleçam.

Ainda em 1842, a família Flexa, apoiada pelos grupos “conservadores”, assume a governança de Mazagão, o que se prolonga até 1914, pois tal cargo passou do pai, o coronel Matheus Valente Flexa, para o filho, Manoel Valente Flexa. A rivalidade entre conservadores e liberais se intensificou ao longo dos anos e culminou em sangrentos conflitos. O último, em 1912, contou com a intervenção de tropas federais enviadas de Belém para cessá-lo. Segundo

²⁷ Povos indígenas e mestiços que habitavam as margens dos rios amazônicos. Face ao contexto de escravização, extrema pobreza e doenças que os acometiam, eles se rebelaram contra os governantes portugueses que dominavam os territórios do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia. É necessário recordar que o Pará só se tornou independente em 1823, um ano após a independência oficial do Brasil.

o Sr. Jozué, nesse último confronto, encabeçado pelo proprietário rural Camilo da Luz, os liberais assassinaram, em uma emboscada, a filha do intendente Manoel Valente Flexa, que, enfurecido com o fato e ainda no poder, fez com que a cidade²⁸ de Mazagão fosse transplantada para a Vila Nova de Anauerapucu, denominada também de Mazaganópolis e, atualmente, de Mazagão Novo. Nas palavras do professor Antônio José Pinto:

Os conservadores eram a dominância da comunidade, eram as famílias com poder aquisitivo maior e que tinham cargos importantes, como o cargo de intendente e os cargos de senadores que existiam na época, comandados pela família Flexa, que dominava o cenário político da comunidade. E os liberais são aquelas pessoas que eram de baixo poder aquisitivo, a maioria em família de negros que trabalhavam com a terra e dentro destas famílias estava o latifundiário Camilo da Luz, que tinha seus domínios pelas bandas do Jarí. Os impostos cobrados pelo intendente Manuel Valente Flexa eram muito altos, e chegou um dia em que os liberais acharam que poderiam tirar do poder esse pessoal da família Flexa, e então armaram uma emboscada às margens de um igarapé chamado Flexal, no Mutuacá Grande, e acabaram alvejando sua filha de seis anos e esse foi o estopim para a transferência da sede do município. Só que, em Belém, o intendente Manuel Valente Flexa não alegou conflitos políticos e, sim, uma série de outros fatores como o assoreamento do rio, a insalubridade em que estava Mazagão, na época, e, geograficamente, que ele tinha encontrado uma localização mais próxima da comarca de Macapá. Então, existia esses dois lados, o do poder maior que era o desse intendente e dos cargos políticos dentro da comunidade e do outro lado estavam os pequenos empresários donos de terras e de plantio que vinham sofrendo com os desmandos promovidos pelos políticos da época. Tanto é que a falta de documentos é o que leva a termos a história de Mazagão muito vaga, pois, quando um deixava o cargo político, mandava tocar fogo na documentação, que era pra não deixar provas de todos os desmandos durante o período. Eu encontrei há muitos anos atrás um livro que não me lembro mais o nome, que falava vagamente sobre a história da morte da filha do intendente, a Izildinha Flexa, que estava em seu colo e foi alvejada no lugar do pai. Ela tinha seis anos e está enterrada no primeiro cemitério da comunidade, na pétala [lápide] cita, se não estou enganado, “Izildinha Flexa, Saudade de seus familiares”. E, “morta por emboscada”. Então, isso fez com que a família do latifundiário Camilo da Luz fugisse dessas regiões e, provavelmente, acredita-se que eles tenham fundado o distrito do Carvão, onde é hoje a queimada e lá se estabelecia a Sra. Catarina da Luz, genitora da família, mulher que tinha como tradição a Festa de Nossa Senhora da Piedade.

Complementando a fala do professor Antônio José a respeito da disputa entre conservadores e liberais, o Sr. Jozué acrescenta que

Havia aquele lado que oprimia, que sugava e que perseguia, e existia aquele lado que lutava pela liberdade, pelo direito, pela igualdade. E o lado que oprimia não permitia que alguém desse uma ideia, contestasse ou questionasse alguma coisa. Muitas vezes as pessoas que faziam isso eram perseguidas e isso poderia levar até à morte dessas pessoas, então esse lado que lutava pela liberdade e pela igualdade foi muito importante para a liberdade de Mazagão. E mesmo com a transferência da sede, as pessoas se sentiram felizes, porque ficaram livres daquela opressão, daquela perseguição que eles acabavam

²⁸ “Mazagão obteve o título de cidade em 19 de abril de 1888” (VIDAL, 2008, p.254).

sofrendo por parte dos intendentess. Então essa comunidade também teve essa questão dos conflitos fortes e sangrentos e muito ainda falta ser esclarecido para a sociedade.

Desse modo, os “conservadores”, que eram em maioria os brancos elitizados descendentes dos europeus, seguiram seu líder político rumo a Mazaganópolis e levaram tudo o que podiam, como telhados, portas e janelas das casas para se instalarem na nova terra. Aos que ali permaneceram, ou seja, os “liberais” contrários ao líder político daquele momento e principalmente os que não tinham condições financeiras e estrutura física para se transportarem, foi necessário se reerguer do zero e com muita união, fortalecendo a agricultura e “reconstruindo” suas casas no que então passou a ser chamado de Mazagão Velho.

No entanto, esse mesmo fato, a transposição da cidade, é narrado por Vidal (2008) por outro viés, o que não destaca a disputa por poder, mas, sim, a precariedade das condições de sobrevivência, inclusive ressaltadas por doenças da região. Sendo assim,

Na intenção de acabar com aquele foco infeccioso e insurrecional, o governo do Pará pretende transferir seus moradores para Macapá, uma solução radical, que permitiria apagar essa cidade definitivamente do mapa. As autoridades municipais de Mazagão, com o Intendente Alfredo valente Pinto à frente, também estão convencidas da necessidade de abandonar o sítio. Mas, temerosas de perder sua autonomia e seu nome, elas decidem (lei municipal de 9 de julho de 1915) instalar os moradores de Mazagão na Vila Nova de Anuerapucu, na ocasião rebatizada de Mazaganópolis. No dia 14 de outubro de 1915, o estado do Pará aprova a transferência: a cidade é oficialmente instalada em 15 de novembro de 1915 (VIDAL, 2008, p.255).

Nesse período, a discussão sobre os limites de municipalidade estava em pauta. Mazaganópolis passa a ser a sede do município, que ainda passaria por outras modificações, como segue o resumo de Formação Administrativa, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Mazagão, em 1770.

Elevado à categoria de vila com a denominação de Mazagão, pela Lei Provincial n.º 86, de 30-04-1841. Sede na antiga povoação de Mazagão Reinstalada em 24-07-1842.

Elevado à categoria de cidade com a denominação de Mazagão, pela Lei Provincial n.º 1.334, de 19-04-1888.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município é constituído de 5 distritos: Mazagão, Aruana, Cajari, Ceretama e Tauari. Assim

permanecendo nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920.

Pelo Decreto Estadual n.º 6, de 04-11-1930, o município é extinto, sendo seu território anexado ao município de Macapá.

Pelo Decreto Estadual n.º 931, de 22-03-1933, foi restabelecido o município Mazagão. Com sede no município de Mazaganópolis.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído de 6 distritos: Mazaganópolis, Maracá, Ajuruchi, Limão, Canindé e Tauari.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Mazagão, Boca do Jarí e Mazagão Velho. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1988.

Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído de 3 distritos: Mazagão, Carvão e Mazagão Velho. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

(Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/mazagao/historico>
Acesso em: 30 jan. 2021.)

Sendo assim, atualmente o estado do Amapá tem como registro o município de Mazagão, que se refere à última formação, localizado a aproximadamente 30 km da primeira formação denominada Mazagão Velho.

Destaca-se também a existência de uma Mazagão soterrada, uma Mazagão da memória, como apresentada anteriormente por Vidal (2008), a mais antiga e que, neste caso, tem como testemunha as ruínas de uma grande igreja com paredes grossas feitas de pedras, localizada na entrada de onde hoje se situa Mazagão Velho. Esta Mazagão já contou com as pesquisas iniciais do arqueólogo Marcos de Albuquerque, juntamente com a equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)²⁹.

²⁹ Maiores informações sobre as escavações podem ser acessadas pelo *site* <https://www.brasilarqueologico.com.br/arqueologia-mazagao-velho.php>



Imagem 28: Ruínas da antiga igreja.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Segundo o Sr. Jozué:

A igreja de pedra, quando a comunidade foi criada, ela veio junto. Ela teve mais de duzentos anos de durabilidade. Quando teve a mudança de sede do município pra outro lugar, muitas pessoas foram embora. Então quem fazia parte desse poder foi embora. Só ficou quem não tinha mesmo para onde ir, ou ficar ou ficar. Então a vila se reduziu porque não teve mais aquele fluxo de pessoas, porque aqui tinha um poder político e aquisitivo muito forte e quem fazia parte dessa cúpula do poder foi embora e aqui ficaram só essas pessoas mesmo, que não tinham para onde ir. E aí a vila se reduziu e veio pra mais próximo da beira do rio e aí a alternativa foi derrubar a antiga igreja e construir uma outra mais perto deles e então construiu essa outra.

Nas escavações realizadas na área dessa igreja, promovidas pelo grupo do arqueólogo Marcos de Albuquerque, foi possível a identificação do alicerce da igreja e de um poço ainda não explorado, além da identificação de 69 sepultamentos que, pela proximidade dos corpos, indicam terem sido feitos em vala comum. De certo modo, isso corrobora o contexto de mortes por epidemias naquele período. Junto aos sepultamentos foram encontrados botões de fardas e cruzes de malta, uma condecoração portuguesa da época. As pesquisas ainda estão inconclusas,

e as ossadas se encontram em um mausoléu construído dentro do cemitério próximo à igreja de pedra onde foram encontradas. Na conclusão da primeira fase das escavações, foi realizada uma homenagem solene com rito religioso de encomenda das almas e marcha fúnebre com acompanhamento do exército, além das autoridades representantes de Portugal, Marrocos e Amapá e da população mazaganense.

Diante de todo esse contexto de transladação, instalação, municipalização e mudança de sede, fica o convite para refletir sobre quem atualmente habita Mazagão Velho. E ninguém melhor que o Sr. Jozué para responder à questão: como vocês, que hoje moram em Mazagão Velho, se identificam?

Nós somos descendentes de portugueses e africanos, porque houve uma mistura desses povos, um casando com o outro. O que acontece é que Mazagão nunca foi um quilombo. Ele fez parte de um grande projeto do Marquês de Pombal para o Grão-Pará e esse projeto era tanto de proteção quanto de restabelecer uma coisa que já era quase perdida, que era produzir [refere-se à produção agrícola]. Foi um projeto não só para o Grão-Pará, mas sim para o Brasil, porque também houve essa visão de proteção das nascentes dos rios de possíveis invasões e o rio Mutuacá era o único caminho que chegava a Mazagão³⁰. Por ele se vinha e por ele se ia. Era a porta de entrada, e ainda hoje é um dos maiores responsáveis pelo tráfego de produtos e pessoas ao redor de Mazagão. Ele ainda hoje é a veia do coração de Mazagão, por onde corria todo sangue e por onde corre até hoje. Então a gente se uniu para proteger uma história em nome de todos, não que a gente fosse isso ou aquilo. Sabemos o que somos, assim como eles sabiam o que eram, mas a gente se uniu. Ou a gente se unia ou a gente perdia tudo, e através dessa união se vive até hoje. Então eu sou assim, eu não quero tomar nada do que nunca foi meu. Se a gente se uniu pra manter vivo, pra que tomar isso pra si? E essa união pra defender a história era pra isentar o preconceito, porque não seria terra de alguns, mas sim de todos. Eu digo sempre que admiro a coragem daquelas pessoas que tiveram que ficar aqui, abandonadas da forma mais covarde e desumana por aqueles que se diziam representar o povo e que se transferiram daqui dessa sede. E que talvez a intenção desses caras era de que Mazagão sumisse do mapa, mas as pessoas resistiram e se uniram pra fazer isso. E até hoje estamos aqui sem essa questão de preconceito, sem essa dele é preto e eu sou branco. Nós estamos unidos pra fazer e manter viva a nossa história, pois ela se tornou de todos.

³⁰ O acesso terrestre direto entre Mazagão e Macapá só foi possível com a construção de pontes. A última delas foi inaugurada no final de 2016 e, inclusive, recebeu o nome do Sr. Washington Elias dos Santos (1920-2010), também conhecido como Vavá Santos, que foi narrador da Batalha entre Mouros e Cristãos durante 30 anos. Anterior a esse período, o acesso terrestre era interrompido por travessias em balsas.

2. SEGUNDO ATO: do teatro de guerra ao teatro religioso

2.1. A Alvorada e *vomi nê* ou “vominê” – 24 de julho de 2019

O dia 24 de julho começa cedo: ainda na madrugada, os disparos das antigas espingardas com munição de festim acordam os que estavam dormindo e chamam a atenção dos que estavam nos bares, praça ou beira do rio Mutuacá ao som das músicas que embalam o festejo após a finalização do bingo no Barracão. Os disparos seriam, então, o anúncio e o convite para participarem do “toque da alvorada” e, em seguida, do *vomi nê* que teria início às 4 horas da manhã na Paróquia de Nossa Senhora da Assunção. Na porta da Paróquia, os Atiradores e Caixeiros já aguardam a chegada do Sr. Zé Cardinho, que sobe para a torre e se põe a tocar o sino em sincronia com os Caixeiros, que ainda do lado de fora tocam na porta de frente para o altar. O tempo de toque é longo, tanto do sino quanto das caixas. O som de foguetes e disparos das espingardas acompanha as badaladas que cessam juntamente com as caixas. Após tocarem na porta da igreja, os Caixeiros adentram à Paróquia e tocam de frente para o altar em homenagem a São Tiago e São Jorge.



Imagem 29: Toque da Alvorada na paróquia.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ricardo Smith (2017, p.54) apresenta uma visão mais aprofundada a respeito dos “toques” e destaca que no “toque da alvorada” são utilizadas duas caixas, sendo que “‘uma fica fazendo só a base’, um toque constante, enquanto a outra se encarrega das variações que, como

pude perceber, possuem uma sequência definida e, como a maioria dos outros ‘toques’ utilizados na festa, valia-se de batidas *rufadas* [...]”.

Neste momento, caixas e armas se unem para rememorarem as rotinas do campo de batalha chamando seus soldados à ação, e também as rotinas religiosas, convidando os fiéis à oração nas primeiras horas do dia. Desse modo, “batendo” o “toque da alvorada” no altar da paróquia estariam os caixeiros anunciando os preparativos para uma grande batalha e também pedindo a benção e interseção de São Tiago e São Jorge.

Em seguida, após o “toque da alvorada”, saindo da igreja, seria o momento de “bater” o *vomi nê* nas casas das “Figuras”. Aos poucos, o grupo vai aumentando e, junto dos Caixeiros e Atiradores que conduzem a caminhada, vão também em grande maioria homens que festejavam pelas ruas e algumas mulheres. Nesse momento, os trajes da encenação, que identificariam os Soldados Mouros e os Cristãos no meio da multidão que acompanha o cortejo, não são utilizados. Este *vomi nê*, ao que pude entender, é aberto a todos os homens que queiram participar. Os únicos, neste momento, identificados pelas vestimentas são os Atiradores, que usam blusas com a denominação descrita nas costas. Segundo a tradição, o *vomi nê* somente é “dançado” pelos homens. É proibido que as mulheres participem da dança e, por isso, sob a orientação minuciosa do Sr. Jozué, fico observando pelas frestas das janelas o que se passa do lado de dentro das casas ou em seus quintais. Segundo a professora Ana Lúcia, moradora da comunidade há mais de 20 anos, muitas pessoas não entendem o motivo de as mulheres não poderem participar de alguns momentos. Ela explica que

A mulher está presente na Festa de São Tiago, rezando, costurando, preparando o lanche que é servido nas casas durante a Alvorada. Então, de uma forma ou de outra, as mulheres estão inseridas na Festa de São Tiago. Só que elas estão inseridas no lugar delas. No lugar da batalha, a mulher não pode estar, porque é a encenação de uma história e se isso for permitido estará representando de outra forma aquilo que aconteceu.

Desse modo, tendo a comunidade um calendário religioso extenso, “o lugar da mulher” se perpetuou junto à igreja, seguindo os preceitos religiosos, enquanto enfrentam a batalha da lida diária nos bastidores de uma das cenas mais glamourosas do Amapá. Em contraponto à participação exclusiva de homens na Festa de São Tiago, as mulheres se alegram quando chega o mês de agosto e tem início a Festa do Divino Espírito Santo, do dia 16 a 24.

Na Festa do Divino, é a vez de as mulheres serem as protagonistas, enquanto os homens participam dos serviços braçais demandados pela festa. Assim, os “papéis” são demarcados em Mazagão Velho. Como diria dona Joaquina Jacarandá, moradora e rezadeira nas festas da

comunidade: “aqui em Mazagão Velho é assim: quando nasce um menino se diz ‘esse é pra São Tiago’, quando nasce uma menina ‘essa é para o Divino Espírito Santo’” (SILVA, 2021, p.435).

Então, retomamos o “*vomi nê* da alvorada”. Neste ponto, o termo apresentado em itálico e na grafia “*vomi nê*”, conforme (VIDAL, 2008, p.262), até este momento, assume a partir daqui a grafia assinada pela comunidade – “*vominê*”. Segundo orientações do professor Antônio José,

[...] pra nós aqui ele é escrito sem separação ‘v-o-m-i-n-e’, alguns acentuam, ‘vominê’, outros não acentuam³¹. Então a gente costuma escrever dessa forma aqui. Ele é dançado nas casas dos festeiros de todos os personagens principais da Festa. Aqui também chamam de festeiro, mas são as casas que têm os festeiros principais, por exemplo: Figura de São Tiago, Figura do Atalaia, Figura do Menino Caldeirinha, Figura do Bobo Velho. Também as casas das pessoas, por exemplo do presidente da Associação, do Sr. Agostinho e na casa do Sr. Zé Torres, porque eles foram referências da Igreja Católica. A partir do momento em que as questões das dramatizações e encenações foram desmembradas da igreja e passando para a Associação, mesmo assim o vominê continuou sendo uma referência na casa dessas pessoas, justamente por causa da importância deles na Festa de São Tiago. Então é tocado na casa de todos os festeiros que têm personagens principais da Festa. E com relação ao significado, pra nós aqui ele significa a dança da vitória. Os cristãos, depois de vencerem a batalha, eles comemoraram dançando o vominê, que é a dança da vitória, é o ‘vamo neles, vamo neles, vamo neles’. A dança tem dois traços importantes que já foi observado: um é a questão da capoeira, que através dessa dança acontecia muito a questão da rasteira. E o outro ponto é uma questão indígena, ela tem alguns passos da dança indígena. Então, é a mistura das raças que para cá vieram: indígenas, portugueses e africanos e eles conseguiram miscigenar a festa dessa forma também. Não é uma festa totalmente portuguesa, porque quando se vai analisar acaba-se achando traços africanos e traços indígenas.

O vominê é então conduzido pelos Caixeiros em direção à casa do Menino Caldeirinha. Já na porta, eles “batem o vominê”, que se diferencia do “toque da alvorada”. Após o toque, os Caixeiros entram na casa, posicionam-se num dos cantos e se põem a novamente “bater o vominê”, mas dessa vez o toque seria acompanhado pelo canto e pela dança ritmada do grande grupo de homens que adentrara à casa. Com muita energia e empolgação, enquanto cantam versos e dançam em círculo com passos curtos e ritmados, promovem movimentos de empurrão e rasteira como tentativas de derrubar um no chão. Não foi possível ouvir o que cantavam exatamente, devido ao grande volume de pessoas conversando do lado de fora da casa, mas foi possível perceber que havia uma pessoa que cantava os versos e, em seguida, o grupo respondia o refrão: “Vominê, vominê, vominê eee he.”

³¹ Optamos por usar a forma com acento, conforme identificamos no folheto de divulgação da Festa, reproduzido no Anexo II.



Imagem 30 (à esquerda): Caixeiros tocam na porta.

Imagem 31 (à direita): Homens dançam o vominê no interior da Casa.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao final da dança, acontecem fogos de espingardas e foguetes, além de palmas e gritos de alegria; os que desejam, dirigem-se a uma outra parte da casa onde as mulheres servem um caldo quente, além de cerveja, refrigerante e água. Permanecemos por uns poucos minutos nessa casa, somente o tempo necessário para comerem e beberem. Então, seguimos para a casa seguinte, a da Figura de São Jorge, onde o mesmo ritual acontece: primeiro os Caixeiros “batem o vominê” na porta; em seguida, entram na casa, batem novamente o vominê, enquanto cantam e dançam; depois, comem. O mesmo acontece na casa da Figura de São Tiago e assim por diante, conforme explicado pelo professor Antônio José anteriormente.

O vominê é dançado nos momentos das alvoradas que acontecem nas madrugadas do dia 16, denominada “Alvorada de São Tiago”, e do dia 24, a Alvorada geral da Festa dos adultos, e ainda na entrega dos presentes. O mesmo acontece no amanhecer dos dias 27 e 28 de julho, na Festa das crianças. Além desses momentos, durante todo o período de 16 a 28 de julho, acontece o “toque do meio-dia”, que simboliza a hora de descanso dos cristãos e dos mouros; após o toque, eles iniciam o vominê também nas casas das Figuras e pessoas homenageadas, como já descrito.

Com o intuito de contextualizar os entremeios do que antecede e proporciona a realização do Baile, apresento um trecho de entrevista com o Sr. Jozué sobre o que ele entende com a encenação do vominê na entrega dos presentes que aconteceu ao longo da tarde deste mesmo dia.

Sr. Jozué: O vominê é uma dança dos muçulmanos, é a que eles chamavam de dança da vitória, uma comemoração da vitória antes do tempo. Então, era uma forma de linguagem deles, como se eu convidasse “Vamos ali? Vamos em frente?”. Era considerada uma dança da vitória por uma cilada que eles estavam armando para os cristãos. Então isso tudo é dos muçulmanos.

Juliana: E as duas tropas dançam?

Sr. Jozué: Sim, porque houve um termo de conciliação, mas essa conciliação era uma cilada. Então eles estavam comemorando. Para os muçulmanos, era praticamente como se os cristãos fossem cair na cilada. E isso foi o Baile das Máscaras. Para selar o acordo de paz, a festa seria toda oferecida pelos muçulmanos, mas como em uma guerra é necessário estar sempre em alerta, o chefe dos cristãos desconfiou e quis fazer um teste pegando a comida oferecida e jogando aos animais. Pra isso, enviou um soldado também de máscara, porque a máscara era uma arma dos muçulmanos e não dos cristãos e acabaram devolvendo aos muçulmanos o próprio alimento que eles tinham envenenado. E foi aí que morreu o chefe dos muçulmanos, o Rei Caldeiras. E essa situação é encenada com a entrega dos presentes.

Juliana: Na entrega dos presentes, São Jorge e São Tiago participam?

Sr. Jozué: Sim, o tempo todo eles estão presentes, acompanham tudo e sempre desconfiados.

A informação do vominê como uma dança dos muçulmanos, conforme narrado pelo Sr. Jozué, não foi abordada durante a encenação realizada na “Entrega dos presentes” e nem no referencial teórico utilizado nesta pesquisa, como veremos. No entanto, considero pertinente acrescentá-la aqui por se tratar de um contraponto dentro da oralidade da própria comunidade.



Imagem 32: Toque do meio-dia.

Fonte: Acervo da autora.

Ao longo dos dias em que o vominê é praticado ao meio-dia, quem dança são os meninos da comunidade, e os lanches oferecidos são bolachas, pipocas, balas, refrigerantes, sucos e geladinhos ou “chopp”, como chamam o suco congelado no saquinho. Nos dias 25 e 27, após a Missa campal e o “Círio”, o vominê pode ser dançado também em outras casas, de outros festeiros ou promesseiros que solicitem, desde que caibam no período anterior ao meio-dia, pois a este horário já será necessário que a comunidade se prepare para a passagem do Bobo Velho.

Segundo o Sr. Jozué, a Associação da Festa pode determinar em quais casas, além das casas das Figuras, o vominê do meio-dia será dançado. Para isso, eles respeitam os pedidos de pessoas que, como forma de pagar promessas com graças alcançadas, se disponibiliza a dar o lanche quando recebem o vominê em suas casas. Desse modo, a Festa segue sendo realizada com respeito à tradição e em conjunto com a comunidade.



Imagem 33: Caixaeiros tradicionais da Festa. Da esquerda para a direita, Sr. Raimundo Ramos e Sr. Celestino.

Fonte: Acervo da autora.

Preocupados com a manutenção da Festa e a transmissão da tradição às gerações seguintes, são oferecidas diversas oficinas no espaço do Centro Cultural Raízes do Marabaixo, entre elas as de fabricação de instrumentos e de ritmos e toques, ambas ministradas pelo Sr. Jozué.

2.2. A instauração do mito: a Figura de São Tiago

O mito lhe ensina as “histórias” primordiais que o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo o afeta diretamente.
(ELIADE, 1972, p.13)

Segundo a narrativa validada pela Igreja Católica Apostólica Romana, conhecido como Tiago o Maior³², o filho primogênito de Zebedeu e Maria Salomé, Tiago, nascido em Betsaid, na Galileia, pescador de profissão, foi escolhido, assim como seu irmão, João Evangelista, para ser apóstolo de Jesus. Os dois apóstolos tiveram grande importância na vida de Jesus, tendo sido os únicos a serem nomeados *Boanerges* ou Filhos do Trovão, e também foram dos poucos

³² Também conhecido como: Tiago Zebedeu, Tiago irmão de João e Tiago Boanerges.

a participarem de momentos singulares da existência de Jesus. Tiago, por exemplo, esteve presente no milagre de cura e ressurreição da filha de Jairo (SANTOS, 2008, p.1).



Imagem 34: São Tiago Maior. El Greco, Hl. Jacobus der Pilger, 1610. Toledo El Greco Museum. Espanha.

Fonte: SANTOS, 2008, p.2.

Após a perseguição, crucificação e ressurreição de Jesus, os apóstolos seguiram peregrinando em direção a terras distintas e longínquas, onde poderiam propagar os ensinamentos de Jesus sem sofrerem perseguições. Tiago o Maior, partiu em direção à região da atual Galiza, na Espanha, onde viveu por seis anos. Quando, após sua estadia na Espanha, retornou à Judeia, foi perseguido e martirizado em 44 d. C. pelo rei Herodes Agripa I, em Jerusalém. O corpo de Tiago, abandonado no deserto, foi também recolhido, embalsamado e transportado para a Região da Galiza, onde foi enterrado secretamente por seus amigos. Seu túmulo só foi encontrado em 830 d. C., quando, após algumas noites observando a manifestação de diferentes luzes no bosque próximo de sua casa, o ermitão Pelágio resolveu informar o ocorrido ao bispo Teodomiro de Iria, que, após alguns dias em jejum e orações, foi ao bosque em busca de respostas às luzes e encontrou o túmulo com restos mortais do apóstolo Tiago. O rei Afonso II, ao saber do ocorrido, mandou construir no local do túmulo uma capela. Em

caminhada, após a conclusão da obra, foi pessoalmente fazer suas orações na nova capela, o que deu início ao conhecido *Caminho de Santiago de Compostela* e, conseqüentemente, ao mito de São Tiago (PANAZZOLO; JESUS, 2017, p.2-3). Observa-se que, nesse contexto, surge a imagem de São Tiago como peregrino, reforçando a narrativa de transladação em vida para a evangelização.



Imagem 35: São Tiago Peregrino, ca. 1489-1493. Gil de Siloe. Espanha. The Cloisters Collection, 1969 (69.88). Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA.

Fonte: SANTOS, 2008, p.4.

Embora não seja ainda comprovado historicamente o percurso de vida, morte e, principalmente, que os restos mortais encontrados no bosque eram de fato do Apóstolo Tiago o Maior, conforme relata Santos (2008, p.3), a narrativa construída sobre tais fatos fundamenta a trajetória de transformação do ser humano em um ser sobrenatural, o que, neste caso, identifica a instauração do mito de São Tiago na luta contra os mouros.

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje (ELIADE, 1972, p.9).

Posteriormente ao encontro do túmulo de São Tiago, uma série de milagres, envolvendo a participação do santo, ocorreu na região. Entre eles, o milagre que lhe atribuiu uma nova identidade: Cavaleiro Mata Mouros. Para entendermos melhor essa transição, será necessária uma breve contextualização que tem início em 711, quando os árabes invadiram a Espanha. “Nesse período, fazia falta aos hispânicos uma figura que unificasse a luta contra o inimigo comum. Nas batalhas, se os mouros invocavam a Maomé, os cristãos passam a chamar por Santiago” (SANTOS, 2008, p.7). Essa invocação ao santo teve início após o milagre manifestado nos arredores de Logroño, na aldeia de Clavijo, em 844, quando, em uma batalha contra as tropas muçulmanas do califa Abderramán II, o Rei de Leon (842-850) encontrava-se em desvantagem, pois as tropas de Ramiro I eram, em número, menores que as muçulmanas.

No meio da batalha, o apóstolo Santiago apareceu montado em um corcel branco, decapitando os mouros e ajudando a vitória dos cristãos, contrariando todos os prognósticos. A tradição diz que esta vitória só foi possível porque São Tiago, em pessoa, ajudou as tropas cristãs, montado em um cavalo branco. Desde então, nasceu o culto de **São Tiago (“mata mouros”)** que rapidamente espalhou-se pela Europa. É assim que Santiago, o apóstolo de Jesus, que confia no poder da palavra, converte-se num guerreiro, que toma a espada (SANTOS, 2008, p.7).

E assim, São Tiago, além de ser apóstolo e peregrino, passou a ser também o cavaleiro defensor do Cristianismo na Espanha, como também a ser cultuado com fé e esperança durante as batalhas medievais em terras sob dominação muçulmana.



Imagem 36: Santiago Matamoros. São Tiago Maior na Batalha de Clavijo Juan Carreño de Miranda, 1660, Museum of Fine Arts, Budapest.

Fonte: SANTOS, 2008, p.6.

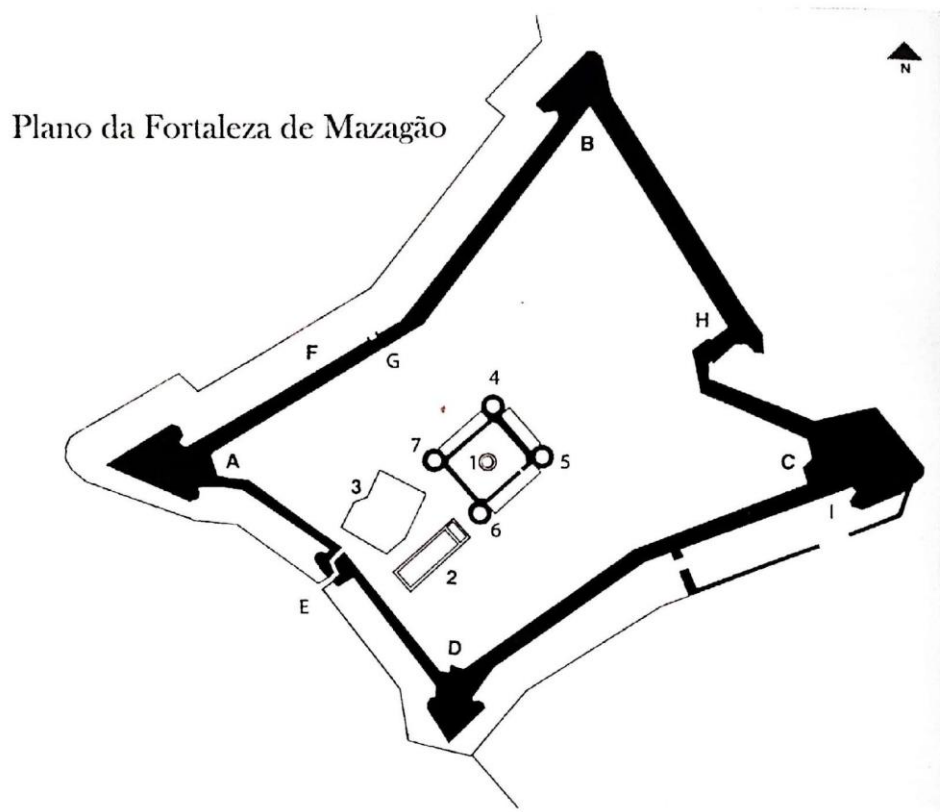
Esse culto atravessou definitivamente os Pirineus (e os tampos) e a figura de Santiago Matamoros foi muito bem recebida reforçando o legado de Carlos Magno na luta dos cristãos contra as tropas islâmicas. Por conta disso, o santo foi muito importante durante todo o período da Reconquista na Espanha e Portugal, tornando-se o símbolo do foco espiritual. São Tiago tornou-se o santo Padroeiro da Espanha. E a espada como punhal em forma de cruz se tornou o símbolo do apóstolo Tiago. Ao longo dos séculos, essa figura celestial, montando um cavalo branco, espada na mão, mostrou-se capaz de carregar um significado mais amplo, se levarmos em consideração o seu papel na conquista do Novo Mundo. A partir do século XV vemos uma Europa em fase de transformação, tanto na economia quanto na política, nas artes, nas ciências e na fé (SANTOS, 2008, p.7).

Chegando ao século XV, levando em consideração o contexto de queda do Cristianismo romano, em virtude da Reforma Protestante instaurada com as 95 Teses escritas em 1517, por Martinho Lutero (1483-1546), e o contexto de expansão marítima e consequente colonização e

evangelização promovidas por Portugal, seria de grande interesse da Coroa e também da Igreja que o mito de São Tiago se propagasse e perpetuasse. Desse modo, São Tiago passa a ser também o protetor dos além-mares e passa a ser um nome a batizar as naus que cruzavam os oceanos.

Temos relatos de embarcações em Portugal possuindo também o nome do santo. Uma das embarcações da Armada de Fernando de Magalhães (1480-1521), na famosa viagem de circunavegação, em 1519, recebeu tal honraria. Eram cinco embarcações (Santiago, Trinidad, San Antonio, Concepción e Victoria) sendo tripuladas por cerca de 234 homens ao todo. A Santiago era a menor embarcação, com 75 toneladas e com 32 pessoas a bordo. [...]. Os conquistadores tinham o santo como grande protetor no ultramar (SANTOS, 2008, p.11).

Nesse contexto, tendo cruzado o Atlântico e atingido as terras africanas, São Tiago também chegou ao Marrocos e se instalou na Fortaleza de Mazagão. Como símbolo de proteção, devoção, fé e intimidação do inimigo, nada melhor que vincular o nome do santo guerreiro, conhecido como Matamouros por seus milagres em combate ao baluarte mais alto e fortificado da fortaleza marroquina, como ilustra o item C na imagem abaixo.



- A - Baluarte de São Pedro, St. António ou D- Diogo
 B - Baluarte de S. Sebastião ou do Norte
 C - Baluarte de Santiago ou do Anjo
 D - Baluarte do Santo Espírito ou do Serrão
 E - Baluarte do Governador
 F - Fosso
 G - Porta dos Bois
 H - Porta da Ribeira
- 1 - Cisterna
 2 - Igreja matriz
 3 - Palácio dos Governadores
 4 - Torre da Cegonha
 5 - Torre da Vedoria ou de Alboreja
 6 - Torre da Cadeia
 7 - Torre do Rebate

Imagem 37: Plano da fortaleza de Mazagão.

Fonte: AMARAL, 2007, p.88.

Mas a saga de instauração desse mito não termina por aqui. Ainda falta apresentar o São Tiago Mataíndios, que também lutou e venceu milagrosamente ao lado dos espanhóis contra os impérios Inca, Asteca e Maia nas regiões do Peru e México. Como já era velho conhecido de Espanha, sendo seu patrono desde o aparecimento em Compostela e também na luta pela

reconquista cristã, São Tiago teria uma nova missão: a de combater, evangelizar e catequizar os ameríndios. Por isso, do mesmo modo milagroso das batalhas no período da Reconquista espanhola (718/722?-1492), o santo apareceu com seu corcel branco dizimando as grandes populações indígenas daquelas regiões.



Imagem 38: São Tiago Mataíndios, figura ilustrada por Felipe Guamán Poma de Ayala (1535?-1615).

Fonte: SANTOS, 2008, p.12.

E aqui, diante desta imagem e traçando um paralelo entre os processos de colonização espanhol e português já citados, também apresentamos o registro da figura de São Tiago, representada na encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos de Mazagão Velho: o santo que

abre caminho aos fiéis e luta pelo Cristianismo, cumprindo sua promessa de vitória e trazendo à tona a memória de seus ancestrais.



Imagem 39: Figura de São Tiago.

Fonte: Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/2017/07/13/gea-define-esquema-de-seguranca-para-festa-de-sao-tiago/>

Nesse contexto, tem destaque a proximidade no que se refere ao traje de cena, as semelhanças entre São Tiago Mataíndios e o São Tiago da encenação, o que nos leva também a refletir sobre o momento de instalação da Mazagão brasileira e o contexto de escravização e catequização dos indígenas habitantes das terras amazônicas, então ocupadas pelos colonizadores portugueses.

2.3. A inserção da Figura de São Jorge na encenação da Batalha

Embora o personagem principal da Festa seja São Tiago, outro santo guerreiro também participa da Batalha entre Mouros e Cristãos em Mazagão Velho. É São Jorge, que, segundo o Sr. Jozué, os antigos contam que era o homem de confiança de São Tiago e que o substituíam em qualquer situação. Jorge nasceu na região da Capadócia, onde atualmente se situa a Turquia, no final do século III d.C. Ele era ainda criança quando seu pai morreu em combate e sua mãe, sendo uma mulher de muitas posses, resolveu retornar à sua terra natal, Lida, na Palestina. Ali, Jorge recebeu a formação religiosa cristã e uma privilegiada educação, além de iniciar a carreira das armas. Aos 23 anos, já com reconhecimento na carreira, tendo sido promovido a capitão do exército romano e conde da província da Capadócia, chegou a residir em Nicomédia, na corte

do imperador romano Diocleciano (244-311), que lhe concedeu o título de Tribuno, como mérito de confiança e por suas habilidades no desenvolvimento de sua profissão. No entanto, Diocleciano foi se tornando cada vez mais cruel em relação aos seguidores do Cristianismo. Ele

[...] planejou matar todos os cristãos que poderiam ameaçar o poder em seu Império. No dia marcado para o Senado confirmar o decreto imperial, Jorge levantou-se na assembleia e declarou-se contra aquela decisão. Defendeu com tanta força a sua fé que provocou a ira do Imperador, que tentou fazê-lo desistir de suas ideias, chegando até a tortura. Era periodicamente levado a Diocleciano, que exigia a Jorge que renegasse a sua fé, o que não aconteceu. O Imperador, não tendo êxito, mandou degolar o mártir cristão no dia 23 de abril de 303 d.C., sendo este o dia dedicado a São Jorge (MARQUES; MORAIS, 2011, p.4).

A afirmação de fé de Jorge, diante de cada tortura, foi ganhando cada vez mais visibilidade; muitos romanos se converteram ao Cristianismo e contribuíram para a propagação da história de Jorge. Seus restos mortais foram levados à Palestina e sepultados em Lida, cidade onde crescera. Anos depois, o imperador cristão Constantino, sabendo da história, mandou erguer em homenagem a Jorge um suntuoso oratório aberto aos devotos, o que contribuiu ainda mais para a propagação da devoção ao santo guerreiro, defensor da fé cristã.

No período da Reconquista Cristã, a história de São Jorge foi cada vez mais exaltada por Portugal, que o elegeu como padroeiro do exército nacional. “E foi no reinado de D. Afonso IV (1291-1357), chamado de ‘o Bravo’, que o uso do grito de guerra ‘*São Jorge*’ se tornou regra, substituindo o grito anterior dos portugueses que era ‘*Santiago*’” (MARQUES; MORAIS, 2011, p.4). São Jorge também se tornou patrono de Portugal, cargo antes dado a São Tiago, devido ao rei D. João I (1357-1433) ser devoto do santo.

Como visto, as narrativas se cruzam, validando a oralidade e o fato histórico presentes na memória da comunidade. No entanto, como será possível observar adiante, de acordo com o relato da primeira Festa de São Tiago realizada em 1777, apenas um anjo a cavalo seguia no meio das alas carregando a bandeira das armas reais (VIDAL, 2008, p.217). Contudo, considerando a possibilidade de este único anjo ter sido substituído pela Figura de São Tiago na encenação, e que São Jorge seria seu substituto, por que estariam os dois juntos durante toda a Batalha de Mazagão Velho?

Uma hipótese possível é a manifestação de resistência do povo negro habitante dessa comunidade, que aprendeu a lutar com as próprias mãos por sua sobrevivência, construindo suas casas e produzindo seu próprio alimento. Desse modo, a presença de São Jorge talvez represente também Ogum, o orixá que traduz a energia do ferro e do fogo, da ação e da

resistência, o guerreiro das matas, da agricultura, filho do rei Odudua, fundador da cidade de Ifé.

Ogum é um orixá de muita popularidade. É a representação do escravo reprimido, apartado e isolado de sua terra, de seu papel e valor social. É a representação sgnica do conquistador e trabalhador braçal, do operário que, com sua rudeza, opera e transforma a matéria-prima em produto. É a tecnologia (ROCHA, 2001, p.15).



Imagem 40: Ogum e São Jorge.

Fonte: Disponível em: <http://www.joaoalberto.com/2021/04/23/dia-de-sao-jorge-e-ogum-e-celebrado-nesta-sexta-feira/> Acesso em: 14 out. 2021.

E como não poderia ser diferente de São Tiago e São Jorge, Ogum também tem uma história de milagre por defender seu povo em batalha. Trata-se da Guerra do Paraguai (1864-

1870): quando da tomada da fortaleza de Humaitá no Paraguai pelo Império Colonial Português, os brasileiros foram enviados à batalha. De acordo com Toral (1995, p.287), três dos quatro exércitos envolvidos nessa guerra tiveram batalhões inteiros formados por negros escravizados ou não: Brasil, Paraguai e Uruguai. No caso do exército brasileiro, após receber reforço com o recrutamento de membros da polícia e da guarda imperial, este continuava insuficiente. Isso levou à criação, em 1865, da política de *Corpus Voluntários da Pátria*, que promovia o recrutamento voluntário e que também não foi suficiente. Assim, no mesmo ano, o recrutamento se tornou forçado.

Os cidadãos do império dispunham de diversas formas de se esquivarem da convocação. Os mais aquinhoados, utilizavam-se de doações de recursos, equipamentos, escravos e empregados à Guarda Nacional e aos Corpos de Voluntários para lutarem em seu lugar; os que podiam menos, faziam *oferecimento de familiares*, ou seja, alistavam seus parentes, filhos, sobrinhos, agregados etc. (TORAL, 1995, p.292. Grifo do autor.).

Aos cidadãos comuns restava o alistamento ou a fuga para o mato; os homens negros escravizados, quando não eram comprados para substituir algum cidadão de posses, se ofereciam de forma “voluntária” em troca de sua liberdade, pois “O império prometia alforria para os que se apresentassem para a guerra” (TORAL, 1995, p.292). Desse modo, os negros lutaram em uma guerra que não lhes pertencia, com a esperança de retornarem como homens livres sob a proteção de Ogum, que se fez presente e os defendeu, como traduzem alguns Pontos cantados ao Orixá.

Ogum Megê

Ogum Megê, general de Umbanda
Com seu cavalo S. Ogum foi guerrear
Com sua espada, com sua lança
Venceu demanda nos campos de Humaitá
Ogum Megê

Na ponta da romaria
Eu vi um cavaleiro de ronda
Trazia um escudo no peito
Uma lança na mão
Ogum venceu a guerra
E matou o dragão
A primeira espada quem ganhou foi ele
Mas ele é, ele é Ogum Megê
Ele vem lá de Aruanda
Pros seus filhos proteger

Ogum em seu cavalo corre
 E a sua espada reluz
 Ogum, Ogum Megê
 Sua bandeira cobre os filhos de Jesus
 Ogunhê

Oxóssi assobiou
 Prá passar no Humaitá
 Prá falar com Ogum Megê
 Mensageiro de Oxalá

Ogum Megê, Ogum Megê, Ogum Iara
 Saravá cavaleiros de Umbanda
 A noite é linda, é de luar
 Ogum Megê, Ogum Megê
 É que vai chegar
 (Canto a Ogum – Apostila Terreiro do Pai Maneco)

Humaitá, então, se tornou, para o povo negro, um lugar sagrado, a casa de Ogum. A batalha de Humaitá aconteceu quase cem anos depois da primeira Festa em Mazagão Velho e envolveu mais diretamente a região sul do Brasil. Contudo, não se tem registros ainda identificados que nos comprovem a inserção, em primeiro lugar, de um ou de outro personagem na encenação. O que é incontestável é a fé do povo negro em Ogum, sincretizado em São Jorge, no Brasil. Nesse contexto, ressalto o trecho da entrevista cedida pelo Sr. Jozué também para ilustrar a maneira como o sincretismo se manifesta na comunidade, sendo uma forma de união de saberes e resistência cultural, a despeito de toda a discussão a respeito do tema na atualidade:

Eu acredito, assim... Quando as pessoas dizem: vocês precisam se autorreconhecerem como quilombo, eu digo que sou contra porque nós fazemos parte de uma história que nós ajudamos a construir. Eu creio que essa história se mantém viva por causa dessa união de povos. Então, se houve essa união para manter essa história viva, acredito que também teve essa questão de misturar, juntar tudo e fazer uma coisa só sem que haja claramente alguma distinção de alguma coisa. Então, se eles se uniram pra manter isso vivo, acredito que seja uma união para que todos pudessem ter um pouco. Então, essa pode sim ser uma hipótese aceita, porque a própria igreja diz que o São Tiago Apóstolo é um e o São Tiago Guerreiro é outro.

Contudo, como aponta Prandi (2019, p.14), antes mesmo do início da transladação dos negros escravizados de África para o Brasil, Ogum já era considerado o patrono da guerra e assim foi apresentado ao continente brasileiro.

Na África, diz-se que Ogum é o primogênito de Odudua, cultuado na cidade sagrada de Ilê-Ifé como o pai da nação iorubá. Grande guerreiro, Ogum conquistou muitas cidades, trazendo para a cidade de seu pai os despojos dos

povos conquistados, o que aumentou cada vez mais o poderio de Odudua (PRANDI, 2019, p.15).

Sendo o primogênito, seria coerente que Ogum sucedesse seu pai ao trono de Ilê-Ifé. No entanto, essa função foi dada a seu irmão Obalufã; já a cidade de Irê, uma das conquistadas por Ogum, foi dada a um de seus filhos prediletos. Conta o mito que ao entregar o trono de Irê a seu filho, Ogum se ausentou por longos anos. Quando retornou, toda a cidade praticava o silêncio absoluto em uma espécie de ritual de celebração aos antepassados. Ogum, não sabendo o que estava acontecendo, se enfureceu com a indiferença recebida na recepção, pois ninguém lhe dirigia a palavra ou respondia suas perguntas. Quando foi comprar vinho e cerveja para se acalmar, os potes estavam vazios, o que lhe fez sentir ainda mais raiva e o impulsionou a cortar as cabeças de muitos que lhe cruzavam o caminho. Quando findou o período da celebração, seu filho foi logo ao seu encontro levando comida e bebida para lhe explicar o que estava acontecendo, mas já era tarde: as ruas da cidade jorravam sangue das pessoas que Ogum matara. Em desespero, por ter matado com sua própria espada o povo que ele deveria defender, Ogum se despiu de suas roupas e se cobriu com as folhas novas da palmeira de dendê, também chamadas de *mariô*, do mesmo modo que faziam com os corpos mortos.

A cena está narrada em seu oriqui, que diz: “Ogum tem roupa em casa, mas prefere se cobrir de mariô”. O Aiê, o mundo em que vivemos, não é lugar para os mortos nem para os que se sentem indignos da vida, como era o caso, então, de Ogum. Assim, ele bateu sua espada no chão com toda a sua força de herói invencível e foi tragado pelo Orum, o lugar dos deuses e dos mortos que esperam pelo renascimento. Mas Ogum não era um morto qualquer, sua glória conquistada em vida o elevava muito acima de um ser humano comum. Por *isso*, Ogum entrou no Orum como um orixá, deixou de ser humano para ser um deus. Desde então, é venerado nas terras onde viveu e também em muitas outras partes do mundo, para onde a memória de seus feitos foi levada por força das circunstâncias históricas da diáspora negra (PRANDI, 2019, p.17-18).

Desde então, o *mariô* é utilizado nas portas dos terreiros ou templos sagrados “lembrando a todos que a coragem e a determinação não se completam sem a humildade de assumir o erro cometido. ‘Curvem-se ao passar sob as franjas do mariô’, essa é a mensagem, em homenagem a Ogum e, por extensão, a todos os orixás e antepassados ilustres” (PRANDI, 2019, p.17-18).

Ao grandioso guerreiro Ogum também é dada a função de ferreiro, pois foi ele quem descobriu que um torrão derretido na fogueira poderia ser moldável e substituir a pedra na ponta

das flechas e lanças dos caçadores. Dessa descoberta, surgia o ferro; com o tempo, ferramentas como a faca, a tesoura, o arado foram criadas para facilitar os trabalhos empenhados às necessidades de sobrevivência da humanidade.

E de sua ferraria sai o ancinho que cultiva a roça, mas também a espada que mata o inimigo em campo de batalha. Ogum trabalha os campos e produz inhame suficiente para alimentar seu povo. Porém, ao mesmo tempo que a enxada é modelada do ferro em brasa para dar mais comida, a forja transforma seu ferreiro no mais armado e temido dos guerreiros. A sina de Ogum é acompanhar cada passo avançado pela história da humanidade. Coletor, caçador, agricultor, ferreiro, guerreiro e rei não resumem, contudo, a história toda. Apenas seu começo. Tudo que é trabalho está ligado a Ogum, desde as origens da aventura da humanidade no Aiê (PRANDI, 2019, p.20).

Assim, compreendendo o percurso histórico traçado ao longo dos séculos e a união, ainda que inicialmente forçada, de povos variados na Mazagão amazônica, em relação à encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos de Mazagão Velho, foi necessário abrir mão do modelo operístico europeizado apresentado na primeira Festa em 1777 para aderir a um modelo e linguagem de encenação que se aproximasse mais da realidade dos que passaram a promovê-la. De alguma forma, que ainda não se sabe como nem quando, a encenação foi sendo transformada e adaptada ao contexto que também se desenhava à medida que o cotidiano desses povos se desenvolvia. Atualmente, a Festa ainda se vincula à igreja católica; no entanto, tem a cara, a cor e a voz de quem a produz de fato, o que leva a pensar que, além dos aspectos religiosos, sua manutenção também caracteriza um ato político que evidencia a resistência desses povos, como é explicitado pelo professor Antônio José Pinto, em comentário realizado publicamente durante a narração da encenação, em 25 de julho de 2019.

Eu digo que todo este contexto histórico foi subentendido para que não viesse a público o grande conflito que tinha entre os negros e os brancos dentro da comunidade. Então, tudo o que sofremos aqui dentro de Mazagão, sobrevivemos, a sua família, a família de minha mãe, a família do professor Antônio Elias, sobrevivemos ao preconceito que era entranhado nas famílias portuguesas. E este contexto histórico que não é contado fala do que perdemos, fala de nossas famílias inteiras que perdemos por causa do preconceito. Porque quem tinha o poder aquisitivo grande pegou a sua família e foi embora. Mas nós, descendentes de africanos, ficamos, resistimos e lutamos. Resistimos ao tempo, resistimos às epidemias, resistimos aos conflitos políticos, que foram muito grandes aqui dentro da Comunidade. E hoje estamos aqui representando o contexto da Festa de São Tiago, O Grandioso, com soldados moradores representando Soldados Mouros e Cristãos, encenando o que aconteceu lá na Mazagão africana. Se não fosse a Festa de São Tiago, Mazagão Velho seria esquecida.

A fala do professor faz referência ao período (1842-1914) em que os conservadores, à época correspondentes à elite portuguesa da comunidade, após longos conflitos, abandonaram Mazagão Velho em direção a Vila Nova de Anauerapucu, levando junto a sede administrativa da localidade. Diante desses relatos, é possível observar que assim como os negros que lutaram nos campos de Humaitá, os negros que constituíram e constituem Mazagão Velho também lutaram e lutam por liberdade em uma guerra que não lhes pertence. Eles tiveram que aprender a lidar e desbravar os desafios impostos pela floresta amazônica, além de ter que reerguer a estrutura física da comunidade. Esta perdeu a sede administrativa e também seus telhados, janelas, portas e tudo o mais que era possível carregar, como já foi relatado pelo Sr. Jozué. Desse modo, observando as habilidades e características de Ogum, fica nítida sua importância para a comunidade diante do contexto vivido. Por tudo isso, aponto a inserção e manutenção da Figura de São Jorge na encenação da Batalha, também como uma forma de culto a Ogum e de resistência da cultura africana na comunidade.

2.4. A encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos

Graças ao levantamento e a compilação de informações de pesquisadores de várias partes do mundo, sabemos que as batalhas ou festas de mouros e cristãos são realizadas por 1.328 populações em 31 países (ARGENTE *apud* VALDERRAMA, 2021, p.24). Por sua importância no contexto das populações que as praticam nos quatro continentes, atualmente existe um Comitê Internacional que busca o seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade junto à UNESCO.

Até o momento, a bibliografia específica sobre essas batalhas ou festas aponta que elas tiveram início em meados do século XII, quando, em celebrações da corte espanhola, se comemoravam, por meio de “recriação” geralmente dançada, as batalhas vencidas contra os mouros. Aos poucos, à medida que a reconquista cristã avançava pela União Ibérica com os impérios espanhol e português, também as festas se multiplicavam como forma de comemoração em alguns contextos e de catequização em outros. Em alguns desses lugares, a festa se mantém desde então e, sendo um “ritual festivo”, compõe o “conjunto de costumes que estruturam a vida de comunidades e grupos” (CATALÁ-PÉREZ *apud* VALDERRAMA, 2021, p.65-78).

Ao longo dos tempos, o ritual festivo foi se estabelecendo e sofrendo modificações ao encontro das práticas culturais de cada comunidade em que se instaurava. As variações passam pela identificação, podendo ser conhecida no Brasil como, além da já citada Batalha entre

Mouros e Cristãos, também como Luta entre mouros e cristãos (DUMAS, 2011), *Fiesta de Moros y Cristianos* (VALDERRAMA, 2021), Mouriscada, Mourama, Chegança, Cavalhada e outras variações também em outros países. Contudo, apesar da diversificação nos nomes, comumente se enquadram no que se define como Dramas Carolíngios: “expressões que têm como base o imaginário construído em torno da figura histórica do Imperador Carlos Magno e suas variações concretizadas em literaturas, em expressões orais e cênicas” (DUMAS, 2011, p.23).

Nas pesquisas de Alexandra Dumas (2011) e também no compilado de estudos *La Fiesta de Moros y Cristianos en el mundo*, Tomo I, de Milena Cáceres Valderrama (2021), os dramas carolíngios costumeiramente têm como base literária o livro *A história do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França*. Em algumas localidades, essa literatura ainda permanece presente, como acontece nas encenações de *O Auto de Floripes* (DUMAS, 2011), que, apesar do título um pouco distante dos já citados, também se refere às disputas entre muçulmanos e cristãos. A narrativa apresentada no livro citado é repassada por meio da oralidade, da observação e participação como plateia, e também da escrita aos participantes das encenações, que a cada ano reproduzem e compartilham as cópias manuscritas de trechos do livro que é denominado embaixada: “diálogos entre os grupos mouros e cristãos que proferem ameaças mútuas” (DUMAS, 2011, p.133).

Em algumas localidades, as embaixadas se mantêm, o máximo possível, fiéis aos textos originários, sendo inclusive a principal referência de manutenção da festa. Noutros lugares, as embaixadas sofrem constantemente alterações de modo a incluírem nos versos, que são geralmente cantados, a história e o cotidiano atual da comunidade que as realiza.

Diante do contexto globalizante da história atribuída ao imperador Carlos Magno (742-814) e a narrativa perpetuada pelo livro mencionado anteriormente, é possível identificar certa semelhança entre as embaixadas descritas no livro, com o vominê desenvolvido em Mazagão Velho. Afinal, o vominê também é apresentado em forma de versos cantados e dançados pelos soldados. Como será possível observar no terceiro capítulo desta tese, no vominê também são inseridos os contextos vivenciados pelos participantes. No entanto, ao ser questionado sobre a influência do livro *A história do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* na encenação da Batalha, o Sr. Jozué demonstra desconhecimento:

Não, ainda não ouvi falar sobre essa história do livro. Até porque essa Festa daqui, essa Batalha, é um fato. Essas pessoas vieram, atravessaram o oceano pra chegar até aqui. Então, aqui, acredito que não foi tirado de livro, foi realmente um fato que eles só deram vida novamente pra lembrar.

Além de fazer parte de um projeto de colonização e imposição religiosa comum a todas as outras localidades em que a Batalha entre Mouros e Cristãos é realizada, a encenação da Batalha de Mazagão Velho tem um caráter singular, pois em sua particularidade está amalgamado e ainda latente o contexto de transladação e negligências impostas pelos colonizadores portugueses.

Como apresentado no capítulo anterior, e também narrado pela comunidade de Mazagão Velho atualmente, foi em 1777, por ocasião de celebrações da Corte Portuguesa, que se deu a primeira representação da Batalha entre Mouros e Cristãos, que atualmente compõe a Festa de São Tiago. Naquele momento, seriam, ao todo, oito dias de festa, sendo seis deles patrocinados pelo senado da câmara de Mazagão e os dois últimos dias, pela comunidade. Desse modo, os seis primeiros dias eram compostos por celebrações religiosas e o restante, por atividades artísticas. A ordem de festividade chegou a Mazagão no início de setembro e deveria ser realizada entre os dias 16 de novembro e 1º de dezembro, como de fato se deu.

A respeito das atividades artísticas dos últimos dois dias, Vidal (2008, p.216-217) apresenta um recorte de notícias identificado no Arquivo Público do Pará, que se refere ao acontecimento que teve início na noite do sábado, dia 22 de novembro de 1777, quando,

[...] depois de acesas as luminárias e ter o comandante huma bem vistoza, sahio da Praça um bem vistozo carro triunfante com 20 figuras bem compostas e asseadas de Meninas, que cantaváo; seguiase abacho os que tocaváo instrumentos que se compunhão de três Rebecas e três violas, no corpo do carro dez mascaras de dançarino que formaváo huã bem vistosa contradança e no meyo do Carro hum Mascara que recitava vários epílogos e Obras Poeticas, em aplauzo da mesma funcção. Diante deste Carro hiáo duas Alas de Mascaras com Alabardas, cujas Alas eráo tiradas por hu Mascara bem preparado com espada na mão. No meyo das Alas hia um Anjo a cavalo muito bem ataviado o qual levava na mão huã Bandeira com as Armas Reaes. Nesta ordem se foi conduzido tocando Marchas até a Porta do Commandante donde se deo Principio com os epílogos. Danças, Cantos e outras Praticas, tudo com muito gosto de todo o povo; Depois foi seguindo esta função por todas as ruas, e a cada porta de Official se repetiáo as Danças, e mais aplauzos (Arquivo Público do Pará Cod 313, d.87 *apud* VIDAL, 2008, p.216-217).

Diante dessa narrativa e compreendendo-a como pilar da Festa de São Tiago e, conseqüentemente, da encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos em Mazagão Velho, é possível identificar alguns elementos que ainda hoje participam da festividade. A começar pela formação das alas para o que hoje é chamado de “Círio”, uma formação em que se posicionam os Soldados Mouros e Cristãos nas laterais da rua; no centro, além dos andores dos santos, vão

também os Caixeiros e as Figuras principais da encenação, como São Tiago, São Jorge e o Menino Caldeirinha, além da “bandeira com as armas reais”, atualmente chamadas de estandartes. A expressão “figuras”, citada para identificar as meninas que cantam no “carro triunfante”, é também ainda utilizada para identificar os personagens principais da encenação. Também os “Máscaras” permanecem, mas agora, além de serem os protagonistas de um grande baile de máscaras que dura toda a noite, eles também participam do combate junto às tropas mouras, como estratégia para assustar os cavalos cristãos.

Além disso, a comunidade se diverte durante as noites, enquanto competem por um prêmio no jogo de bingo e/ou no show de um artista local, na praça do pequeno distrito. A procissão pelas ruas e a dança e canto nas portas dos oficiais se assemelham aos momentos da dança do vominê. Ou, ainda, ao canto e à dança do marabaixo, que não faz parte da Festa de São Tiago especificamente, mas compõe a cultura de Mazagão Velho, sendo também realizados em casas específicas em momentos festivos.

No entanto, enquanto atualmente o canto do vominê exalta em seus versos a história e a cultura de Mazagão Velho, além do culto a São Tiago, naquela primeira festa foram compostos dez poemas para serem cantados em exaltação a Portugal e também à história de Mazagão, como apresentado por Tinhorão (2000 *apud* VIDAL, 2008, p.218):

Viva o Reyno, a Patria viva,
Viva apezar da enveja,
Viva a nossa Santa Igreja,
Ahú viva siga outro viva.

A voz sonora, e altiva,
Sublimando esta função
Diga com muita razão
Em aplauzo táo Real,
Viva todo Portugal,
Viva o Nosso Mazagão.

Ao observar a presença da figura do anjo a cavalo, levando a bandeira e as armas como sinal de proteção divina, seria possível compará-lo à Figura de São Tiago, que também a cavalo carrega uma espada e protege a fé cristã nas festas atuais? A ausência de registros impede afirmar a possibilidade de transição do papel do anjo para o de São Tiago, porém identifico as simbologias representadas por tais “Figuras” como elementos significativos das encenações.

Após a passagem do Carro triunfante e a dança nas casas dos oficiais, a festa continuou e teve como cenário o rio Mutuacá: “[...] subirão huã Náo de Guerra, e hum Corsario, os quaes se encontrarão com hu grande Chavelo de Mouros, que depois de hum bem vistoso combate se

rendeo” (TINHORÃO, 2000 *apud* VIDAL, 2008, p.219). Sobre esse episódio da encenação, Vidal (2008, p.219) afirma que “[...] nunca houve combate marítimo diante de Mazagão”; embora os piratas de Salé ameaçassem os navios mercantes que abasteciam Mazagão, não se encontraram registros sobre ataques à fortaleza de Mazagão.

Posteriormente à batalha naval, teve início, no domingo, dia 23 de novembro, outro grande momento da festividade, quando

[...] a noite se ezeceutou com toda a perfeição a ópera de Dermonfonte em trácia: que se repetio segunda vez e terceira: logo se ezeceutou a de Dido desprezada, destruição de Carthago que se repetio segunda vez, e ultimamente Eneas em Getulia segunda parte de Dido que se ezeceutou uma só vez. Finalizada em função das Operas que foi o dia 1º de Dezembro por ter havido dois dias de descanso; no dia 3 se executou por conta do Commandante a Peça intitulada O mais heroico segredo, ou Artaxeze; com que se deo fim. E no mesmo dia se começaram mais três dias de luminárias por nova direcção feita pelo Commandante (Arquivo Público do Pará Cod 313, d.87 *apud* VIDAL, 2008, p.220).

Aqui, destaco a dedicação e o talento das pessoas envolvidas nas montagens das óperas, além do benefício à saúde mental da população com tais representações, sendo inclusive ampliados os dias de festa. Destaco também nesse trecho a questão da “direção”. Ainda seria cedo demais para o emprego deste termo atrelado à encenação; contudo, somos levados a refletir sobre a função que certamente foi desempenhada por alguém ou algumas pessoas da vila:

[...] com efeito não esqueçamos que 142 chefes de família de Nova Mazagão declararam solenemente, em 1779, possuir o título nobiliárquico de cavaleiro fidalgo – o que significa que alguns entre eles receberam uma educação na qual a arte da guerra e a arte musical tinham o mesmo peso. E realmente a ópera é objeto de grande entusiasmo no Portugal de dom José I (VIDAL, 2008, p.222).

Nesse contexto, Amaral (2007, p.216) destaca que o rei Dom José I faleceu em fevereiro de 1777, e que, em primeiro de março, o Marquês de Pombal, então Secretário de Estado do Reino, no período de 1750 até 1777, pediu demissão do cargo, o que foi concedido pela rainha D. Maria I. Desse modo, libertos da tirania pombalina, os “mazaganistas”, como se refere Amaral (2007, p.216), “tiveram a percepção de que a nova rainha e a ‘Viradeira’ lhes abriam a possibilidade dum tratamento mais humano, que aliviasse a extrema miséria a que haviam chegado”. Isso corrobora o pensamento de Vidal (2008, p.226), segundo o qual “A escolha dessas óperas e sua sequência não se deram por acaso”. Diante do exposto, entende-se que a

grandiosa festividade citada acima foi produzida pelos senhores fidalgos, em tempo exíguo, com o intuito de homenagear a corte portuguesa como previsto, mas também com o objetivo de ter visibilidade aos olhos da corte portuguesa, com a esperança de serem socorridos das precariedades em que viviam.

Entretanto, enquanto a cidade da memória se manifesta, a cidade “real” se materializa como apresentado em carta do Sr. Miguel Soares ao antigo governador de Mazagão, D. José Vasques da Cunha, em julho de 1777 (AMARAL, 2007, p.218-219):

Sustentam-se estes moradores todo o ano em arroz, e às vezes sem tempero algum, somente cozido em água, que este para mim só a muita necessidade o como, carne de vaca, porém esta tem suas faltas, não muito poucas, e do mês de Agosto até Dezembro algum peixe se apanha, porém este é tão indigno, e cheio de espinha, que só este serve para quem tem natureza de gato, e passados estes quatro meses, não há aqui mais nada de sustento, [...] e também julgo em poucos anos se concluirão estas descendências, pois olhando para quase todos os vejo de mudados de cores, [...] e agora até por último os próprios filhos que eram de quem se valiam os Pais, a maior parte destes lhe tiraram para soldados, [...] e só concludo dizendo que os Mazaganistas são os homens mais infelizes que cobre o sol, pois tiveram logo a infelicidade de V.Ex^a se não achar com eles no seu despejo, e agora os vejo mortos de fome, cheios de trabalhos, sujeitos a misérias como homens, e sempre com título de maus, não se lhes deferindo o requerimento.

A carta de Miguel Soares, como se pode observar nos trechos apresentados, nos aproxima das evidências sobre quem realiza a Festa de São Tiago, ainda hoje, em Mazagão Velho, quase 250 anos depois deste primeiro momento. Ou seja, como bem identificado anteriormente por Jozué, são eles os descendentes dos que “restaram”, dos que sobreviveram à escassez de alimentos, às condições climáticas desfavoráveis, às doenças locais, ao excesso de trabalho e também aos movimentos políticos. Afinal, de acordo com o Sr. Jozué, com a mudança da sede do município para Mazaganópolis (Mazagão Novo), toda a elite branca que ficara se mudou também. Desse modo, restaram os pobres e mestiços que não tinham condições financeiras para construir novas casas em Mazaganópolis, mas que, obrigados pela condição social e racial à qual pertenciam, tiveram que reerguer Mazagão Velho. “Ora, atualmente Mazagão Velho abriga uma das principais comunidades negras do estado do Amapá” (VIDAL, 2008, p.269).

Vinhemos lá do Marrocos
 Para uma vila habitar
 Revivendo nossa história num cantinho do Amapá
 Sopra o vento africano

O navio sai pro outro lado
 Em seus porões desumanos
 Vêm nossos antepassados
 Saímos lá da mãe África
 Com destino a Belém.
 Deixando nossas famílias e nossos amigos também
 Sofrendo muito maltrato
 E todo tipo de agravo
 Desembarcam em Mazagão com condição de escravo
 Negro valente guerreiro
 Ao chegar neste lugar
 Arregaçaram as mangas e se puseram a trabalhar
 Terra abençoada em terra
 Tudo que se planta dá
 Com milho, arroz e feijão
 Abasteceram o meu Pará
 Mesmo longe da mãe África
 Humilhado e sem amor
 O negro trocou sua casa
 E sua história contou
 Fui escravo e sou liberto
 Vou pra cima e vou pra baixo
 E pra comemorar
 Hoje canto Marabaixo.

Ladrão de marabaixo de autoria do Sr. Jozué (ALMEIDA, 2011, p.65).

De todo modo, a Festa de São Tiago é assunto de Mazagão Velho, que se organiza anualmente para este momento tão importante para a comunidade, em que turistas de várias partes do Brasil e de fora também vão prestigiar principalmente a Batalha entre Mouros e Cristãos, considerada o ponto auge da Festa, nos dias 24 e 25 de julho. Nesse momento, o pequeno distrito chega a receber 50 mil pessoas, o que, de certa forma, movimenta a economia local, pois os moradores, além de alugarem suas casas e/ou quartos para os visitantes, também produzem alimentos e produtos artesanais para a venda. É nesse momento também que, segundo o Sr. Jozué, o distrito recebe os olhares das autoridades políticas, que buscam visibilidade para suas campanhas e para as melhorias que realizam, revitalizando a estrada de acesso, por exemplo, e atendendo a outras demandas da comunidade. Nesse contexto, ganha força a hipótese de a manutenção da Festa por tantos anos se dar exatamente pela possibilidade de visibilidade, o que se assemelha ao pedido de “socorro” manifestado em 1777 pela representação das três óperas, afinal é por esse momento que políticos e turistas se interessam e visitam o distrito. Assim, além da religiosidade e da perpetuação da história de transladação, também se clama por socorro diante de demandas básicas de sobrevivência, como o direito à água tratada, esgoto encanado, energia elétrica e internet de qualidade, além de profissionais qualificados e comprometidos com e para a saúde e educação.

Atualmente, a Festa tem financiamento do Governo Estadual, da Prefeitura e dos festeiros associados à Associação Cultural da Festa de São Tiago (ACFST), fundada em abril de 2006 a fim de administrar os recursos e produzir a Festa para a comunidade. Uma curiosidade apresentada por Vidal (2008), confirmada pelo Sr. Jozué, é que:

Quanto à família Flexa, cujos ancestrais vieram da fortaleza marroquina, que esteve na origem da criação de Mazaganópolis, ela nunca vai à festa. A ausência deles é sempre comentada, porque a família continua a desempenhar um papel político e social importante no município (VIDAL, 2008, p.269).

Além disso, conta o Sr. Jozué que antigamente a Festa era realizada somente pela comunidade, que desenvolvia meios de arrecadações, como os leilões e o bingo, ainda realizados em intervalos das celebrações religiosas, ao longo dos dias de Festa. Outro detalhe é que, geralmente, as pessoas que interpretam as figuras principais o fazem para o cumprimento de promessas realizadas e/ou graças alcançadas. Contudo, atualmente é necessário participar de um sorteio: as pessoas interessadas se associam à ACFST e participam do sorteio, que é feito anualmente. Segundo o Sr. Jozué, antes da criação da associação, não havia sorteio e sim uma lista por ordem de assinatura. Por vezes, uma família festeira passava anos aguardando sua vez e não tinha que pagar nada para participar da lista; hoje, existe uma taxa paga para a Associação, o que, em alguns casos, impede uma família, que não tem como pagar a taxa, de participar do sorteio.

Atualmente, a Festa acontece no período de 16 a 28 de julho e é constituída por novenas e procissões, além da encenação da “Batalha entre os Mouros e Cristãos”. Essa encenação tem duração de dois dias inteiros e acontece sempre nos dias 24 e 25 de julho, marcando o auge da Festa de São Tiago e conta com o envolvimento de toda a comunidade.

[...] cada pessoa se apressa a finalizar os últimos preparativos para a novena que vai começar naquele mesmo dia: uns repintam seus frontões, outros esticam bandeirolas de uma árvore a outra, as mulheres preparam a igreja de São Tiago (fundada em 1935) e vestem as imagens de São Jorge e São Tiago com galões azuis, vermelhos, amarelos, verdes... Com a proximidade da festa, Mazagão se enfeita com suas cores mais belas (VIDAL, 2008, p.258).

É importante ressaltar que, do mesmo modo que se realiza a encenação com a participação dos adultos, nos dias 27 e 28 de julho a encenação da Batalha é também realizada com as crianças da comunidade com o intuito de manter e repassar a tradição às novas gerações.



Imagem 41: Círio das Crianças.

Fonte: Arquivos da autora.

2.5. A dramaturgia face à etnocenologia

Pode ser que a vida espelhe a arte tanto como o contrário [...].
(SCHECHNER, 2012, p.76)

Diante do processo de desenvolvimento dos estudos sobre dramaturgia ao longo dos séculos, de Aristóteles (384-322 a.C.) a Bertolt Brecht (1898-1956), chegando aos tempos atuais, novas estruturas dramáticas foram propostas e levadas à cena, principalmente nos séculos XX e XXI, em contraponto às formas já estabelecidas. Na atualidade, cada vez mais os estudiosos do teatro têm cunhado novos conceitos, como dramaturgia do corpo, dramaturgia da voz, do espaço, coletiva, colaborativa etc., baseados em pesquisas e processos teórico-práticos, o que gerou questionamentos até mesmo às teorias mais recentes. Afinal,

A clássica definição de dramaturgia como a “arte de criar dramas” ou ainda como a “arte da composição de peças de teatro” (PAVIS, 2005, p.113), aplicada aos tempos mais modernos, parece gerar uma série de problemas. Essa definição de dramaturgia sugere a seguinte questão: com qual conceito de drama esta definição opera? Se a referência se dá, como tradicionalmente se deu, tomando como referências o drama renascentista ou o drama burguês, a definição parece excluir, ou não levar em consideração, grande parte da produção dramática dos últimos cem anos (MOREIRA, 2010, p.1).

Nesse contexto, ao longo do processo de desenvolvimento desta pesquisa, o conceito de dramaturgia foi questionado algumas vezes diante do objeto aqui abordado, o que deu margem para o imbricamento com as noções e práticas interdisciplinares propostas pela etnociologia, que denomina seus objetos como “Práticas e Comportamentos Humanos e Espetaculares Organizados (PCHEO)” (BIÃO, 2007, p.26) e são estruturados inicialmente por Bião em três subgrupos específicos, sendo o objeto desta pesquisa contemplado pelo

[...] campo dos rituais religiosos e políticos, dos festejos públicos, enfim dos ritos representativos ou comemorativos [...]. Nesse grupo de objetos, ser espetacular seria uma qualidade complementar, imprescindível decerto para sua conformação, mas não substantivamente essencial (BIÃO, 2007, p.27).

Para Pradier (1995 *apud* BIÃO, 1999, p.25), “Por ‘espetacular’ deve se entender uma forma de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano.” Diante dessa definição e retomando o conceito de dramaturgia apresentado por Pallottini (2006, p.16), na introdução deste trabalho, que considera tudo o que é dito e mostrado na e para a construção do espetáculo teatral, foi inevitável a associação com o conceito de “texto espetacular”, cunhado por Marco De Marinis, em que o

[...] **texto espetacular** deve ser entendido como o espetáculo teatral, considerado como *um conjunto desordenado (mas completo e coerente) de unidades textuais (expressões), de várias dimensões, que remetem a códigos diferentes, heterogêneos entre si e não necessariamente específicos, e por meio dos quais as estratégias de comunicação são realizadas, também dependendo do contexto produtivo-receptivo* (DE MARINIS, 2001, p.2, tradução nossa e grifos do autor).

Neste ponto, é importante ressaltar que a comunidade de Mazagão Velho compreende a encenação da Batalha enquanto “um grande teatro a céu aberto” em que cada um, a seu modo, contribui para a estruturação das linguagens ou “unidades textuais” que o compõem. Assim a

“dramaturgia da Batalha” se daria por meio destas “unidades textuais” representadas e guiadas por um roteiro carregado de significados impressos na memória e história dos atores e espectadores presentes. Sendo assim, entendo a Festa de São Tiago como um grande ritual cênico-religioso composto por pequenos núcleos de ações distintas e interdependentes que poderiam ser organizados em três categorias, cuja ordem de apresentação não implica necessariamente uma hierarquia estabelecida: a primeira seria a religiosa, composta por missas, “Círio” e novenas; a segunda, em contraponto, seria a profana, composta por shows musicais, jogos como o bingo no Barracão e tudo o que envolve as chamadas “festas/bailes dançantes” ou “arraial”, como é divulgado nas programações anuais. E, por último, a categoria do espetáculo teatral composta pelos momentos da encenação ao longo do dia 24 e 25 de julho e também nos dias 27 e 28 desse mês, com a encenação das crianças. Nesse contexto, compreendo que em Mazagão Velho a encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos é composta por estas três categorias, tendo em vista que, conforme apresentado, existem pontos de congruência importantes, como, por exemplo:

- As Figuras de São Tiago e São Jorge que saem vestidas a caráter antes mesmo do início da Festa, no dia 13 de julho, para a transladação do Santo em Macapá.
- O vominê da Alvorada que acolhe, na dança e na alimentação oferendada, os homens que passaram a noite na “festa dançante”.
- O juramento da Figura de São Tiago, que compõe o ritual posterior à Missa campal e ao Círio, e se conclui com a entrada das Figuras de São Tiago e São Jorge montados em seus cavalos, no interior da Igreja, para deixar as imagens dos santos e para receber e “dar” a benção final.

Assim, fica claro que a encenação não acontece somente nos dias 24, 25, 27 e 28 de julho, mas em todo o período da Festa de São Tiago, de 16 a 28 de julho, com a manifestação de algum elemento cênico relevante em cada dia e tendo como “pano de fundo” o contexto histórico de transladação da população originária e, conseqüentemente, a fundação e manutenção da comunidade. Sendo assim, a “dramaturgia da Batalha” seria constituída de todo esse contexto e, tentando me aproximar teoricamente das estruturas já apresentadas, teria como “texto espetacular” os elementos que compõem os simbolismos da Festa. De algum modo, esses elementos já foram identificados anteriormente, ao longo do texto desta tese, ou ainda serão apresentados no capítulo seguinte. Contudo, cabe aqui um breve destaque para os agrupamentos de elementos comumente abordados em um espetáculo teatral:

- **Cenário e iluminação:** a iluminação é natural, dada pelo sol ou luar, remontando os períodos do dia em que se davam os acontecimentos no contexto

de guerra vivenciado nos campos da antiga fortaleza marroquina. O cenário é o próprio distrito de Mazagão Velho, que vai sendo transformado ao longo dos dias de Festa e chega a ser composto por uma arquibancada e montada na rua Senador Flexa em frente à Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, onde acontece a maior parte da encenação e é também montado um pequeno palco elevado que aloja os narradores da encenação. As barracas de feirantes ambulantes que promovem a venda de materiais diversos também são fixadas nas proximidades do Barracão onde acontecem o Bingo e algumas festas dançantes. Também um grande palco suspenso é montado para a realização da Missa campal na via de entrada do distrito ao lado da Capela de São Tiago. Além de altares nas portas das casas e calçadas, e ruas enfeitadas com bandeirolas de fitas coloridas, também as imagens dos santos e os andores ornamentados compõem o interior da paróquia. Além disso, seria injusto não mencionar as reformas nas casas e fachadas, além da renovação da pintura das calçadas, postes e monumentos, que, em sua maioria, são providenciadas pelos moradores da comunidade que se preparam para receber amigos e parentes.

- **Os efeitos sonoros e musicalidades:** estes são produzidos pelos Caixeiros, Atiradores, Fogueteiros, Público, Organizadores e Equipe Litúrgica ao longo da Festa. O som das caixas, espingardas e foguetes marcam momentos específicos como as Alvoradas, vominê e toques específicos de sinalização para os movimentos de avançar e recolher das tropas durante a encenação. A Equipe Litúrgica é responsável pelos momentos religiosos e produz os sons referentes às missas e Círios, os cantos de louvor e adoração acompanhados de instrumentos, como bateria e violão, além das vozes de jovens e adultos que compõem o grupo. Também o público auxilia na produção dessa musicalidade quando acompanha, canta e reza junto, tanto nos momentos religiosos quanto nos momentos das Festas dançantes produzidas pelos organizadores. Os sinos da paróquia também são instrumentos importantes que sinalizam momentos específicos e convidam os fiéis a participarem. Também a sonorização mecânica ampliada por caixas de som presas aos postes na proximidade da paróquia e o carro de som ajudam no convite à participação e melhor entendimento da plateia sobre os acontecimentos vivenciados/encenados. A sonorização mecânica

também valoriza os momentos de festas dançantes com a reprodução de músicas com ritmos e letras regionais e também típicos da Festa.

- **A expressão corporal dos atores em cena:** considerando os figurantes como atores, têm-se corpos masculinos em posturas sérias e rígidas comuns aos soldados em guerra e movimentos guiados pelo ritmo de marcha dado pelas caixas nos toques de avançar e recolher, além de momentos de confronto estabelecidos pela luta de lanças e espadas. Ainda que seja uma dança, os corpos continuam rígidos no momento do vomitê, quando cada um que dança tenta, com passos curtos, sem distanciar muito o pé do chão, se defender de uma possível rasteira, ao mesmo tempo em que tenta também dar a rasteira. No entanto, os soldados Mascarados rompem com essa estrutura rígida e apresentam corpos mais soltos com movimentos mais amplos e livres de padrões de gestos militares, já que buscam em alguns casos identificar também com o corpo as máscaras/disfarces que vestem. Considerando a plateia também como atores importantes na Festa, observo corpos diversos, crianças, jovens, adultos, idosos com definições de gêneros variadas, que se comportam de modo distinto em cada momento, sendo também estas pessoas diferentes em cada situação. Para os momentos religiosos, observo corpos de maioria feminina em fase adulta e idosa, embora muitos homens e crianças também participem. Estes caminham seguindo o Círio em gestos de oração, louvor e clamor, corpos que se entregam ao fluxo dado pela marcha dos soldados e, como cardume, são direcionados pela formação de frente do Círio. Já nos momentos de Festa dançante, observo a maioria de corpos masculinos jovens e adultos, embora também muitas mulheres e algumas crianças participem. Estes são corpos disponíveis para os movimentos e ritmos livres dados pelas músicas das caixas amplificadoras.
- **Figurinos, adereços, maquiagem:** as “vestimentas”, como são chamadas, têm cores determinantes para a identificação de cada “Figurante”, além de, em alguns cargos, carregarem suas denominações, como as Figuras de São Jorge e São Tiago, que têm uma faixa bordada com suas identificações utilizada somente nas celebrações, e também o Atalaia e o Chefe dos Cristãos, que têm em seus “capacetes”, também bordados, a denominação de seus cargos. Normalmente, não utilizam penteados específicos, mas utilizam chapéus, que

são denominados de “capacetes” pela comunidade. Como adereços, temos as lanças utilizadas pelos Mouros, espadas pelos Cristãos, espingardas pelos Atiradores. Na maquiagem, no que diz respeito ao rosto, não utilizam nenhum tipo, mas fazem uso de uma mistura líquida avermelhada para representarem o sangue na morte do Atalaia. Os Soldados Mascarados, além de máscaras, usam, em alguns casos, perucas ou chapéus e roupas que lhe cobrem todo o corpo, evitando qualquer possibilidade de serem reconhecidos. Também são utilizadas camisetas com as denominações de funções como Atiradores, Caixeiros, Cavaleiros, Organização, por exemplo, para os respectivos executores de tais funções. Os representantes religiosos (padres e bispo) se vestem de túnicas brancas e vermelhas com detalhes em dourado, provavelmente cores específicas da época no calendário litúrgico. O público se veste de roupas leves e curtas, devido ao calor, e se produzem com maquiagens cotidianas (batons, sombras, lápis *crayon*, *blush*, base, rímel etc.) no caso das mulheres nas festas dançantes, principalmente.

Dando sequência às ideias de texto mostrado (espetacular) e texto falado (dramatúrgico) existente na encenação da Batalha de Mazagão Velho, é possível dizer que, como “texto dramatúrgico”, caberia o texto que anualmente, durante a encenação, é lido e comentado como uma narração das cenas. Nos anos de 2018 e 2019, ele foi exposto pela voz da narradora Amanda, como será possível observar no terceiro capítulo desta tese. Trata-se de uma espécie de “roteiro” que dá, como definido por Pavis (2008, p.347), “indicações sobre o argumento, a ação, a maneira de representar” e que, quando usado no teatro, em geral é “para espetáculos que não se baseiam num texto literário, mas são amplamente abertos à improvisação e compõem-se sobretudo de ações cênicas extralinguísticas”. Assim, compreendo que esse “roteiro” que, segundo o Sr. Jozué, não se sabe quando nem quem o escreveu, mas que sempre existiu, funciona, anualmente, como um guia para a realização das ações executadas pelos “Figurantes” ou “Brincantes” da encenação, além de também guiar os comentários dos outros dois narradores que acompanham e dialogam com o texto lido em tempo real. Nesse contexto, o roteiro apresenta os personagens que são: Figura de São Tiago, Figura de São Jorge, Figura do Atalaia, Chefe dos Cristãos, Rei Caldeiras (não aparece em cena, mas é citado), Menino Caldeirinha, Soldados Cristãos, Soldados Mouros, Bobo Velho, Mascarados (sendo estes dois últimos também Soldados Mouros), Caixeiros (que por vezes também são os Aautos) e Atiradores.

O roteiro também orienta com relação aos momentos em que são estabelecidos pequenos diálogos entre os Soldados emissários Mouros e Cristãos, expressos sempre de modo forte, bravo e seguro, nas pequenas frases ao longo da encenação:

- **Soldado emissário Mouro no episódio de entrega dos presentes:** “O rei dos Mouros mandou perguntar se São Tiago aceita o presente.”
- **Soldado emissário Mouro na abertura da encenação da Batalha:** “O rei dos Mouros mandou perguntar se estão prontos e se aceitam a batalha.”
- **Soldado emissário Cristão em resposta para o início da encenação da Batalha:** “Aceita!”
- **Atalaia Cristão antes de ser capturado:** “Alerta, alerta, alerta!”
- **Figura de São Tiago dando início ao Círio, após a Missa campal:** “Senhor, eu juro pela cruz da minha espada que só a colocarei na bainha quando der por fim esta batalha com a minha vitória”.
- **Figura de São Tiago após o Círio e antes de entrar na paróquia com as imagens:** “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eu juro pela Cruz da minha espada que, se não vencer essa batalha, serei morto e degolado. Jorge, não vacile, haveremos de vencer essa batalha de qualquer maneira!”

Diante dessas pequenas falas e desse possível roteiro, que não me foi permitido ter em mãos³³, mas que captei por meio de áudios gravados na Festa de 2019, como veremos, compreendo que a encenação segue anualmente uma estrutura fixa de ações e pequenas “falas”, textos pronunciados pelas Figuras em cena de modo que, como dito pelo Sr. Jozué, para sua execução “não é preciso ensaio, como todos já conhecem a história e assistem sempre à encenação, já sabem o que devem fazer e dizer”. Com esse relato, compreendo que o processo em disputa do conceito de dramaturgia nos leva a entendê-la na atualidade enquanto “um diálogo entre o texto escrito e o texto ‘vivo’, possibilitado pelo ator em cena através de seu corpo, sua voz, seus gestos, que ao serem associados à luz, ao espaço cênico geram movimentos e cenas que, como a palavra, ‘funda’” (ALEXANDRE, 1998, p.100).

Foi também inevitável o retorno aos estudos da performance cultural, com um passeio pelas teorias de Victor Turner, Richard Schechner e Zeca Ligiero, sendo que este último desenvolve pesquisas a respeito das “performances afro-ameríndias” e fundamenta o conceito

³³ No ano de 2018, quando participei pela primeira vez da Festa e observei que existia a leitura de um texto fixo, ao final da encenação me apresentei e pedi permissão para fotografar as páginas com o texto, no entanto o pedido foi negado, e o motivo dado foi por ser um texto privado aos organizadores da Festa. No entanto, considerando a apresentação pública e respeitando eticamente a experiência vivida, foi possível acessá-lo por meio das gravações e posterior transcrição com minha participação na Festa do ano de 2019.

de “‘motrizes culturais’ empregado no restauro/reiteração de comportamentos ancestrais no âmbito do ritual e em arenas do divertimento contemporâneo” (LIGIÉRO, 2019, p.196). Diante disso, retornando ao relato do Sr. Jozué sobre a dinâmica de execução da encenação sem ensaios, mas com a memória das ações e falas ativada, ganha destaque a afirmação de Ligiéro, ilustrando que,

Neste sentido, o corpo é seu texto. Nele se materializa uma literatura viva, desenvolvida a cada apresentação, refletindo o conhecimento que se tem da tradição. [...]. Na performance, a cultura da cena, mais do que por marcas, símbolos e formas (matrizes), se efetiva pelo conhecimento que o performer traz em seu próprio corpo quando executa a combinação dos seus movimentos no tempo e no espaço (LIGIÉRO, 2019, p.199).

Seguindo essa ideia do corpo como texto, também sugiro neste contexto o espaço, o som, a vestimenta, a fé, a memória, a história, a vida do povo mazaganense como texto da Batalha entre Mouros e Cristãos. Desse modo, as definições de dramaturgia realmente ficam insuficientes diante de tamanha complexidade. Contudo, usufruindo do caráter interdisciplinar proposto pela etnocologia, que entende o espetacular como traço da espécie humana, tanto quanto a língua e a religião (PRADIER *apud* BIÃO; GREINER, 1999, p.28), identifico, além de uma dramaturgia, também uma etnodramaturgia.

Historicamente, a etnodramática emerge justamente quando a sabedoria sobre outras culturas, outras visões de mundo, outros estilos de vida está aumentando; quando ocidentais, no empenho de compreender filosofias, dramas e poesia não ocidentais, nos currais de suas próprias construções cognitivas, descobrem que se depararam com monstros sublimes, dragões orientais que são os senhores do caos frutífero, cuja sabedoria faz nosso conhecimento cognitivo parecer algo pequeno, rústico e inadequado para nossa nova compreensão da condição humana (TURNER, 2015, p.143).

Victor Turner, aprofundando suas pesquisas etnográficas a respeito dos dramas sociais existentes nos grupos que observava e buscando entendê-los mais a fundo, a ponto de tentar se colocar no papel do sujeito ou fenômeno observado, propôs a Richard Schechner uma experiência de transcrição etnográfica para a cena, que seria interpretada por um grupo de atores. Desse modo, o “etnotexto” trata da experiência vivida e transcrita por Victor Turner aos atores de Richard Schechner, que, sob sua direção, a interpretavam. No processo, Turner permitia reproduzir as ações em seu próprio corpo, ajudando a ilustrar a experiência transcrita aos atores, quando necessário, gerando imagens, sensações e emoções mais próximas do

momento vivido junto ao fenômeno observado. Essa experiência é denominada por Turner como teatro “experimental”, que

[...] é nada menos que teatro “representado”; em outras palavras, é a experiência “restaurada”, o momento no processo experimental – aquele “momento” muitas vezes prolongado e internamente segmentado – em que o significado emerge – no ato de se “reviver” a experiência original (frequentemente um drama social percebido subjetivamente) e recebe uma forma estética adequada. Essa peça então se torna uma peça de sabedoria comunicável, que, por meio de *Verstehen* (compreensão), ajuda os outros a entenderem melhor não apenas a si próprios, mas os tempos e as condições culturais que compõem sua “experiência” geral da realidade (TURNER, 2015, p.22-23).

A encenação da Batalha seria então a experiência restaurada, não somente do conflito entre mouros e cristãos no continente africano, conforme ilustrado pelas ações realizadas ao longo dos “episódios”, mas também da ação presente no discurso dos narradores da encenação, que revelam a situação de desrespeito, abandono e violências em diversos níveis sofridas pelo povo negro remanescente dos africanos escravizados pela Coroa Portuguesa para a fundação da Mazagão brasileira. Sendo assim, atualmente, o “etnotexto” apresentado pelos narradores busca apresentar à população presente o contexto de superação e vitória, não somente dos cristãos, mas principalmente das gerações negras que ergueram Mazagão Velho depois de sua transladação do Marrocos e a reergueram após a mudança de sede para a Vila Nova de Anauerapucu. Além disso, compreendo que o processo de transmissão do “etnotexto” se dá também quando a encenação da Batalha dos adultos e todo o ritual religioso que o acompanha, serve de referência para a realização da Batalha das crianças na comunidade.

Diante desse contexto, a “(etno)dramaturgia da batalha” se fundamenta numa narrativa pautada pela memória, história e fé de um grupo específico, que são suscitadas pelo coração, reconstruindo espaços do sagrado e do afeto em busca de resistir às intempéries cotidianas impostas no passado e no presente vividos. Uma (etno)dramaturgia que se baseia nos corpos em cena e também fora dela, que se comunica por símbolos, compreendendo que “A comunicação por meio dos símbolos tampouco está limitada às palavras.” (TURNER, 2015, p.10).

Sendo assim, mais do que fazer uma análise semiológica através dos elementos que compõem as cenas, busquei, ao longo do trabalho, identificá-los de forma a exprimir seus significados para a comunidade que os utiliza. Afinal:

A etnocenologia deve se integrar na cultura endógena e, adotando suas referências específicas, alargar o campo de referências endógenas através de estudos comparativos. Procurar confrontar, a fim de provocar o enriquecimento mútuo, as diferentes correntes de pensamento e os diferentes tipos de abordagens culturais pode ser uma das contribuições da etnocenologia ao conhecimento humano (KHAZNADAR, 1997 *apud* BIÃO; GREINER, 1999, p.58).

Para tanto, pensando na relevância deste trabalho para futuras pesquisas, apresento no próximo capítulo o “etnotexto” da minha experiência vivida junto à comunidade de Mazagão Velho na encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos, em 2019, com o intuito de “refazer, mais que descrever”, como relatado por Patrice Pavis (*apud* BIÃO; GREINER, 1999, p.153). Neste texto, Pavis relata sua experiência quando solicita a uma artista da dança odissi que analise um dos episódios. Ela o faz

[...] retomando as principais atitudes, comentando-as verbalmente, detendo-se para explicitar um detalhe, identificando os motivos, as posturas e as transições. Esta maneira de proceder informa também sobre a maneira de narrar peculiar a cada cultura, com os exemplos considerados necessários e segundo a avaliação das dificuldades e das originalidades de suas próprias manifestações. Esta demonstração de trabalho intermediária entre a reconstituição (impossível) e a descrição (mutilante) revela bem toda a diferença entre a coisa e a palavra, entre a ação cênica e a reflexão teórica. [...]. Tudo isso é suficiente para indicar que a análise não é o único método bom para registrar e transmitir um espetáculo e, mais ainda, que o objetivo não é o de registrar uma encenação, recentemente inventada, e sim o de transmitir um saber às gerações futuras como no caso da dança odissi (PAVIS, 1995 *apud* BIÃO; GREINER, 1999, p.153).

Buscando ser fiel à experiência vivida, e ciente das perdas e da tarefa impossível de relatar com exatidão todos os acontecimentos cênicos diante da complexidade e simultaneidade dos mesmos, apresentarei a transcrição de grande parte dos áudios captados durante a encenação de modo que a experiência fale por si só, sendo o elemento principal de todo o contexto apresentado até aqui.

3. TERCEIRO ATO: a cena em contexto

3.1. A entrega dos presentes – 24 de julho de 2019

Então... estamos no dia 24 de julho de 2019, já aconteceu a Alvorada por volta das quatro horas da manhã e também a dança do “vominê” por volta do meio-dia, como já citado anteriormente. Munida de água e uma sombrinha emprestada por dona Marenice – que, ao me ver subindo a rua de sua casa acompanhando o “vominê” do meio-dia, sugeriu que me protegesse do sol durante essa tarde, que seria longa –, sigo com um gravador de voz ligado captando os sons da encenação e algumas impressões e observações ao longo do trajeto.

Por volta das quinze horas, dois caixeiros, que agora assumem a função de “Arautos” na encenação, passam pelas ruas da comunidade “batendo” o “toque do aviso”, que seria o anúncio da “entrega dos presentes”, considerado o primeiro “episódio” da encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos na comunidade. De acordo com o professor Antônio José, os Caixeiros assumem o papel de “Arautos” em dois momentos somente: neste primeiro do anúncio da “entrega dos presentes” e o segundo no dia 25 de julho, anunciando o início da Batalha. Nos momentos em que “batem” o vominê, por exemplo, eles são considerados como “caixeiros” e não podem ser confundidos com os “Arautos” da encenação.

Nesse contexto, após o “toque do aviso”, os senhores Caixeiros se posicionam em frente à casa do Sr. Agostinho Maciel, onde são guardados os estandartes da Festa; vez por outra “batem” um toque mais curto, como se convocassem as tropas a se reunirem neste local. Aos poucos, Soldados Mouros e Cristãos a cavalo se aproximam e se mantêm no aguardo, assim como a plateia formada por pessoas de idades variadas, que se aproximam e permanecem de pé ou sentadas nas calçadas, nos alpendres e varandas das casas próximas. A professora Ana Lúcia conversa com um grupo de pessoas próximas e dá maiores informações sobre este momento, em que serão entregues cinco presentes a pessoas homenageadas de Mazagão Velho, segundo ela:

As duas tropas se organizam em lados opostos da rua, mantendo a casa homenageada como meio do caminho. Um Soldado Cristão vem de um lado da rua e um Soldado Mouro, do outro lado. Se encontram na metade do caminho, ou seja, em frente à casa onde será entregue o presente, e o Soldado Mouro pergunta ao Soldado Cristão: - “O Rei dos Mouros mandou perguntar se São Tiago aceita o presente”. Enquanto o Soldado Mouro permanece no mesmo lugar aguardando, o Soldado Cristão volta ao seu batalhão para transferir a pergunta. Quando chega, pergunta: “O Rei dos Mouros mandou perguntar se São Tiago aceita o presente”. São Tiago responde: - “Aceito”. O cavaleiro cristão segue ao encontro do mensageiro mouro e diz: - “Aceita”. Então os cavaleiros retornam às suas tropas. E as duas tropas se encontram em conflito. Os cavaleiros descem dos cavalos, os mouros entregam o presente à pessoa homenageada e juntos, cristãos e mouros, dançam o vominê

(em espaço organizado pela pessoa homenageada, em sua própria casa). Servem-se bebida e comida aos participantes. Os Soldados retornam aos seus cavalos e se dirigem à próxima casa, reproduzindo a mesma cena. Um vem do lado direito e um, do lado esquerdo. Então, várias vezes eles vão pegar direcionamentos diferentes nas ruas, pois é necessário que uma tropa fique de frente para a outra e vão fazer isso nas cinco casas.

O presente já é o início da encenação, que narra o seguinte: O Rei Caldeiras pensou em fazer um golpe, mandou de presente para a tropa cristã uma comida envenenada. Os cristãos, recebendo o presente, desconfiaram da ação do inimigo e armaram um contragolpe: enviaram um espião para jogar metade da comida na granja dos mouros.

O Rei Caldeiras também mandou dizer, junto da entrega do presente, que aqueles Soldados Cristãos que quisessem passar para a tropa moura (se aliarem à tropa moura), ele ia fazer um baile de máscara para que eles fossem mascarados e, dessa forma, não seriam identificados pelos chefes cristãos e assim não sofreriam retaliações.

Então eles usaram o golpe do Rei Caldeiras para fazer um contragolpe. Eles foram fantasiados para a festa, mas levaram a outra metade da comida que fora presenteada pelos mouros e colocaram à mesa, juntamente com a comida servida aos convidados.

No dia seguinte, os cuidadores dos animais foram à granja para cuidar dos bichos e viram que eles estavam mortos, foram então ao local da festa para avisar ao rei o que estava acontecendo; quando chegaram, encontraram muitos Soldados Mouros mortos, inclusive o Rei Caldeiras. É aí que o Menino Caldeirinha entra. Na verdade, ele ainda era um bebê e então o amo dele é quem governava. Desse modo, a entrega dos presentes e o baile de máscaras são o primeiro episódio da Batalha [...]

Então, estamos aqui aguardando a chegada do restante dos cavaleiros, pois todos devem sair da casa em que está representando o estandarte da Festa. Tudo parte daqui, tudo sai daqui, da casa do Sr. Agostinho Maciel, que é uma pessoa muito importante para a Festa. Ele foi ministro eucarístico por muitos anos na Igreja, até ele morrer. E hoje o ministro eucarístico é o filho dele, o Alacide. Então são pessoas que sempre viveram com esse papel na questão religiosa dentro da festa. Então, em respeito, o presidente da Associação é o Alexandre, então os estandartes deveriam estar na casa dele. Só que ele é o representante administrativo da Festa e, em homenagem ao Sr. Agostinho, ele traz os estandartes pra cá.

Enquanto aguardamos, os Caixeiros tocam cada vez com tempo menos espaçado, sempre o mesmo toque. Chega o carro de som e se posiciona: são em média 50 cavaleiros, já em concentração.



Imagem 42: Cavalaria em concentração para a “entrega dos presentes”.

Fonte: Arquivo da autora.

O som dos foguetes também se intensifica. Um toque de caixa diferente e mais longo se inicia. O carro de som vai à frente, seguido pelos Caixeiros e Soldados montados em seus cavalos que descem a rua Senador Flexa em direção à paróquia. O carro de som – uma novidade da Festa de 2019 – contribui para que todos ouçam as contextualizações realizadas por Amanda, professor Antônio José e professor Hosana, ao longo da encenação. O professor Antônio José foi convidado a ser substituto do Sr. Vavá Santos na narração.

Amanda, responsável pela leitura do texto-base “enredo” de condução da Festa, inicia uma leitura que tem sequência de comentários dos dois professores.

Mazagão Velho está situado a 28 km da sede do município, às margens do rio Mutuacá. Mazagão Velho foi fundada em 1770 para abrigar 163 famílias de colonos lusos vindos da costa africana em decorrência de conflitos religiosos entre colonos portugueses e muçulmanos. Essas famílias e seus escravos chegaram ao local por volta de 1771 e, a partir de 1777, em referência a São Tiago, reviveram as batalhas que cristãos e muçulmanos travaram no continente negro.

Na formação do cortejo seguem um Soldado Moura tocando seu instrumento (diferente do instrumento dos cristãos), um outro que sustenta o estandarte moura, mais cinco que

carregam os presentes e também o Amo do Menino Caldeirinha, conduzindo seu cavalo por uma mão, e na outra carregando um cesto com laranjas, que serão entregues, junto com os presentes, aos homenageados da Festa.



Imagem 43: Formação moura para a “entrega dos presentes”.

Fonte: Arquivo da autora.

O cortejo segue entre fogos e o pedido, ao microfone, para que alguém desligue o som que está muito alto. Trata-se de um som aleatório, de um estabelecimento particular. Pede-se também para que as pessoas sigam para as arquibancadas e deixem a rua livre para a encenação, que já se inicia na porta da primeira casa onde será entregue o primeiro presente.

Professor Antônio José: *A história de um povo não é somente um livro escrito, é fundamentada em acreditar. Voltada à esperança, à fé e à esperança que pulsa forte em nossos corações. A história é o passado e o presente, e se lapidado, o futuro. Para fundamentar nossa identidade, tornar mais forte nossas raízes, embasar nossa crença, dar vozes às nossas tradições, significado ao que fazíamos. A história nos faz hoje, esta que revivemos num marco religioso e cultural e que está completando 242 anos. A saga do heroísmo de São Tiago, que será dramatizada aqui na comunidade. Lá vai o cavaleiro cristão ao encontro do cavaleiro mouro. Nesse momento, o cavaleiro mouro pergunta ao cavaleiro cristão se São Tiago aceita o presente. Nesse momento, no acampamento cristão, ouve-se um grito de “aceito”. Então vai dar-se início à representação do “Presente”.*

Presente este que está envenenado e que os cristãos acabam não fazendo uso tanto da bebida quanto da comida. Esse contexto histórico diz que o Mazagão começa na África, no ano de 1504, em um forte chamado Mazagão, que se torna imbatível.

O professor Hosana, bastante animado, interrompe a fala do professor Antônio José, enquanto ouvem-se fogos:

Vamos receber as duas tropas!!! Uma salva de palmas! Vamos dar início à grande Batalha de Mouros e Cristãos. Convido a todos para ficarem aqui perto, onde será entregue o primeiro presente das autoridades mouras. Estou aqui na casa do saudoso Vavá Santos. Seu filho, prefeito Antônio Elias, que vai receber o presente juntamente com toda a família.

Um terceiro homem (creio que seja o Alexandre, coordenador da Associação) inicia a fala:

Alexandre: *A gente pede aos espectadores que na hora em que os emissários estiverem passando, que na hora da passagem das tropas, que desobstruam a rua. Existe o risco eminente de acidente com o cavalo, então a gente pede, quem tiver criança que olhe e que segure, na hora da passagem das tropas, pessoal.*

Professor Hosana: *Então, estamos aqui ao lado da casa da família do saudoso Vavá Santos, esse grande narrador que já foi as duas Figuras, de Tiago e de São Jorge, Figura do Atalaia e aqui os Soldados Mouros, que têm a responsabilidade de fazer essa dramatização, entregando, assim, o primeiro presente. Eu estou aqui com o Antônio Elias, que vai dizer rapidamente, antes da entrega do presente, sobre a emoção de participar desse momento.*

Antônio Elias: *Boa tarde a todos! É com muita alegria que saúdo a todos aqui presentes. Estamos acompanhando e participando dessa magnífica festa que são os 242 anos da Festa de São Tiago.*

Professor Hosana: *Tá certo, Antônio Elias! A família está aqui na expectativa de receber o presente e aqui, os Arautos, já com as caixas preparadas para fazer esse toque que representa esse momento em que o chefe dos mouros determina para que seja entregue o primeiro presente.*

Ouve-se o toque da caixa. O professor Hosana, mais uma vez pede uma salva de palmas. O público aplaude. Há fogos, tanto das espingardas dos atiradores, quanto no céu com os foguetes. Nesse momento o Arauto cristão toca a caixa na porta da casa das autoridades dando a autorização para que o soldado mouro entregue o presente. Depois do toque entram na casa São Tiago, São Jorge, os arautos e o soldado que está com o presente para entregar. Ele então entrega o presente, as duas tropas entram também e dançam o vominê. Mas São Tiago e São Jorge não dançam, só ficam observando, sempre vigiando, como dito pelo Sr. Jozué.



Imagem 44: Soldados dançando o vominê no interior de uma casa homenageada na “entrega dos presentes”.

Fonte: Arquivo da autora.

Pode dar continuidade aí, professor, que eu vou lá dentro para o canto do vominê.

Professor Antônio José: *Só dizendo que, para entender melhor a Festa de São Tiago, pensemos em São Tiago em três pessoas: São Tiago Maior, que era apóstolo de Cristo, que presenciou os principais momentos da vida de Cristo como a transfiguração, a ressurreição da filha de Lázaro. Temos também São Tiago de Compostela, onde foi encontrado na Espanha o corpo de São Tiago, o caminho das estrelas ou o caminho da Compostela, é mais uma variação do nome de São Tiago. Também São Tiago Matamouros, soldado que lutou ao lado dos cristãos para dar vitória ao povo cristão nas batalhas entre mouros e cristãos.*

Professor Hosana: *Entramos aqui na casa do saudoso Vavá Santos, com sua família toda presente e já aqui preparados para o canto do vominê, onde aqui é entoado pelas duas tropas juntas, neste momento histórico de 242 anos da Festa de São Tiago.*

Inicia-se o toque de caixa, um dos soldados puxa o canto e o restante responde. Todos dançam em círculo, enquanto os caixeiros tocam no canto da sala. Ressaltando que alguns homens e mulheres (inclusive eu) que acompanham o cortejo e não compõem as cavalarias também entram na casa. No entanto, nesse momento, somente os soldados dançam. O canto é alto e forte, o espaço fica pequeno, a junção das vozes no canto ao toque das caixas gera uma

forte energia, o senhor dono da casa se emociona. No pequeno cômodo, o calor se intensifica ao longo da dança. Observo que os soldados dançam de forma mais comedida do que os homens no “vominê” da “Alvorada”.

Soldado puxador: *Eee hê, Eee hê,*

Soldados: *Vominê, vominê, vominê eee he*

Soldado puxador: *Senhores donos da casa, / licença nos queiram dar. / Essa é nossa história / que agora eu vou mostrar. Eee hê, Eee hê,*

Soldados: *Vominê, vominê eee he*

Soldado puxador: *Menino que arrasta o pé, / não tem mulher porque não quer Eee hê, Eee hê,*

Soldados: *Vominê, vominê eee he*

Soldado puxador: *Eu quero, eu quero, eu quero, eu quero a pichiuaiá... (seria uma forma de identificar uma bebida alcoólica)*

Soldados: *Vominê, vominê eee he*

Soldado puxador: *Cadê o dono da casa, / com ele eu quero falar. / Eu estou com a garganta seca, / uma cerveja quero tomar Eee hê, Eee hê,*

Soldados: *Vominê, vominê eee he*

Soldado puxador: *De 16 a 28, / celebramos com muito orgulho, / a Festa de São Tiago / que acontece no mês de julho Eee hê, Eee hê*

Soldados: *Vominê, vominê eee he*

Soldado puxador: *Eu quero, eu quero, / eu quero, eu quero empinar, / aquela bem gelada / que sobrou da madrugada Eee hê, Eee hê*

Soldados: *Vominê, vominê eee he*

Ao encerrar, há palmas, fogos e foguetes. Os soldados e o público que desejem fazê-lo, se dirigem ao local onde é oferecido o lanche e bebidas pelas mulheres da casa.

Professor Hosana: *Foi entregue então o primeiro presente aqui na casa do Sr. Vavá Santos. Estou aqui ao lado do Sr. Zé Cardinho, um Caixeiro tradicional da Festa. Muita emoção, seu Zé Cardinho?*

Zé Cardinho: *Muita!*

Professor Hosana: *Pode continuar, professor Antônio José.*

Professor Antônio José: *É muito gratificante começarmos justamente pela casa do Sr. Vavá Santos, porque ele foi o nosso mentor e orientador, foi ele quem nos deu essa oportunidade de levar o nome da Festa de São Tiago onde quer que a gente possa ir. Para nós é muito importante que essa tradição continue sendo passada de geração a geração. Quem sabe num próximo ano alguém assuma esse posto de narrador da Festa de São Tiago para levar essa palavra de Tiago, que é uma palavra muito forte dentro da estrutura de fé, da estrutura cristã. A Festa de São Tiago é celebrada de uma forma muito bacana porque ela mexe com a fé, ela mexe com a cultura, ela mexe com a esperança, ela nos torna igual a qualquer outro. A luta pela igualdade é muito importante em nossa vida. Nós temos que ter direito a celebrar as nossas divindades, as nossas crenças, nós temos que ter direito de sair sem estar sofrendo preconceito de raça, de cor ou de religião. Então é muito importante quando a gente celebra a Festa de São Tiago e a gente vê um povo diversificado, de todo e qualquer lugar desse nosso Amapá. E isso nos torna totalmente igual a qualquer um que chega aqui dentro da comunidade.*

Professor Hosana: *Sim, professor. Já, já, teremos a entrega do segundo presente, que será na casa do Sr. Bernardo Espíndola, mais uma autoridade aqui da comunidade histórica de Mazagão Velho.*

Professor Antônio José: *O interessante é que, de acordo com a tradição cristã, há vários relatos de aparecimento de São Tiago. O primeiro foi no ano de 844, quando o rei Ramiro, uma noite antes da batalha, sonhou com São Tiago dizendo que estaria presente naquela batalha. E o rei Ramiro se encontrava com uma tropa reduzida e, movido pela fé e por este primeiro aparecimento de São Tiago, conseguiu vencer uma batalha enquanto os prognósticos diriam o contrário. Então, do jeito que as tropas do rei Ramiro se encontravam, ele dificilmente venceria aquela batalha se não fosse pela ajuda de um ser maior. E esse ser era São Tiago, de acordo com os relatos de alguns soldados que conseguiram ver Tiago no campo de batalha, ao lado dos cristãos. Então a Festa de São Tiago, 242 anos de fé e tradição na comunidade de Mazagão Velho. Comunidade essa que teve sua trajetória iniciada no ano de 1770 para receber famílias de portugueses e seus escravos, oriundos da antiga Mazagão na África, que havia sido desativada através da Carta Régia, de 10 de março, pelo rei Dom José I, dando todas as providências ao Marquês de Pombal, na época, para desativar a cidade de Mazagão, trazer as famílias para o Brasil e seguir o seu projeto, que era a expansão pombalina da Amazônia. Então, depois da fundação da vila, sete anos após, foi revivida a primeira Festa de São Tiago aqui dentro da comunidade, em 1777. Então vamos seguir para o segundo ato desse episódio, que se denomina “O presente”, que será entregue na casa do Sr. Bernardo, agente distrital dessa comunidade e que se encontra com seu pai no leito do hospital. Que São Tiago possa trazer a sua saúde de volta. Vou ficando por aqui, vou me mudar para outro ponto estratégico. Vai ser lá próximo à casa do Sr. Bernardo.*

Professor Hosana: *Estamos, então, aqui próximos à casa do subprefeito de Mazagão. Aproveitamos para pedir que liberem a rua para o trânsito das tropas.*

Amanda: *Presentes: Os cristãos receberam os presentes com grande surpresa e desconfiança e imediatamente desconfiaram que pudesse estar envenenado. Assim, jogaram uma parte na granja mourina, onde ficavam animais. E guardaram a outra parte objetivando preparar uma contraofensiva cristã.*

Professor Antônio José: *Então, como simbologia do presente, será entregue aqui na casa do Sr. Bernardo Espíndola, agente distrital dessa comunidade e que está, desde o dia primeiro, nessa luta incansável no hospital.*

Professor Hosana: *Então já, já, teremos a entrega do segundo presente. Este momento remonta, dentro da simbologia histórica, a uma estratégia das autoridades mouras às*

autoridades cristãs que, na decorrência de várias batalhas, arquitetaram uma cilada para tentar dizimar as tropas cristãs, dando os presentes envenenados, não é isso, professor?

Professor Antônio José: *Exatamente! E aliás, se os cristãos tivessem comido e bebido desses presentes, com certeza a história seria outra. Se não fosse a desconfiança de Jorge e Tiago, com certeza a narrativa seria outra. Aproveito para pedir a todas as pessoas presentes, aos nossos amigos ambulantes que estão em suas vendas, se estiverem dentro da via de acesso, por favor, se retirem e depois retornem, para liberação da rua para acontecer o encontro entre Mouros e Cristãos.*

Professor Hosana: *As tropas já estão se aproximando, já dá pra ver os Soldados Mouros e olha só a dificuldade que estamos tendo para o acesso. Pedimos que retirem as mesas e depois retornem. Precisamos cumprir com este episódio. Gostaria da compreensão de vocês.*

Após um tempo tentando liberar o espaço com a ajuda dos apoiadores e atiradores da Festa, a cena continua. Os soldados se organizam, cada tropa em uma direção da rua, deixando uma distância entre as duas. O ponto central desta distância é a casa homenageada e também o ponto onde se encontram para acertarem a proposta.

Professor Hosana: *Lá vem o cavaleiro em alta velocidade, gente.*

Próximo ao ponto em que se encontram os cavaleiros, o professor levanta o microfone para que alcance a voz deles. Os dois Soldados, um Mouro e um Cristão, vindos de direções diferentes, se encontram e param próximos um do outro.

Soldado Mouro: *O Rei dos Mouros mandou perguntar se São Tiago aceita o presente?*

Professor Hosana: *Nesse momento, o emissário mouro veio trazer a proposta.*

Enquanto o Soldado Mouro permanece no mesmo lugar, o Soldado Cristão vai até sua tropa e, a galope, retorna ao encontro do Soldado Mouro.

Soldado Cristão: *Aceita.*

Professor Antônio José: *O emissário cristão agora responde.*

Professor Hosana: *E está chegando as duas tropas. Vamos nos afastar e vamos recebê-los com uma salva de palmas, gente! As duas tropas aí chefiadas por Jorge e Tiago!*

O público aplaude, e soltam-se fogos de artifício. As duas tropas se encontram e se misturam, até que descem do cavalo para a entrega do presente e dança do vominhê.

Professor Antônio José: *Estamos, então, comemorando 242 anos da Festa de São Tiago, dando início à encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos, com a entrega dos presentes e, à noite, teremos o baile de máscaras e teremos o resultado dessa entrega de presentes. Desconfiados, os cristãos não vão comer e nem beber o que ganharam. À noite, o Rei Caldeiras, achando que haveria ganhado a guerra, a comemorar, vai dar um baile de máscaras.*

Inicia-se o vominê com praticamente os mesmos versos do primeiro. Hosana convida a todos para rezarem um Pai-Nosso para o pai do subprefeito que está hospitalizado. Soldados, familiares e público rezam a oração e, em seguida, a Ave-Maria.

Professor Hosana: *A gente vê a comoção do nosso subprefeito, Sr. Bernardo, e essa força espiritual passada aí, pelos cavaleiros mouros e cristãos, fazendo uma oração pelo restabelecimento da saúde do Sr. José Espíndola, que tem sua família dedicada a Mazagão Velho. Primeiramente, a gente entrega nas mãos de Deus e também de São Tiago e São Jorge, para que possam restabelecer a saúde dele, para que possa estar brevemente ao nosso lado. Teremos já, já, a entrega do terceiro presente, que será na casa da dona Piedade Queiroz, não é isso, professor Antônio José?*

Professor Antônio José: *Isso mesmo. Agora a Amanda vai ler um pouco aqui sobre o histórico da Festa de São Tiago e depois nós vamos seguir viagem.*

Amanda: *A Festa tem sua origem na lenda que conta sobre o aparecimento de São Tiago como anônimo soldado que lutou heroicamente com os mouros. Desde a conquista das terras africanas, os lusitanos e fervorosos católicos tentaram converter os muçulmanos ao cristianismo e a aceitarem a fé em Cristo e o batismo em sua religião. Isso provocou intensamente os seguidores de Maomé, que mais tarde declararam guerra aos cristãos, liderados na época por Jorge e Tiago. Durante vários dias ocorreram batalhas com grande desvantagem para os cristãos, que resistiram aos ataques dos mouros enviados pelo Rei Caldeiras. Vendo que não venceriam seus adversários, armaram uma cilada e entregaram aos cristãos presentes em forma de iguarias. Os cristãos receberam os presentes com grande surpresa e desconfiaram que pudessem estar envenenados. Assim, jogaram uma parte na granja mourina, onde ficavam animais, e guardaram a outra parte, objetivando, assim, preparar uma contraofensiva cristã.*

Professor Hosana: *É justamente o que vai ser concretizado mais tarde, como a Amanda acabou de narrar. Então, essa cilada armada pelas autoridades mouras tem aí a desconfiança dos dois chefes cristãos, Tiago e Jorge, que pediram que os soldados não se alimentassem. Agradecemos aí ao nosso amigo Regis, que está desde o dia 15 com sua carretinha, contribuindo para que a gente pudesse passar essas informações à população. A esse povo que chega de todas as partes do nosso Brasil e fora do Brasil, prestigiando essa Festa de 242 anos. Então a gente agradece a toda essa estrutura que, com certeza, só vem engrandecer e ajudar a população a entender que o que está acontecendo não é só uma ida e vinda de cavalos, mas uma história que marcou a vinda dessa população do outro lado do Atlântico, e de um outro continente que foi o continente africano.*

O fluxo de pessoas acompanhando o cortejo continua aumentando e sempre mantendo a mesma organização dos “brincantes” envolvidos, enquanto seguimos para a entrega do terceiro presente, que homenageia dona Piedade Queiroz.

Professor Antônio José: [...] *Quem é a dona Piedade Queiroz? Uma mulher negra, batalhadora, que criou todos os seus filhos com o trabalho da roça. Além também de ser dançadeira de marabaixo e grande contribuidora da Festa de São Tiago. É a mãe do presidente da Associação, o Alexandre Queiroz, ao qual quero mandar um grande abraço e dizer que essa é mais uma Festa de São Tiago que ele está produzindo e que é um momento único para essa vila participar desse momento de fé, de tradição, de cultura. Que é a história de um povo contada através de versos e poesia, a história de um povo às margens do rio Mutuacá. [...] Estamos aqui na casa dessa mulher trabalhadora, dessa mulher honesta que batalhou pra criar seus filhos, mulher de marabaixo, mulher de batuque, mulher da Festa de São Tiago. E parteira também! Quantas crianças aqui não vieram ao mundo por essas mãos. A pessoa que pega uma criança, ao nascer, tem as mãos mágicas, mãos divinas, tem a mão de anjo.*

Professor Hosana: *Neste momento já estão chegando os Soldados e o chefe dos mouros capitaneando a entrega dos presentes.*

Professor Antônio José: *A infantaria que vem atrás protegendo o Rei Caldeiras Filho, que vai ter todo o desenrolar à noite no Baile das Máscaras.*

Professor Hosana: *A nossa equipe de artilharia que também é muito observada pelas pessoas, sempre foi fundamental nos atos das grandes guerras. A coragem e determinação da equipe de artilharia são hoje representadas por esses jovens mazaganenses.*

Professor Antônio José: *Com certeza, é importante sempre homenagearmos essa equipe teatral que encena a Festa de São Tiago, porque é um momento único que mistura fé, tradição e a coragem. E é este o significado da Festa para esse povo dessa comunidade, que foi fundamentada às margens do rio Mutuacá, no ano de 1770.*

Professor Hosana: *Nesse momento, os Arautos se preparam para fazer a entrega do próximo presente junto aos Soldados Mouros. E agora o Sr. Zé Cardinho pede pra avisar que, depois da entrega dos presentes, vamos todos para a casa do Sr. Raimundinho Silveira, rezar o Pai-Nosso prestando nossa homenagem, dançando o vominê em sua casa.*

Professor Antônio José: *Sim, Sr. Raimundinho Silveira foi chefe dos cristãos por muitos anos e hoje prestamos essa homenagem.*

Tem início o vominê na casa de dona Piedade Queiroz e observo versos que ainda não foram apresentados.

Soldado puxador: *Glorioso São Tiago, Padroeiro de Mazagão, / vominê só é bacana quando vê nego no chão*

Soldados: *Eeee eeee vominê, vominê, vominê.
Eu passei na tua porta, / tinha água pra beber, / não era sede não era nada, / era somente pra te ver eeee e...*

Soldados: *Eeee eeee vominê, vominê, vominê.*

Soldado puxador: *Lá em cima daquela serra / tem um pé de carrapicho, / eu já te botei a sela, / só falta te botar o rabicho eeeeeee eee*

Soldados: *Eeee eeee vominê, vominê, vominê.*

Após a dança, Hosana oferece o microfone a dona Piedade Queiroz, mãe do presidente da Associação e também da Figura de São Tiago desse ano. Porém, de tão emocionada que está, não consegue falar ao microfone. Hosana dá sequência aos acontecimentos e destaca a importância de outra mulher para a Festa, a professora Maria Nenê, avó do professor Reginaldo, que, por muitos anos, quando a Festa não tinha patrocínio e havia muita dificuldade para ser realizada, ajudou financeiramente para que ela acontecesse.

Professor Reginaldo: *É verdade. Por muitos anos minha avó foi professora de prendas e deixou seu legado aqui na vila de Mazagão Velho. A gente fica honrado e muito agradecido por ser neto dessa grande mulher. Temos um núcleo de Ação Social Professora Nenê em homenagem a ela.*

Professor Antônio José: *Quem vê hoje esses 242 anos de realização da Festa não imagina quantas dificuldades já foram enfrentadas. E a professora Nenê estava em um momento muito importante, quando a Festa passava por um momento de grande abandono, estava como um barco à deriva, como diz uma música, “jogada à própria sorte”. Essa Festa de São Tiago requer do mazaganense o máximo dele, que se entrega cada vez mais a cada ano que passa. A Festa tem o mesmo significado, mas as pessoas vão atribuindo valores a ela, valores como a igualdade. Por que o que era a luta de São Tiago? Era pelo respeito à minha religião e àquilo que eu penso. Então a Festa de São Tiago hoje, pra deixar bem claro, o significado é esse, que as pessoas aprendam a respeitar uns aos outros como seres humanos. Que as pessoas respeitem a religião do próximo independente de qual seja, porque Deus nós só temos um e religião nós temos tantas. Então, não está na religião, está em cada um de nós fazendo o nosso papel como filhos de Mazagão, como devotos de São Tiago e respeitando essas derivações que temos de religião, cor, raça... E por tudo isso São Tiago lutou.*

Professor Hosana: *Com certeza, professor, ali já vemos dois comandantes dos Arautos, o Celé, e o Garça já de uma nova geração, comandando o Arauto, que é quem dá a condução de tudo o que é feito na Batalha. O Arauto era usado naquela época pra determinar, dizer o que vai ser feito no momento seguinte. Então, hoje a gente já vê essas duas figuras fazendo o seu papel. E a gente vê que o comando continua, a hora que o arauto começa a tocar, automaticamente as tropas já descem.*

Professor Antônio José: *O significado, professor Hosana, que o toque dessas caixas tem pra essa Festa é remontar sua participação nos campos de batalha daquela época. A velha guarda dos Arautos trouxe a Festa de São Tiago até aqui, agora cabe às novas gerações levarem daqui pra frente. Então essa é a Festa de São Tiago, hoje sou eu, amanhã pode ser outra pessoa e é isso o que importa pra comunidade. Como professores, sabemos que não somos pra sempre e em algum momento alguém vai ter que substituir e aí nós já estaremos só assistindo, lembrando a nossa trajetória de vida e lembrando que contribuimos, sim, pra Festa de São Tiago, não brincando, mas passando informação sobre o contexto histórico da Festa durante todo esse evento que é a Festa de São Tiago.*

Professor Hosana: *Com certeza, hoje quando a gente passou em frente à casa do Cristiano, se não me engano, ele mais de cinco vezes fez a Figura de São Tiago. É aquela emoção, ele querendo oferecer lá o café... é muita emoção, a gente sente.*

Ouve-se o sino da igreja tocar. São 18 horas.

Professor Antônio José: *O sino da Igreja já está convidando para a novena, que acontecerá após a entrega dos presentes. Hoje a novena é da casa da família Penha e Queiroz, essa família que tanto contribuiu, e ainda contribui, para a nossa comunidade e para a Festa de São Tiago. São 242 anos de Festa de São Tiago, com a realização da comunidade de Mazagão Velho, através da Associação Cultural da Festa de São Tiago. O apoio vem por meio do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de Mazagão. [...] Nesse momento, o chefe dos mouros vem aqui, junto com os soldados para entregar o presente ao Excelentíssimo Sr. Prefeito. Ele está acompanhado do Milhomem, nosso Secretário de Cultura e, nesse momento, [em tom bastante animado] ele recebe o presente. Uma salva de palmas, gente!!! [...] Que Deus o abençoe à frente desse cargo tão importante que é governar esse município rico em cultura, rico em tradição, rico em fé, rico historicamente. Para nós, que estamos há muito tempo narrando a Festa de São Tiago, não quer dizer que a gente não se emocione nesse momento tão especial, que é a entrega do último presente e ver que, graças a Deus, tudo deu certo. E que vamos logo mais dançar o vominê na casa do Sr. Raimundinho Silveira. Vamos fazer essa homenagem pra ele e rezar um Pai-Nosso, porque ele foi um dos cavaleiros que tombou pela vontade do Pai Eterno e a gente precisa homenagear essas pessoas que fizeram a Festa de São Tiago e que deixaram essa herança para o povo de Mazagão Velho. E para o povo de Mazagão isso é muito importante, professor Hosana, é muito importante que a gente lembre dessas pessoas, que são ícones da cultura amapaense.*

Professor Hosana: *Pois é, então o Sr. Zé Cardinho reafirma que vamos aguardar aqui um pouco. As duas tropas vão deixar os cavalos aqui na casa do secretário Adilson e vão pra casa do Sr. Raimundinho, todo mundo andando.*

Professor Hosana: *Então, nesse momento aqui, foi cumprida essa parte do vominê na casa do Prefeito. E só avisando que saímos daqui só com o toque de vominê até a casa do Sr. Raimundinho, e os cavalos vão ficar aqui na frente da residência do Prefeito.*

Professor Antônio José: *Essa é a Festa de São Tiago, 242 anos...*

Ao final da dança, o secretário Antônio Elias, que recebe o microfone das mãos de Hosana, agradece pela Festa em nome do povo e pede ao secretário Milhomem que fale um pouco.

Milhomem: *Boa tarde, Antônio Elias! Boa tarde a todos os brincantes e a todos os participantes dessa festa importantíssima para o Amapá! Essa festa tradicional, histórica e cultural, que representa a vida de um povo e a vida do nosso Estado. É importante a manutenção dessa tradição, é importante a construção cultural desse grande movimento que é a Festa de São Tiago. Esses 242 anos representam, de fato, a sustentação histórica do povo do Mazagão, o povo do Mazagão Velho e pra nós, amapaenses, só nos orgulhamos de ter uma festa tradicional como essa, cada vez mais forte. E precisa ficar cada vez mais forte, cada vez que nós entendemos que a nossa tradição é mais importante que qualquer*

outra. Nossa cultura é mais importante do que qualquer outra, valorizando a nossa cultura, nós seremos respeitados. E, sendo respeitados, estaremos atraindo cada vez mais pessoas para nos conhecer, para participar e para construir conosco sempre uma nova história. Então, parabéns ao povo de Mazagão Velho. Parabéns ao povo participante dessa maravilhosa festa. E que nós possamos continuar fazendo, cada vez mais, uma grande Festa. E cada vez mais uma festa que represente, de fato, a estrutura cultural, histórica e patrimonial do Mazagão. Isso é que é importante! Muito obrigado!

Professor Antônio José: [...] Nesse momento, é com maior orgulho e satisfação que vamos até a casa do Sr. Raimundinho Silveira, onde faremos uma homenagem à família dele por toda a contribuição que ele deixou à Festa de São Tiago. Ao som dos Atrautos, levaremos o som do vominê à casa do Sr. Raimundinho. Pessoal, não esquecendo que à noite vai dar continuidade a esse, que foi o presente. Com o Baile de Máscara que foi oferecido pelo chefe dos mouros, pensando que os cristãos tinham comido, tinham bebido e tinham morrido envenenados. À noite, nesse Baile de Máscaras, os cristãos vão levando tudo o que eles ganharam para distribuir nesse Baile. E na manhã do dia 25, que o resultado de soldados, cavalos e até o Rei Caldeiras são vítimas do próprio veneno.

Já em frente da casa do Sr. Raimundinho, todos fazem uma corrente de oração e se organiza a artilharia para uma salva de tiros após a Ave-Maria. Amanda puxa o Pai-Nosso, a pedido de Hosana. Ouvem-se as caixas, os tiros e as palmas solicitadas por Hosana. Os soldados vão entrando para a residência após a oração e dançam o vominê. Antônio José agradece aos soldados pelo trabalho bem-feito e comemora por não ter havido nenhum incidente. Hosana informa que, respeitando o rito, é necessário entregar os estandartes e depois voltar para a casa do prefeito.

Após as orações e o vominê na casa do Sr. Raimundinho, todos seguem em direção à casa do Sr. Agostinho Maciel, que, como já citado, teve papel fundamental como representante da igreja e da Festa de São Tiago. Ouve-se, novamente, o sino da igreja: o toque é longo e simultâneo ao toque de caixa; enquanto se entrega o estandarte, toca-se e dança-se o vominê. Ao final, já com o grupo dispersado, dirigem-se à casa do prefeito para uma festa dançante.

3.2. O Baile dos Máscaras

O Baile “dos” Máscaras deixa clara a referência no masculino, pois, como já citado, este é um dos momentos em que somente os homens podem participar e somente se estiverem mascarados. O Baile tem início por volta das 21 horas do dia 24 de julho, quando já findou a novena na Paróquia Nossa Senhora da Assunção. Como já mencionado, trata-se de um momento festivo em que o Rei Caldeiras, então chefe dos mouros, pensando ter envenenado a tropa cristã com os presentes entregues durante a tarde, comemorava sua vitória e a adesão dos possíveis cristãos convertidos ao islamismo.



Imagem 45: Baile das máscaras no Barracão de São Tiago.

Fonte: Arquivo da autora.

Por volta das 20:30 horas, quando o sino da igreja acompanhando os tiros de antigas espingardas e foguetes anunciam o final da novena, no Barracão já está tudo preparado para iniciar o Baile. A plateia, formada pela comunidade e por visitantes de gêneros e idades variadas, se dispõe ao longo das paredes baixas que delimitam o espaço do Barracão e também na rua Senador Flexa, nas proximidades do local. O grande grupo de Mascarados se aproxima e é recebido pelos olhares curiosos da plateia. A música, bastante animada, é um ritmo inédito para mim, uma mistura de “‘lambadão’ e merengues (tipos de música caribenha)” (DIAS, 2009, p.29) que toca ininterruptamente em volume bem alto. O grupo se instala no Barracão e dança cada um a seu modo, alguns reforçando características de seu traje, como, por exemplo, um que se vestiu de grávida e ficava com as mãos acariciando a barriga, enquanto, vez por outra, se aproximava de alguém da plateia para exibí-la. Outro, vestindo um terno e usando uma bengala, curvava a coluna e dava passos bem curtinhos como quem “imitasse” um senhor idoso dançando.

O grupo de Mascarados traz uma espécie de andor sustentado por quatro Mascarados, sendo um em cada ponta, com uma cadeira presa em cima, onde fica sentado o boneco “Judas”, que, de acordo com o Sr. Jozué, representa o chefe dos mouros, o Rei Caldeiras. Por grande parte do Baile, o andor do Judas é sustentado pelos Mascarados, que se revezam para carregá-lo. O boneco tem o tamanho de uma pessoa adulta e é fabricado ao longo do dia no que identificam como Concentração dos Máscaras, um encontro festivo que acontece na casa do Sr. Côncio, atual Coordenador dos Máscaras.



Imagem 46 (à esquerda): O Judas - Beto Falcão no ano de 2019.

Imagem 47 (à direita): Sr. Côncio.

Fonte: Arquivo da autora.

Os homens começam a chegar ainda pela manhã na casa do Sr. Côncio, no que denominam de “concentração”, e ali passam o dia bebendo, conversando e preparando o Judas. Este, a cada ano, representa uma personalidade ou personagem em destaque. Em 2019, o homenageado foi “Beto Falcão”, personagem principal da novela **Segundo sol**, à época apresentada pela Rede Globo de Televisão, em horário nobre. Com a confecção deste Judas, fica evidente a manifestação dos produtos gerados pela cultura de massas³⁴ na dinâmica da Festa. Também vale ressaltar que, nessa "tradição" sempre atualizada pelos signos contemporâneos, as máscaras de borracha, produzidas em larga escala, industrialmente, trazem para o bojo do Baile personagens popularizados pelos meios de comunicação de massa, tais como aqueles da série espanhola **La casa de papel**.³⁵

³⁴ Conforme conceito cunhado pelos estudiosos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973) e Walter Benjamin (1892-1940), que os compreendem como produtos criados para as massas e não pelas massas.

³⁵ **La casa de papel** é uma série de televisão de drama policial espanhola criada por Álex Pina, exibida em quatro temporadas, entre 2017 e 2020, pela Netflix.

O baile dura a noite toda, terminando por volta das cinco da manhã, quando os Mascarados, que conseguiram se manter de pé nessa noite dançante, se dirigem à Paróquia Nossa Senhora da Assunção para fazer a transladação das imagens. A cena acontece sem muito estardalhaço. Só mesmo quem deu conta de permanecer acordado até o momento consegue acompanhar a transladação que, segundo o professor Antônio José, é realizada pelos Mascarados cristãos que se infiltraram no baile para devolver a comida envenenada que receberam como presente dos mouros.



Imagem 48: Os últimos Mascarados do baile por volta das 5 horas da manhã.

Fonte: Arquivo da autora.

Trata-se da transladação dos andores de São Tiago e São Jorge da Paróquia para a Capela de São Tiago. São poucos os Mascarados: oito deles carregam os dois andores, sendo cada um em uma ponta e mais alguns acompanham o trajeto, fazendo trocas quando necessário. Possivelmente, as trocas são feitas porque o Mascarado se cansa de carregar, devido ao baile da noite toda e também por conta de algum efeito de bebida alcoólica. É possível também que essas trocas funcionem como pagamento de promessa, e o revezamento dará mais oportunidade a quem precisa pagar as suas. Entretanto, não obtive elementos definitivos para comprovar tais

possibilidades, a partir da percepção que tive da cena. O Sr. Zé Cardinho acompanha todo o processo, fazendo a abertura e o trancamento das respectivas portas.



Imagem 49: Transladação dos santos, por volta das 6 horas da manhã.

Fonte: Arquivo da autora.

Como já citado, o Baile dos Máscaras é um dos momentos da Festa em que as mulheres são proibidas de participar. No entanto, a pesquisa de Dias (2009) apresenta relatos de que algumas mulheres já participaram como mascaradas no Baile e que este movimento é gerado por dois motivos principais: a transgressão movida pelo prazer do desafio a ser vencido e também o pagamento de alguma promessa alcançada. Em conversa com o Sr. Jozué, já foi comentado sobre esse fato e que, em caso de identificação de uma mulher dançando no Baile, ela é expulsa de uma forma até agressiva do local. Mas com os relatos de Dias (2009), entendi que quando há a identificação e que a mulher alega o pagamento de promessa, a punição é mais branda. Nesses casos, geralmente a mulher conta com o apoio de um grupo de amigos confiáveis para acompanhá-la ao longo da noite no Baile.

Dias (2009, p.25) ainda apresenta uma entrevista em que dona Zezinha, de 80 anos de idade (em 2008), contextualiza sobre a não participação de mulheres no Baile:

Ela explica que naquela época, quando os oficiais cristãos cismaram que os mouros preparavam uma cilada com a comida envenenada, fizeram espalhar a ordem: ‘não levem esposas e nem filhas!’. Ao invés disso, vistam-se com as roupas delas, para eles [os mouros] pensarem que são mulheres.

E assim, a tradição se mantém com grande número de Mascarados usando roupas femininas que são geralmente recolhidas às escondidas nos armários ou varais das casas no período da Festa, e às vezes até compartilhadas com amigos que também participam do Baile. O que causa inclusive certo suspense e divertimento na plateia feminina que, assistindo ao baile, identifica suas roupas, mas não sabe necessariamente quem as utiliza. Após a subtração das roupas, seria necessário criar uma máscara para cobrir todo o rosto.

Antigamente, como conta o Sr. Elivaldo Soares, conhecido como Elizardo, as máscaras eram feitas com papel de todo tipo, inclusive caixas de papelão: faziam-se os olhos e a boca e seguiam para o Baile. Sr. Elizardo e sua família são quem, atualmente, fabricam as máscaras para o Baile. Ele fala com orgulho e preocupação sobre a manutenção da tradição.

Eu sempre digo que a gente tem que lutar pela nossa cultura, por mais que tenha as máscara de borracha, de plástico e de tudo que for, tem que ter as nossas também. Essas é que são a nossa cultura. Nossa cultura começou no papel e vai se acabar no papel. Eu não abandono não, enquanto Deus me der vida.

Com essa fala de Elizardo, é relevante citar a pesquisa de Rodrigues, Santos e Ferreira (2018), que relaciona o percurso de desenvolvimento da “História do papel” à tradição das máscaras de Mazagão Velho. A trajetória de descoberta do processo de criação do papel teve início na China, no ano de 751 d.C. Posteriormente, prisioneiros chineses ensinaram as técnicas de fabricação aos árabes, que aos poucos também as inseriram na Europa, instalando o primeiro moinho papeleiro na Espanha, em 1085.

Desse modo, face à complexidade cada vez mais presente no que diz respeito à cultura mazaganense, as máscaras de Mazagão Velho – que são, segundo o Sr. Jozué, um artefato de guerra utilizado pelos mouros para afugentar os cavalos dos cristãos – remontam não somente ao contexto da guerra entre mouros e cristãos, mas também à concretude da participação moura na encenação. Seria de se esperar que, desde a origem da Festa até a atualidade, assim como as máscaras industrializadas de borracha se fizeram presentes, também poderiam ter sido utilizados materiais da própria floresta, como folhas de palmeiras, cascas de árvore seca, sementes ou até mesmo tecidos ou couro. No entanto, o papel prevaleceu e permaneceu até os dias de hoje, fazendo com que a identidade moura também tenha sua importância na Festa.

Sr. Elizardo conta que aprendeu a fazer as máscaras com um tio e que começou a produção com 15 anos de idade. Em 2019, ele contava 58 anos.

Era pro brincante pegar pra fazer, né? Aí, quando foi um dia, eu... eu tinha vontade de fazer, né? Aí comecei a fazer no barro, comecei a encapar no barro mesmo. Só que não saía, tinha que quebrar a forma...

A cada ano, Sr. Elizardo aprimorava sua técnica na produção de suas próprias máscaras, tornando-se conhecido na comunidade e passando a fazer um número maior delas para amigos e familiares usarem no Baile. Atualmente, suas máscaras são compradas pela prefeitura e distribuídas aos máscaras no dia 24 de julho, na casa do Sr. Côncio, durante a Concentração.

Sim, cada vez eu ia fazendo de um tipo, porque elas são diferenciada, não é só de um tipo... Eu vou tirando do pensamento, cada vez que eu vou fazendo, vai surgindo uma nova e vai sempre servir no rosto da pessoa, não tem essa de errar. Esse ano eu fiz uma média de 200 máscaras, e comecei mais ou menos em maio porque esse tempo é muito chuvoso e precisa de sol pra secar. Quando não é tempo chuvoso, fica mais rápido, porque tem todo o processo de colocar no sol pra esquentar e aí vem a chuva, tu tira... Então tem que ter esse cuidado todo pra não molhar.



Imagem 50: Máscaras prontas para o Baile de 2019.

Fonte: Arquivo da autora.

Como já citado, no processo de feitura das máscaras, além do papel, utiliza-se o barro que serve como forma. Como cola, ele usa uma mistura de “goma de tapioca” feita de polvilho com água aquecida no fogão. No dia em que conversei com o Sr. Elizardo, não foi possível presenciar as etapas do processo de fabricação, mas compreendi que primeiro ele molda a forma da máscara no barro e deixa secar. Depois de seco, ele começa a colar pedaços de papel picado até que forme uma camada bem resistente sobre a forma de barro e também deixa secar. Após a secagem, ele retira a máscara do molde e inicia a fase de pintura, realizada por sua filha.

Eu tenho uma filha que me ajuda com todo o processo da pintura, tudo da pintura é ela que faz. Como eu tô dizendo, a gente não é eterno, né? E aí, o dia que eu for, pelo menos já passo pra eles, né? Pra não deixarem a tradição morrer, fazer com que continue.

A preocupação em repassar a tradição às gerações mais jovens é comum a todas as pessoas de Mazagão Velho com quem conversei. Por isso, eles se organizam e fazem questão de manter a Festa das Crianças todos os anos, seguindo os princípios da tradição. Com a formação da Associação da Festa e a construção das pontes para acesso terrestre à comunidade, um número cada vez maior de visitantes acompanha a Festa, trazendo novas propostas.

Essas máscaras são registradas no Centro de Cultura do Estado. Então eu fui convidado para fazer e vender na casa do artesão em Macapá, mas eu não quis, eu não quis porque é uma cultura nossa. Então, não ia ter graça eu tá todo o tempo vendendo e quando chegasse a Festa de São Tiago... aí eu não quis.

Diante desse relato do Sr. Elizardo, assim como das oficinas e outras ações voluntárias desenvolvidas pelo Sr. Jozué com as crianças do lugar, entendo que as políticas públicas para a comunidade precisam ser repensadas de modo a compreender o “valor” e não apenas o “lucro”, pois a forma como a comunidade lida com todo esse contexto da sua própria cultura “não tem preço”.



Imagem 51: Sr. Elizardo, fabricante das máscaras.
Fonte: Arquivo da autora.

3.3. A Missa campal, Juramento de São Tiago e passagem do Bobo Velho

A celebração tem início na Travessa Senhora da Assunção, entre a Capela de São Tiago e a praça, e é presidida por três padres. Um deles é o Padre Nino, o mesmo que fez a celebração do dia 16 de julho e também em 2018, quando participei pela primeira vez da Festa.



Imagem 52: Missa campal 2019.

Fonte: Arquivo da autora.

Após a celebração, acontece o Círio com a Transladação das Imagens. A finalização se dá no interior da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, onde ocorrerá a bênção final pelo Padre Nino. Uma multidão de pessoas participa, entre elas crianças, idosos e autoridades políticas. Para dar início à formação do Círio, as Figuras de São Tiago e São Jorge montam em seus cavalos. Os soldados mouros, que hoje usam suas capas brancas, lanças e um bracelete com a imagem de suas espadas no braço esquerdo, se alinham à esquerda da rua e utilizam suas lanças para formar uma espécie de cordão de isolamento. Formação semelhante se faz do lado direito da rua com os Soldados Cristãos, que, também portando braceletes com a imagem da Cruz de Malta no braço esquerdo e espadas embainhadas, dão as mãos para formarem o cordão de isolamento na parte inicial do Círio.

Na formação de frente, seguem os Caixeiros acompanhados do Menino Caldeirinha, com seu Amo e seu cavalo; um Soldado Mouro, levando o estandarte mouro; o Chefe dos Cristãos; a Figura de São Jorge, carregando o estandarte cristão; os andores com as imagens dos Santos, e, por último, guardando a formação, a Figura de São Tiago que, durante todo o

percurso, faz pequenas evoluções, andando em círculos, subindo e descendo pequenos trechos das ruas em seu cavalo.

Um senhor, ao microfone, pede à população para liberar o espaço da rua para o trânsito de cavalos. A Figura de São Tiago se aproxima da formação do Círio, saca a espada e diz, em voz bastante projetada: “Senhor, eu juro pela cruz da minha espada que só a colocarei na bainha quando der por fim esta batalha com a minha vitória.”

O público aplaude o “Juramento de São Tiago”, enquanto a caixa é tocada com um ruflar e seguimos com o Círio ao som de fogos de artifício. Inicia-se uma apresentação com fala de Ana Lúcia, que está ao microfone em cima do carro de som. Ela conduz todo o Círio, contextualizando os acontecimentos da comunidade e enaltecendo o simbolismo religioso a respeito dos santos homenageados.

Ana Lúcia: [...] *Gostaria de dizer que neste momento as procissões possuem um significado profundo para os fiéis, que simboliza a caminhada de oração do povo de Deus em comunidade, rumo à casa do pai, que é Deus. Caminhar tem o sentido da missão, de sair de suas casas, de andar juntos para anunciar o Evangelho. É com este sentido que estamos aqui hoje, completando 242 anos desta caminhada de fé. Então, olhe para quem está do seu lado e diga um para o outro como foi falado na homilia: “Bom dia, que bom que você veio! Você foi chamado para estar aqui neste momento, vamos caminhar em oração, louvação e agradecimento. Olhe para o seu coração e faça uma reflexão sobre as batalhas diárias que você vive. O que você veio pedir a Deus? O que você veio pedir pela intercessão de São Tiago e de São Jorge? Olhe para todas as coisas que acontecem na sua vida, para todos os milagres diários, para todas as lutas, todas as batalhas, o que você vem pedir neste momento a Deus, com a intercessão de São Tiago e São Jorge”.*

Além da condução de Ana Lúcia, ouve-se o toque de caixa e fogos de artifício ao longo de todo o percurso, bem como hinos e orações de São Tiago e outras canções tradicionais católicas entoadas também pelos fiéis que acompanham o Círio.



Imagem 53: População acompanhando o Círio.

Fonte: Arquivo da autora.

Atrás da Figura de São Tiago, a multidão segue concentrada: alguns carregam imagens dos santos homenageados ou velas acesas, outros seguem descalços, outros ainda tentam de tudo para seguir segurando a corda que, em determinado momento, foi esticada pelos organizadores da Festa como forma de isolar a formação principal do Círio, área onde se encontram as imagens carregadas por personalidades políticas do Amapá, Caixeiros, Menino Caldeirinha e seu Amo, Soldados e as Figuras em seus cavalos.

O Círio segue pelas ruas da comunidade e muitos moradores nas casas acompanham pelas janelas ou portas, se emocionam, fazem reverência e gestos que sinalizam um estado de oração. Dona Marenice, mãe do Sr. Jozué, em sua varanda, enxuga os olhos com seu lençinho. Seu crochê da bandeira de São Tiago, produzido por ela mesma, está preso na porta e seu altar está montado e enfeitado com tapete de crochê. Sua neta, que deve ter uns seis anos, vestida de anjinho, permanece de mãos postas em oração durante a passagem das imagens. É comum observar ao longo do trajeto pequenos altares com imagens e/ou enfeites com flores e bandeirinhas nas varandas e calçadas das casas.



Imagem 54: Altar na calçada.

Fonte: Arquivo da autora.

Em determinado momento, o Círio parou, a Figura de São Tiago se virou de frente para uma casa em que não há nenhum sinal de santos e/ou enfeite relacionado à Festa. As pessoas da procissão aplaudem e todos na casa, posicionados numa pequena varanda, estão chorando muito. Posteriormente, eu soube que aquela era a casa do Sr. José Espíndola, homenageado no dia anterior com a entrega dos presentes e que falecera durante a madrugada. Acontece um minuto de silêncio, somente as caixas tocam; enquanto isso, a Figura de São Tiago com sua espada em riste fica parada com seu cavalo em direção à casa. É um momento muito simbólico

e emocionante. Muitos fogos são estourados após a finalização do toque das caixas. Segundo o Sr. Jozué, esta foi a primeira vez que alguém da comunidade morreu no dia de São Tiago, fato que comoveu a todos e se tornou um marco para a Festa deste ano.

Ana Lúcia: *Senhor José Espíndola foi um guerreiro! Neste momento, os nossos Santos estão ao lado dele. Que a alma do senhor José Espíndola seja levada pelo cavaleiro da fé aos pés de Jesus e que este sentimento de perda seja compensado pelo amor abençoado de hoje, pela paz que vem de toda a nossa fé e de toda a nossa devoção. Senhor José Espíndola, de onde o senhor estiver agora nos olhando, muito obrigada por tudo que o senhor fez por esta comunidade, muito obrigada por tudo que o senhor trouxe de ensinamento para todos nós. Vai em paz, guerreiro! Vamos dar uma salva de palmas para o senhor José Espíndola?!*

Ao final da fala de Ana Lúcia, muitos aplaudem e inicia-se a música “São Tiago me chamou”, de Verônica dos Tambores³⁶, reproduzida pelo som do caminhão que direciona o Círio:

São Tiago me chamou, eu vou
 eu vou para Mazagão cantar
 se São Tiago deixar o círio, eu vou acompanhar
 eu vou para Mazagão cantar
 se São Tiago deixar o círio, eu vou acompanhar
 eu vou pra lá
 espero por você
 vou acompanhar a batalha
 o baile de máscara e o *vomi nê*
 vou e espero por você
 vou acompanhar a batalha o baile das máscaras e o *vomi nê*
 São Tiago me chamou, eu vou, eu vou
 para Mazagão cantar
 se São Tiago deixar
 o círio eu vou acompanhar
 eu vou para Mazagão cantar
 se São Tiago deixar o círio, eu vou acompanhar
 eu vou para lá com os mouros e os cristãos
 quero ver o Bobo Velho no meio da multidão
 eu vou para lá com os mouros e os cristãos
 quero ver o Bobo Velho no meio da multidão
 São Tiago me chamou, eu vou
 eu vou, eu vou
 São Tiago me chamou, eu vou
 eu vou para Mazagão cantar
 se São Tiago deixar, o círio eu vou acompanhar
 eu vou pra Mazagão cantar
 se São Tiago deixar, o círio eu vou acompanhar.

³⁶ O videoclipe da música com imagens da Festa de São Tiago tem edição de Gabriel Penha e está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y1BbvqeyVbs>

Aqui destaco o que denominam de Música Popular Amapaense (MPA), que conta com ritmos e instrumentos regionais, em composições autorais de artistas locais. A MPA traz à tona as histórias e a cultura do povo amapaense em seus diversos contextos. Nessa canção de Verônica dos Tambores a essência da Festa de São Tiago é apresentada, marcando os seus momentos principais, enaltecendo a fé em São Tiago que, então, tem o poder de convidar e permitir ou não a chegada até Mazagão Velho. A letra também identifica esse momento como um ponto de encontro entre as pessoas da própria comunidade e também visitantes. A Festa é, portanto, um grande momento esperado e planejado pelos envolvidos ao longo de todo o ano. Como costumam dizer, “quando termina uma, já se iniciam os preparativos para a próxima”. Este é o momento em que os filhos que foram morar na capital retornam para ver os pais. Em muitos casos, é o único momento em que a família se reúne.

Ana Lúcia: *Vamos saudar aqui o pastor Everton e sua esposa Socorro, que têm o trabalho dentro da comunidade com os nossos irmãos evangélicos, também nessa prestação de serviço como foi dito na homilia do Evangelho de hoje. Todos nós estamos aqui, um a serviço do outro, todos nós estamos aqui, um para fazer com que a vida do outro seja melhor. Então nós saudamos os nossos irmãos evangélicos, o pastor Everton e a sua esposa, dona Socorro, para que vocês continuem com força, com saúde e com sabedoria nessa caminhada de fé. Que a misericórdia de Jesus esteja derramando todas as bênçãos que esta casa de oração precisa!*

Essa fala de Ana Lúcia acontece em frente ao salão da igreja evangélica, na rua dos Imoés, que é também a rua onde mora o Sr. Jozué, e destaca, a meu ver, a relação amistosa de respeito entre as práticas religiosas mobilizadas pela comunidade.

Chegando à Paróquia Nossa Senhora da Assunção, tem-se muitos fogos e novo toque de caixas. Muitas pessoas já se assentaram nas arquibancadas montadas em frente à Paróquia, e as Figuras de São Jorge e São Tiago se posicionam com seus cavalos em frente à porta. O fluxo de pessoas é realmente intenso. Vou sendo levada por esse fluxo em direção à porta, onde se posicionam as Figuras de São Tiago, à direita, e São Jorge, à esquerda, acompanhadas de suas imagens nos andores, e outras pequenas nas mãos das autoridades políticas e dos fiéis em devoção. Ao lado esquerdo de São Jorge, os Soldados Mouros, e os Soldados Cristãos à direita de São Tiago. Algumas pessoas diferentes fazem pronunciamentos breves ao microfone. Uma delas anuncia que neste momento estamos no programa da Ana Maria Braga.

Voz de mulher ao microfone: *Só de saber que estamos neste momento no programa da Ana Maria Braga é um grande orgulho, meu povo. Vocês, que vieram fazer este brilhantismo todo, parabéns para todos vocês, nós estamos na Rede Globo!*

Uma outra mulher ao microfone: *São Tiago entrará na Igreja levando a imagem. Cessar fogos, por favor! São Tiago entrará na Igreja! O instrumento de Jorge e Tiago na batalha foi o cavalo, então agora o cavalo entrará na Igreja para deixar os que hoje são santos: São Tiago e São Jorge. Deixem a porta da Igreja livre para que estes cavaleiros possam entrar e deixar as Imagens no altar. Vamos saudar a Figura de São Tiago que vai fazer, neste momento, o juramento.*

São Tiago faz o juramento com sua espada em riste.

Figura de São Tiago: *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Eu juro, pela Cruz da minha espada, que, se não vencer essa batalha, serei morto e degolado. Jorge, não vacile! Haveremos de vencer essa batalha de qualquer maneira!*

Os caixeiros tocam suas caixas, e aplausos da plateia são oferecidos. Os soldados, juntamente com os homens da produção de apoio da Festa, formam, de mãos dadas, um corredor para facilitar o acesso de São Tiago e São Jorge para o altar. A imagem do santo é entregue para São Tiago e o estandarte também. Iniciam-se os fogos e os sinos, além das caixas; São Tiago e São Jorge entram na igreja com as imagens de seus respectivos santos. O chefe dos cristãos traz o cavalo de São Jorge para fora da igreja. O estandarte mouro entra na igreja carregado por um Soldado Mouro (o Amo do Caldeirinha) e também as imagens que são levadas pelos fiéis e políticos. Muita gente entra na igreja. O público aplaude, comemora, canta uma música e reza a oração do Pai-Nosso.

O altar é neste momento ocupado pelas Figuras de São Jorge, São Tiago, Menino Caldeirinha com seu Amo, o padre e algumas representações políticas. A presença de todas essas “Figuras” do passado (Mouros e Cristãos) e do presente (padre e políticos) enuncia duas cenas distintas e simultâneas no tempo e espaço da trajetória mazaganense, bem como evidencia a eterna relação entre Igreja e Estado que se manifestou nos tempos das batalhas entre mouros e cristãos, a qual continua se concretizando neste altar e na cena política brasileira de forma geral.



Imagem 55: Figuras no Altar.

Fonte: Arquivo da autora.

Padre Nino: *Eu vou dar a bênção usando essas duas espadas, a primeira vou dar a bênção às autoridades políticas.*

Ele une a espada de São Jorge com a espada de São Tiago.

Padre Nino: *Então ninguém fica escandalizado. Eu vou dar a bênção usando essas duas espadas, vou fazer duas bênções. A primeira vou dar aos políticos que estão aqui, para que eles usem da espada da justiça para construir um mundo de paz para todos nós, para eles conseguirem cortar a injustiça das sociedades e respeitá-la. A segunda bênção – porque é muito cômodo falar que o político tem que fazer, mas e nós, o que nós fazemos para melhorar? Então, a segunda bênção será feita com as duas espadas para que São Tiago e São Jorge nos ajudem a cortar as pequenas injustiças, as drogas, a violência que está na nossa comunidade. Ninguém vai ficar escandalizado porque vou dar essas duas bênções. O Senhor esteja convosco.*

Público: *Ele está no meio de nós.*

Padre Nino: *Com a proteção de São Tiago e São Jorge, a Bênção de Deus Pai todo poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre nós e permaneça conosco para sempre.*

Público: *Amém.*

Padre Nino: *Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe.*

Público: *Graças a Deus.*

Padre Nino: *Vou entregar as espadas aos meninos e agora vocês podem fazer as suas devoções.*

O público aplaude. Alguém grita “Viva São Tiago! Viva São Jorge! Viva o povo de Deus!” A cada “viva”, o público responde com empolgação e palmas: “Viva!!!” Nos momentos finais, muitas pessoas se dirigem ao altar para tocarem nas imagens e colocarem suas fitas, além de posarem para fotos com as Figuras de São Tiago e São Jorge. O canto final em fundo diz: “Vem vamos cantar, / eu quero te encontrar na porta da capela...”.

Aos poucos, as pessoas e os Brincantes vão saindo da Capela e se organizando do lado de fora em formação para seguir com o Círio. São Jorge e São Tiago, que usam uma grande capa que alcança o chão, têm a ajuda de duas pessoas para carregá-las, impedindo de arrastarem no piso. Enquanto isso, a narração, ao microfone, continua.

Voz de mulher ao microfone: *Convidamos agora a todos para a dança de vominê da vitória de São Tiago, juntamente com todas as autoridades aqui presentes. Cavaleiros, Figuras de São Tiago, São Jorge e Menino Caldeirinha, neste exato momento, em cortejo, dirigem ao barracão de São Tiago para a dança do vominê.*

São Jorge e São Tiago montam em seus cavalos; o Menino Caldeirinha, também em seu cavalo, segue sendo puxado por seu Amo; os Caixeiros tocam as caixas e o Soldado Mouro segue à frente com o estandarte. Chegando ao barracão, São Jorge, São Tiago e o Menino Caldeirinha se sentam em uma cadeira, na frente do palco; nesse momento, os familiares e soldados aproveitam para tirar fotos com as Figuras. Um homem assume o microfone.

Voz de homem ao microfone: *Olá a todos! Sejam bem-vindos aos 242 anos desta Festa tão querida, que é a Festa de São Tiago. Hoje estamos no ponto auge do Círio e a gente agradece a presença de todos que estão aqui com a gente, nossas autoridades e nossa comunidade.*

Inicia-se o toque de caixa e os Soldados Mouros e Cristãos dançam e cantam o vominê.

Soldado puxador: Senhores donos da casa / licença nos queiram dar / essa é a nossa história / que agora vamos contar.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: 16 a 28 / fazemos com muito orgulho / a Festa de São Tiago / que acontece no mês de julho.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: Essa Festa que acontece / na vila de Mazagão / encenando a Batalha entre Mouros e Cristãos

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: Todos aqui presentes / prestem muita atenção / esta é a nossa cultura / do velho Mazagão.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: Cadê o Carlitão? / com ele quero falar / eu tô com a garganta seca / uma água quero tomar.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: Chegou a nossa Festa / já teve Alvorada / eu não sei a hora certa / mas foi de madrugada.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...)

Soldado puxador: Cadê o Carlitão / cadê a pixiuiaia

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: Cadê o governador / com ele quero falar / vem aqui para essa roda / agora uma rasteira eu vou te dar.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

Soldado puxador: Festeiro me deu cachaça / o festeiro me deu café / quer saber de uma coisa / vamos se embora que é vominê.

Soldados: Vominê, vominê... eeeee he...

As pessoas aplaudem ao final do vominê, e o mesmo homem retoma ao microfone, agradecendo pela presença de todos e convidando as autoridades políticas a formarem uma mesa. A lista de nomes é extensa. Entre eles estavam, além do presidente da Associação Cultural da Festa de São Tiago, Alexandre; o prefeito de Mazagão, conhecido como Mundão; o governador do Estado do Amapá, Waldez Góes, com o vice, Jaime Nunes; o presidente do Senado, Davi Alcolumbre; o senador Randolfe Rodrigues. Diante desses importantes membros da política nacional sendo convidados a comporem uma mesa dentro da programação da Festa, dou continuidade à reflexão sobre a relação Igreja e Estado, iniciada anteriormente e destaco o óbvio: a realização da Festa também como uma estratégia de visibilidade política. Lembre-se que, atualmente, a Festa conta com o financiamento público e que os políticos ocupam lugares exclusivos na formação do Círio, carregando as imagens dos santos.

Contudo, destaco também o poder de manifestação da comunidade suscitado pela liberdade de expressão promovida no vominê, quando o Soldado Puxador entoia “Cadê o governador, / com ele quero falar, / vem aqui para essa roda agora, / uma rasteira eu vou te dar”. O vominê, que é uma forma de trazer à tona o cotidiano e a história da comunidade, também

tem espaço para as manifestações políticas. A meu ver, é onde de fato a comunidade tem espaço de fala nesse palco disputado ou negociado pela Igreja e Estado, em Mazagão Velho.

Após o vominê no Barracão, em cortejo formado pelos Soldados Mouros e Cristãos, as Figuras de São Jorge e São Tiago, acompanhadas pelos Caixeiros, tocando suas caixas, seguem também o cavalo e o Amo do Menino Caldeirinha, que não participa, pois dormiu enquanto acontecia o vominê. Durante o trajeto, as caixas são tocadas e este momento é destinado ao vominê nas casas das pessoas que o solicitaram à Associação da Festa. São pessoas da comunidade que desejam, como pagamento de promessa, receber o vominê e oferecer o lanche aos que acompanham o cortejo. Ao finalizarem, por volta de meio-dia, retornam para guardarem o estandarte e se prepararem para a passagem do Bobo Velho.

3.4. A passagem do Bobo Velho

Entre doze e treze horas, crianças e adultos se organizam nas portas das casas com bagaços de laranjas a postos. Os bagaços são a munição para afugentar o Bobo Velho, um espião mouro que tenta se infiltrar no acampamento cristão, mas é descoberto e expulso a pedradas. Ele tenta por três vezes e não consegue êxito. Os bagaços de laranja, neste caso, substituem as pedras. O cavaleiro mascarado, atualmente, tenta se proteger usando roupas mais grossas e capacete, pois já houve casos de colocarem pedras dentro dos bagaços de laranja, gerando acidentes inclusive com o cavalo, que se assusta. O percurso do Bobo Velho tem início na rua Dom Macedo Costa, passa pela rua dos Imoés e termina na rua Senador Flexa. Devido ao risco de acidentes com os cavalos, que passam em alta velocidade, e os possíveis imprevistos com a plateia, atualmente conta-se com três cavaleiros diferentes para representarem as três tentativas; cada cavaleiro realiza uma volta. Antigamente, um único cavaleiro realizava as três voltas, mas, com o tempo e a recorrência de acidentes, passaram a considerar a divisão da função.

Nas calçadas, o clima é de descontração. Além de tentar acertar o Bobo Velho que passa em alta velocidade, é necessário também se proteger para não levar uma buchada de laranja que foi arremessada por alguém do outro lado da rua.



Imagem 56: Passagem do Bobo Velho.
Foto: Gabriel Penha.

3.5. Encenação da Batalha na porta da Igreja Matriz – 25 de julho de 2019



Imagem 57: Rua Senador Flexa com finalização dos preparativos em 2018.
Foto: Arquivo da autora.

Já por volta das 15 horas, conforme indicação do Sr. Jozué, posicionei-me na sombra da mangueira, na arquibancada da rua Senador Flexa, para assistir à encenação que tem início previsto para as 16 horas. Muita gente já se posicionou também. A rua ficou completamente tomada pelas pessoas que aguardavam o início da Batalha. Um pequeno palco suspenso é montado do outro lado da rua, na calçada da paróquia. Nele se posicionam os “narradores” da Festa: Amanda, professores Antônio José e Hosana, além de algumas pessoas que pronunciarão alguma fala ao microfone. O calor é bastante forte. Ambulantes passam vendendo comidas, bebidas, balas, picolés e chopp (suco congelado no saquinho plástico). Muita gente aproveita do calor para se refrescar no rio Mutuacá, que se estende margeando a rua. Professor Hosana dá início às falas, deixando claro para o público que o que irão presenciar é um espetáculo teatral.

Professor Hosana: *Pedimos às pessoas para que fiquem no meio-fio, desocupem a rua para que as duas tropas, moura e cristã, percorram este palco, este cenário a céu aberto, para que diversos episódios sejam encenados, comemorando a luta entre mouros e cristãos, em que este povo lusitano, por 65 dias, lutou em diversas batalhas.*

Professor Antônio José: *Que o Senhor possa trazer alento aos nossos corações. A gente sabe o quanto está sendo difícil para a família do meu padrinho, José Espíndola, mas também se tem a certeza de que ele morreu nos braços de São Tiago, São Tiago Apóstolo, São Tiago de Compostela, São Tiago da Espada, aquele que defendeu o seu povo das malícias dos mouros. Que São Tiago nos abençoe nessa tarde, que nos abençoe nesta caminhada de 242 anos de fé e tradição. Pedimos às pessoas que estão circulando pela rua Senador Flexa, esta da Igreja Matriz, que possa liberar este espaço para cumprirmos mais este compromisso com a Festa de São Tiago.*

Amanda: *Boa tarde a todos os presentes, sejam todos bem-vindos! Logo mais começamos a encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos.*

Professor Hosana: *Agora teremos a Amanda apresentando a leitura deste histórico de Mazagão Velho e que fique claro que a Vila de Mazagão Velho completou 249 anos de história em 23 de janeiro. Completou 249 anos de fundação e somente sete anos depois a Festa foi realizada. Por isso comemoramos 242 anos dessa Festa hoje.*

Amanda: *O palco a céu aberto, é assim a Festa de São Tiago no distrito de Mazagão Velho, município de Mazagão, a 62 km de Macapá. Trata-se da representação de batalhas ocorridas no século XVIII, entre cristãos e mouros, na disputa pela hegemonia da fé no continente africano. Uma tradição que remonta ao ano de 1777, quando 163 famílias de colonos lusos, estabelecidos em Mazagão, criaram a Festa de São Tiago, com o objetivo de homenagear o misterioso e destemido soldado que apareceu nas batalhas, lutando ao lado dos cristãos, que tiveram participação destacada na vitória dos seguidores de Jesus Cristo. Essa manifestação religiosa folclórica³⁷ é protagonizada por pessoas comuns, que,*

³⁷ Embora neste trabalho se esteja considerando a fala de Amanda e de outros interlocutores de Mazagão Velho, é preciso explorar aqui o fato de a Festa ser denominada de "folclórica" no trecho citado. Salientamos a importância de se desestabilizar o sentido hierarquicamente inferior que é dado a este conceito, definido do ponto de vista do

sem nenhuma técnica de interpretação, conseguem emocionar turistas, nativos e curiosos. Com suas coreografias, com garra e desenvolvimento, são atores que, motivados pela fé em São Tiago e respeito à tradição centenária, imprimem realismo às cenas de confronto. Os filhos e moradores de Mazagão Velho participam da encenação das lutas entre mouros e cristãos mantendo viva, assim, a lenda e os vários personagens como o Atalaia, o Bobo Velho e o querido Menino Caldeirinha, num belo espetáculo a céu aberto. Dos arraiais ao espetáculo religioso, a festividade comove os devotos com celebração de missas, novenas e procissões. Assim, com essas manifestações de fé a Deus e devoção a São Tiago e São Jorge, os Mazaganenses mantêm a longevidade cultural desse evento religioso.

Professor Antônio José: *Gostaria de pedir à Associação Cultural da Festa de São Tiago, Alexandre, peço para darem um pause no som da barraca da beirada. Eu quero mandar um abraço ao padre Márcio, que está vindo à nossa comunidade prestigiar a Festa de São Tiago! E mais uma vez, peço para dar um pause no som, eles já sabem disso. Às 4 horas da tarde daremos início à encenação, como já passa das 15:30, já era para o som estar desligado. Isso é necessário para fazermos a divulgação, pois ainda existem muitas pessoas dentro da via de acesso Senador Flexa, onde será encenada a Batalha entre Mouros e Cristãos. Não podemos fugir do horário, precisamos estar atentos a isso. Um forte abraço aos nossos amigos da Comunidade do Carvão, do Igarapé do Lago, do Rio Preto, do Abacate, do Uruchi e adjacências, todo mundo marcando presença na Festa de São Tiago.*

De acordo com o Sr. Jozué, o horário da batalha é uma estratégia dos cristãos tendo em vista que o acampamento dos mouros tem posição desprivilegiada em relação à visibilidade dos campos cristãos quando o sol se põe.

Amanda: *A Festa de São Tiago tem sua origem na lenda que conta o aparecimento de São Tiago, homônimo soldado que lutou heroicamente com os mouros. Desde a conquista das terras africanas, os lusitanos, fervorosos católicos, tentaram converter os muçulmanos ao Cristianismo e aceitar a fé em Cristo e o batismo em sua religião. Isso provocou o descontentamento dos seguidores de Maomé, que mais tarde declararam guerra aos cristãos, liderados na época por Jorge e Tiago. Durante vários dias, ocorreram batalhas com grande desvantagem para os lusitanos, que resistiram aos ataques dos mouros. Sendo chefiados pelo Rei Caldeiras, e vendo que não venceriam seus adversários, armaram uma cilada que consistia em pedir o fim da guerra e entregar aos capitães cristãos, presentes, em forma de iguarias, dando início à Batalha de São Tiago.*

Professor Antônio José: *Damos início à Festa, aos 242 anos da Festa de São Tiago na comunidade de Mazagão Velho. Dentro de poucos instantes, daremos início à dramatização da Batalha de Mouros e Cristãos. Batalha essa que aconteceu lá no continente negro. De um lado, os seguidores de Maomé, que tinham sua religião fundamentada também no Cristianismo, mas que achavam que Cristo era apenas um profeta que iria anunciar a chegada de Maomé. Do outro lado, estavam os cristãos, que*

colonizador como a cultura popular em contraposição à cultura erudita, elevada. Portanto, sem pretensões de corrigir ou modificar a fala de Amanda, temos que destacar essa apropriação do próprio conceito de cultura popular (ou folclore) como algo menor em relação à cultura do colonizador (erudita, civilizada). Além disso, vale lembrar a relevância dos mitos como regimes discursivos de verdades e não como meras histórias sem valor intrínseco, como usualmente são tomadas pelo olhar colonizado. É evidente que Amanda não está situando a expressão cultural da Festa de São Tiago como menor. Ao contrário, há uma ênfase à sua relevância em vários aspectos, inclusive históricos e antropológicos. Mas o uso do conceito folclore deve ser sempre colocado sob suspeita, do ponto de vista da pesquisa.

resistiram a estas batalhas e hoje estamos aqui para passar um pouco desse conhecimento, dessas batalhas que foram travadas, lá no continente negro, entre mouros e cristãos. A Festa de São Tiago tem o apoio e realização da comunidade de Mazagão Velho através da Associação da Festa de São Tiago, também apoio do governo do Estado do Amapá e Prefeitura Municipal de Mazagão. Gostaria de saudar a todas as pessoas que estão aqui nesta comunidade celebrando este grande marco, que é a Festa de São Tiago.

Professor Hosana: *Com certeza, professor Antônio José! Esta certeza de que nós somos uma comunidade onde foi segregada de distrito, mas sempre se fala da Vila Histórica de Mazagão Velho, aqui ela é ímpar. Porque nós congregamos três continentes. Neste pavilhão, nós vemos a bandeira de Portugal, a bandeira de Marrocos, a bandeira brasileira e aqui também a bandeira do Amapá e de Mazagão. Mas é o que nos representa, esse povo que sobreviveu a esta saga, que em 1769 o Marquês de Pombal determinou que estas famílias fossem desativadas na fortaleza que era percorrida todos os dias pelos mouros. Os mazaganenses que lá viviam enfrentavam os constantes ataques mouros. Tanto é que nós vamos ver daqui a pouco uma figura importantíssima, chamada Atalaia, que na época da fortaleza vários Atalaias que tinham responsabilidade de ficar em vigília para anunciar à fortaleza qualquer ataque que pudesse acontecer. A fortaleza onde estavam os cristãos, as Atalaias avisavam o que avistavam e quando o perigo se aproximava.*

Professor Antônio José: *Exatamente, professor Hosana, faltam agora oito minutinhos para as quatro horas da tarde. Às pessoas que estão circulando, por favor, não pode ficar aí. Vai haver uma movimentação de cavalos muito grande nesta via. Gostaria de pedir encarecidamente a você que está me ouvindo para que deixe a via de acesso e ande pelas margens da rua, para que você não se machuque e que possamos realizar o nosso trabalho. [...] Nossa Batalha terá como início o encontro dos dois emissários mouros e cristãos para saber se São Tiago aceita a batalha. Terminará às seis horas da tarde com a captura do Rei Caldeiras.*

Professor Hosana: *Nós tivemos ontem, mais ou menos a este mesmo horário, por volta das três horas da tarde, a entrega dos presentes às autoridades. Então teremos uma contraofensiva, pois os presentes estavam envenenados. Os cristãos estavam desconfiados e pegaram estes alimentos e foram para o Baile das Máscaras, além de darem uma parte dos alimentos para os animais. Muitos Soldados Mouros morreram, pois se alimentaram destes alimentos envenenados. O rei supremo dos mouros morreu envenenado e o Menino Caldeirinha assumiu o poder. Hoje as tropas são comandadas pelo Menino Caldeirinha.*

Professor Antônio José: *Essa batalha foi intensa, tão intensa que Luís de Camões, o grande poeta português, descreve dessa forma: o mazaganense foi tão heroico que até mulheres com crianças no braço defenderam a praça de Mazagão. Para você ver o quanto as batalhas entre mouros e cristãos foram tão intensas na cidade de Mazagão. Para quem está chegando, saiba que Mazagão foi a última cidade, o último reduto que os mouros não conseguiram conquistar. Os mazaganenses optaram por deixar Mazagão por falta de estrutura, por falta de lucro para Portugal. A resistência de Mazagão durou anos e, para quem não sabe, Mazagão ficava dentro de uma fortaleza, o que dava uma vantagem muito grande aos cristãos que conseguiram defender a vila por muitos anos.*

Professor Hosana: *A gente já consegue observar ali no alto, à minha esquerda, a movimentação da tropa cristã, que já vem fazer o reconhecimento do campo de batalha. Reforçamos o pedido para desocuparem a via de acesso.*

Amanda: *O Menino Caldeirinha é o filho do Rei Caldeiras, chefe dos Soldados Mouros. Ele substitui seu pai por ter morrido na madrugada do Baile de Máscaras, que foi o resultado da cilada armada pelos mouros contra os cristãos. O Menino Caldeirinha é uma criança que virá chefiando a tropa moura.*



Imagem 58: Menino Caldeirinha da Festa das Crianças.

Fonte: Arquivo da autora.

Professor Antônio José: *Dentro de poucos instantes daremos início ao primeiro episódio. Gostaria de ouvir um pouco o grande amigo Kiko José.*

Kiko José: *Boa tarde, professor! Boa tarde a todos os participantes desta festividade! O primeiro episódio já está se concretizando e, mais um ano, estamos comemorando a Festa de São Tiago. Agradecemos às pessoas que vieram participar com a gente...*

Enquanto Kiko segue com fala política, a tropa cristã, a cavalo, passa pelo corredor, entrando na rua ao lado da igreja. Aproximam-se quatro Soldados Cristãos sem cavalo e

também a Figura de São Jorge, o Atalaia e a Figura de São Tiago, com cavalos. Passam também dois caixeiros tocando. Entre os caixeiros, está o soldado que carrega o estandarte mouro. Atrás destes, o Amo do Caldeirinha, sem cavalo, e um Caixeiro mouro. As Figuras de São Tiago e São Jorge já utilizam os uniformes de Soldados Cristãos comuns. O que os diferencia dos outros são as ombreiras: cada um tem a ombreira da cor de seu santo. Entram os Soldados Mouros a cavalo, seguindo também para a rua ao lado da igreja, na Travessa Senhora da Assunção.

Professor Antônio José: *Estamos aqui mais uma vez na Vila de Mazagão Velho para assistir, mais uma vez, esse episódio das batalhas travadas entre mouros e cristãos, que aconteceu lá no continente negro. Já estão aqui, se aproximando do campo de batalha, os cavaleiros mouros para o reconhecimento do campo de batalha e, daqui a pouco, estará sendo dramatizada a nossa Batalha.*

Amanda: *A Festa tem sua origem na lenda que conta o aparecimento de São Tiago como anônimo soldado que lutou heroicamente com os mouros. Desde a conquista das terras africanas, os lusitanos, que são fervorosos católicos, tentaram converter os muçulmanos ao cristianismo e aceitar a fé em Cristo e o batismo em sua religião. Isso provocou intensamente os seguidores de Maomé que, mais tarde, declararam guerra aos cristãos liderados, na época, por Jorge e Tiago. Durante vários dias ocorreram batalhas contra os cristãos que resistiram aos ataques mourinos, estes chefiados pelo Rei Caldeiras. Vendo que não venceriam seus adversários, armaram uma cilada que consistia em pedir o fim da guerra e entregaram aos capitães cristãos presentes em forma de iguarias.*

Professor Antônio José: *E à noite se deu o Baile de Máscaras, onde morreu o Rei Caldeiras e hoje, dia 25 de julho, às seis horas da manhã, após o Baile de Máscaras, houve a levada do Santo da Igreja Matriz para a Capela de São Tiago. Às oito horas aconteceu a missa; às nove horas, o Círio e o translado do Santo pelas ruas de Mazagão Velho. Ao meio-dia, a passagem do Bobo Velho, que era um espião mouro que foi espionar o acampamento cristão, mas que foi apedrejado para ver se caía do cavalo. Às quatro horas da tarde, dá-se início à encenação das batalhas e às seis da tarde será encerrada.*

O Emissário Mouro se aproxima em alta velocidade, para no meio do caminho e aguarda o Emissário Cristão.

Antônio Elias: *Atenção! Este é o Soldado Mouro, um mensageiro de guerra que está aguardando o Emissário Cristão chegar. Eles vão se comunicar. Eu vou passar a mensagem aqui do Soldado Mouro, que é a seguinte mensagem: “O rei dos mouros manda perguntar aos cristãos se estão prontos e se aceitam a batalha”.*

Enquanto o mouro continua aguardando a resposta, o mensageiro cristão que ouviu a pergunta foi transmiti-la às forças onde estão os comandantes São Jorge e São Tiago e vão dar a resposta. O cavaleiro cristão se aproxima do cavaleiro mouro e diz: “Aceito!” “Então, está iniciada a Batalha!!!”, diz o professor Antônio Elias, com empolgação. As duas tropas se encontram frente a frente. Segundo o professor Hosana, neste momento as duas tropas se olham

e fazem o reconhecimento do campo de batalha. Este é o primeiro confronto ou primeiro “episódio”.



Imagem 59: Soldados Cristãos na encenação. Ao fundo, o Chefe dos Cristãos acompanhado de São Jorge e São Tiago.

Foto: Arquivo da autora.



Imagem 60: Soldados Mouros na encenação. Ao fundo, o palco suspenso onde ficaram os narradores em 2019.

Foto: Arquivo da autora.

Amanda: *Descoberta do Atalaia, o sentinela de plantão. Os cristãos mandaram um mensageiro Atalaia, a fim de observar a colocação das forças mouras e descobrir meios para destruí-la. Mas, infelizmente, foi visto pelas forças inimigas e o portão do acampamento foi fechado, impedindo o êxito em sua missão. Porém, o Atalaia conseguiu apoderar-se da bandeira moura e, em três gritos de alerta, jogou-a por cima do muro, a fim de que os cristãos a pegassem, deixando sua última mensagem: “Morra o homem, mas deixe a flâmula”.*

Primeiro, chegaram os soldados a cavalo e encontraram-se na frente da igreja. Aproximaram-se também as Figuras de São Tiago e São Jorge, que seguem atrás da tropa cristã. Por fim, aproxima-se o Arauto mouro com o Menino Caldeirinha, acompanhado de seu Amo, e o soldado que carrega o estandarte. O Arauto toca a caixa enquanto passa. As tropas mouras descem para a direita da rua. Após a descida da tropa, o Arauto retorna tocando mais uma vez, agora sozinho.

Amanda: *A descoberta do Atalaia, o sentinela de plantão. No fim da tarde, antes de iniciar a batalha, os cristãos mandaram o Atalaia para espionar os mouros. O Atalaia arrebatou a bandeira moura, mas fora descoberto pelos mourinos, que o balearam. Mesmo estando ferido de morte, o Atalaia conseguiu chegar próximo de seu acampamento e de lá atirou a bandeira a seus companheiros, dando três gritos de alerta. Em represália, os mouros decapitaram e espetaram sua cabeça em uma vara, pondo-a junto ao muro do acampamento cristão, para que estes ficassem com medo.*

Professor Hosana: *Então, esse é o episódio que tem aí a descoberta do Atalaia, que na verdade era um capitão que saiu para espionar o acampamento mouro.*

A tropa cristã está a postos na porta da igreja. O Atalaia está junto com São Jorge e São Tiago no momento em que se encontra com a tropa.

Professor Hosana: *O Atalaia já está se preparando para sair no meio de sua tropa. Ele tem uma função muito importante junto à tropa moura. No momento em que é encontrado, ele é perseguido até a morte. Então, vocês vão observar que ele é um jovem mazaganense e tem todo um cenário que nós vamos observar. Nesse momento, vai saindo Atalaia para sua missão.*

Enquanto Hosana, Amanda e Antônio José contextualizam a cena, o Atalaia passa pela rua três vezes, subindo e descendo a rua, ou seja, de um acampamento para o outro. Primeiro, ele passa junto de sua tropa descendo a rua; em seguida, retorna sozinho e se infiltra escondido no acampamento mouro. Vejo-o de longe em meio às árvores. Ali ele pega a bandeira moura e tenta retornar ao acampamento cristão, descendo a rua novamente.

Amanda lê novamente o texto lido anteriormente.

A descoberta do Atalaia, o sentinela de plantão: Os cristãos mandaram um mensageiro atalaia, a fim de observar a colocação das forças mouras e descobrir meios para destruí-la. Mas, infelizmente, foi visto pelas forças inimigas e o portão do acampamento foi fechado, impedindo o êxito em sua missão. Porém, o Atalaia conseguiu apoderar-se da bandeira moura e, em três gritos de alerta, jogou-a por cima do muro a fim de que os cristãos a pegassem, deixando sua última mensagem: “Morra o homem, mas deixe a flâmula”.

Professor Hosana: *E, nesse momento, o Atalaia já está apoderado da bandeira moura, ele já está ali no alto do acampamento. Já fez sua missão de tentar descobrir as forças inimigas. Ele começa a ser perseguido e vai já, já, aparecer ali com a bandeira moura.*

Professor Antônio José: *Também as tropas mouras já estão se preparando para a contraofensiva, para a defesa de seu estandarte, sua bandeira que, mais tarde, será moeda de troca entre mouros e cristãos.*

Professor Hosana: *Também está presente a equipe de artilharia, que sempre esteve presente nas batalhas, estão sempre a postos para a defesa e contraofensiva.*

Professor Antônio José: *O Atalaia vai, já ferido, abandonar o acampamento mouro e, quando chega ao acampamento cristão, já está ferido de morte. E, em outro momento, será executado na frente da praça de Mazagão, onde os mouros levantarão a cabeça do Atalaia na ponta de uma lança e os cristãos levantarão o estandarte mouro. E este é o episódio que marca a saga do Atalaia. [...]. Já está se aproximando [ouvem-se tiros], ele já foi atingido. Estes tiros representam o ataque ao Atalaia.*

O Atalaia chega, e os Soldados Mouros o acompanham, capturando-o. Observo a repetição nas falas, deixando claro ao espectador o que está sendo encenado neste momento.

Professor Hosana: *Vamos aplaudir, gente, o Atalaia que cumpriu sua missão!*

Ouve-se o toque dos Arautos Cristãos.

Amanda: *Neste momento, podemos ver Jorge e Tiago montados em seus cavalos, coordenando a tropa cristã. O estandarte mouro já está em poder da tropa cristã.*

Professor Hosana: *Toque de retirada, o som do Arauto neste momento simboliza o toque de retirada. O Arauto passa a mensagem de todas as batalhas.*

Professor Antônio José: *É como se fosse o celular, de hoje em dia, para passar a mensagem codificada da hora de atacar, da hora de defender, da hora de meio-dia. Então, o som dessas caixas determina o ritmo das batalhas entre mouros e cristãos.*

Ao som dos Arautos, os Soldados Cristãos descem em direção ao acampamento mouro, como se o estivessem atacando, seguidos dos atiradores.

Professor Hosana: *Já, já, vocês vão ver os Mascarados em ação, como estratégia de reforço dos Soldados Mouros. A estratégia era de que os cavalos se assustassem e jogassem os soldados ao chão.*

Os Mascarados sobem a rua, para a esquerda, em direção ao acampamento mouro.

Antônio Elias: *Todos estão vendo que a tropa moura é bem maior que a cristã.*

Depois dos Máscaras, subiram os cristãos, a cavalo e também sem cavalos, seguidos de Jorge, Tiago, os Caixeiros e o soldado Chefe dos Cristãos, carregando o estandarte mouro. Atrás deles, vêm os Soldados Mouros em seus cavalos.



Imagem 61: O Atalaia capturado.

Foto: Arquivo da autora.

Professor Hosana: *O Sr. Miguel das Neves está aí como atirador, já com 90 anos de idade.*

Professor Antônio José: *A logística da Festa é muito grande e, quando termina uma, já se inicia o preparativo para a próxima.*

Amanda: Segundo episódio: a morte do Atalaia. Os mouros, irados, trataram por vingança, por terem perdido sua bandeira para o Atalaia, cortaram sua cabeça e colocaram na ponta de uma lança, para que, quando os cristãos levantassem a bandeira moura, os mouros, em seu acampamento, levantariam a cabeça do Atalaia.

Passam pela rua os Soldados Mouros com Caixeiros à frente tocando. Neste toque, diz-se que haverá a morte do inimigo.

Antônio Elias: O Atalaia está dando suas últimas voltas pelo acampamento mouro, pois já foi sentenciado pelos Soldados Mouros. O Atalaia está cercado pelos inimigos. Neste momento, ele vai chamar a atenção de seus companheiros. Continua em perseguição, colocou seu capacete na lança e vai chamar a atenção de seus companheiros.

Atalaia: Alerta!



Imagem 62: Grito do Atalaia da Festa das crianças.
Foto: Arquivo da autora.

Como fiquei mais atenta à vivência e pensava ainda retornar nos anos seguintes para dar sequência à pesquisa, não foquei no registro por imagens. No entanto, captei esta que corresponde à mesma cena representada pelas crianças.

O Atalaia grita três vezes “Alerta!”, fazendo pequenas pausas entre um e outro grito. Após o último, os atiradores disparam as armas, e os soldados ao redor jogam um líquido vermelho no corpo do Atalaia, que cai. Os mouros saem carregando/exibindo o corpo falecido do Atalaia. Os Mascarados vão, e os Caixeiros tocam a retirada, enquanto se distanciam em direção ao acampamento mouro.

Professor Antônio José: *Este episódio narra a morte do Atalaia, que aconteceu na frente da praça de Mazagão, na África. Após roubar o estandarte, o Atalaia é ferido de morte e é morto e decapitado pelos Soldados Mouros, com o objetivo de amedrontar os Soldados Cristãos. Para quem não sabe, a bandeira moura, essa bandeira vermelha, tem duas espadas cruzadas. Essas espadas recebem o nome de “cimitarra” e eram capazes de decepar um homem ao meio. Eram essas as espadas que os mouros usavam em combate.*



Imagem 63: Morte do Atalaia da Festa das crianças.
Foto: Arquivo da autora.

Professor Hosana: *E do outro lado, no estandarte branco, temos a Cruz Pátea, a Cruz dos Templários, também conhecida como Cruz de São Jorge e Cruz de Malta, que está também nos escudos dos Soldados Cristãos.*

Professor Antônio José: *Festa de São Tiago, 242 anos de fé e devoção, aqui na cidade histórica de Mazagão Velho, nas margens do rio Mutuacá, banhado pelo rio Amazonas, por onde vieram nossos antepassados. Vieram os portugueses, vieram os africanos, que aqui fizeram sua morada, que aqui plantaram sol e raiz. E entre elas está essas mangueiras centenárias que foram plantadas pelo Sr. Inácio, pai do Sr. Vavá, juntamente com o Cláudio.*

Professor Hosana: *E é importante destacar a função dos militares que foi fundamental naquele período, pois vieram para defender a Amazônia e fizeram também sua casa em outro continente. Dez anos depois de sua fundação, houve aqui uma epidemia, que, inclusive, foi comprovada pelas escavações realizadas em 2006, pelo professor Marcos Albuquerque, lá nas ruínas da Igreja. E que descobriu um símbolo da existência dos soldados, que naquele período vieram para cá e foram assolados pelas epidemias. Ainda hoje vemos as epidemias assolando a Amazônia! Imagine há 249 anos, quando esse povo chegou!*

Professor Antônio José: *A luta do mazaganense para que nós estivéssemos aqui hoje vivendo esse momento que é a Festa de São Tiago. Por isso, é tão importante sempre citarmos esses nossos contribuidores para que a Festa de São Tiago hoje estivesse inteirando os seus 242 anos. Quantos soldados tombaram para que essa Festa hoje tivesse esse público, essa perspectiva histórica e cultural e esse reconhecimento cultural que a Festa de São Tiago tem hoje!*

Professor Hosana: *Inclusive, toda aquela salva de tiros, que acontece no dia 23, é feita em homenagem aos soldados e todas as pessoas que tombaram para fazer com que Mazagão continuasse a ser a comunidade que é.*

Professor Antônio José: *Com certeza, não foi fácil a vida do mazaganense. Ele veio de um lugar onde combatia pela religião e veio para outro, onde foi necessário combater os inimigos do corpo, como epidemias e descasos, como abandono. E a tudo isso o mazaganense acabou sobrevivendo. Vamos ao terceiro episódio da encenação.*

Amanda: *Armadilha: Os mouros no ato de desespero tentaram invadir o acampamento cristão, que, por motivo de segurança, já havia colocado em volta do acampamento várias armadilhas. Os mouros, que nada mal davam ao cessar fogo, foram às caladas ao acampamento cristão a fim de executar o seu plano. Porém, tudo foi inútil, caíram nas armadilhas dos cristãos, havendo assim mais uma derrota moura. Então, neste terceiro episódio, vocês vão notar que diversas batalhas mouras estão acontecendo chefiadas pelo Menino Caldeirinha. Eles vão buscando alternativas para invadir o acampamento cristão, mas os cristãos, já desconfiados, fizeram as armadilhas e, quando então os mouros invadiram o acampamento, caíram nas armadilhas.*

Figura de São Tiago: Paulo Neto

Figura de São Jorge: Lucas Queiroz

Menino Caldeirinha: José Tiago

Figura do Atalaia: Rone Cleis

Tropa Moura: Sebastião Jacarandá, Fernando Jacarandá, André Jacarandá, Walisson, Luciano ...

Amanda cita alguns nomes de participantes deste ano.

Professor Hosana: *Sr. Vavá Santos desembarcou na Itália na Segunda Guerra Mundial, defendendo o Brasil. Quando retornou, se uniu à Tia Caçula e teve seus filhos. E foi convidado por Janary Nunes para residir em Macapá. Ele tinha o livre-arbítrio de ir a qualquer lugar para militar como soldado, mas escolheu continuar em Mazagão Velho e aqui coordenou a Festa de São Tiago até a sua morte, há 10 anos.*

Interessante observar que Janary Nunes foi nomeado por Getúlio Vargas para ser o primeiro governador do Território do Amapá (1944-1949). Durante a formação de Mazagão, tanto no Marrocos quanto no Brasil, os soldados e a população de modo geral não tinham o “livre-arbítrio”, ou seja, não podiam escolher onde morar ou até mesmo quando poderiam sair, por motivos variados, da fortaleza ou da Vila de Mazagão, sem permissão superior.

Professor Hosana: *Então, neste momento, a pedido do Soldado Cristão Dico, temos essa tropa que tem o reforço de São Jorge e São Tiago e, neste momento, eles vão fazer uma cerimônia de agradecimento e reconhecimento a todos os mazaganenses que tombaram em defesa deste grande legado. Neste momento, eles vão fazer a menção de agradecimento e reconhecimento, tirando os seus capacetes. Vamos receber com uma salva de palmas e agradecer a todas as pessoas que, em algum momento, contribuíram e tombaram para defesa desta Festa. Gostaria neste momento de homenagear especialmente uma família que está, neste momento, em velório por uma pessoa que teve o privilégio, vamos dizer assim, de ser velada no dia de São Tiago, que é o Sr. José Espíndola. Uma salva de palmas àquela família que está em luto, minha gente!*

O público aplaude.

Professor Antônio José: *O meu padrinho, professor Hosana, veio do Uruxi e há mais de 40 anos firmou residência nesta comunidade. E, pela vontade divina, hoje ele está nos braços de São Tiago, sendo levado ao Reino da Glória. Que São Tiago conforte o coração da minha madrinha, dos meus irmãos de coração, que estão sentindo neste momento a dor da perda de uma pessoa da família. Que São Tiago os abençoe neste dia, que os proteja e apague a dor que cada um está sentindo em seu coração.*

Amanda lê novamente o roteiro do terceiro episódio.

Professor Hosana: *Neste momento, os Mascarados, que estão como Soldados Mouros, estão rastejando, tentando entrar no acampamento cristão. Mas os cristãos já se preveniram e estão entrando em desentendimento. É uma patrulha moura prestes a ser dizimada, em busca de resgatar seu estandarte. Vamos abrir o espaço, a tropa Moura se aproxima em alta velocidade! Neste momento, os companheiros de tropas chegam para socorrer. Quando se entra na guerra, você está sujeito a tudo, mas pode se tirar quem não está na guerra.*

Inicia-se o som de tiros e gritos.

Professor Hosana: *Então, neste momento, a tropa moura mascarada está sendo dizimada, mas recebe reforço e resgate de seus companheiros da Cavalaria Moura, que se aproxima em alta velocidade. A cavalaria se aproxima neste cenário a céu aberto para resgatar e salvar muitos dos Soldados Mouros que morreram ou estão feridos, vêm prestar socorro aos seus companheiros de guerra.*

Hosana pede aplausos para o episódio realizado. Os mouros Mascarados vão, e o Arauto toca a caixa com som de retirada.

Professor Antônio José: *Neste momento, os soldados batem em retirada, retornando ao seu acampamento, com soldados mortos e feridos. Os mortos, eles vão enterrar, e os feridos serão cuidados para retornarem aos combates. Então, hoje já tivemos um dos episódios mais importantes da Batalha, que foi a passagem e a morte do Atalaia. Uma Figura importantíssima, pois era um capitão cristão que saiu com o desafio de espionar o acampamento mouro. Conseguiu roubar a bandeira moura, mas foi capturado pelos Soldados Mouros e, no segundo momento, foi dizimado em frente à praça de Mazagão.*

Os Arautos se aproximam com novo toque, tiros espaçados são realizados. Aproximase o quarto episódio.

Professor Hosana: *O Menino Caldeirinha, que é chefe das tropas, já vem perdendo várias batalhas e já está sem munição. Então, ele precisa angariar recursos e vai mandar raptar as crianças, que são filhas dos cristãos, para vendê-las. O dinheiro pode ser representado por uma folha de mangueira, um pedaço de papel ou um bombom [bala] e, automaticamente após o recebimento, a criança é liberada. Isso tudo para que as tropas mours possam recuperar suas munições e fazer novos ataques às tropas cristãs. Este é um episódio muito bonito porque tem a participação das crianças. Só espero que as crianças não fiquem amedrontadas. Pedimos o cuidado do adulto que estiver perto, automaticamente, já tem criança se recolhendo. Esse é o episódio em que a gente precisa de vocês, não tem jeito. Eles precisam de munição e precisam continuar suas batalhas! Atenção, Mascarados, vocês precisam andar em número expressivo. [...] Olhe, a coordenação da Festa está informando que o cenário é só aqui dentro da via de acesso, não vale fazer carreira para fora desta via atrás das crianças (recado para os Mascarados). É necessário ter cuidado com o rio, pois a criança, em desespero, pode acabar sofrendo um acidente. Então a coordenação diz que, caso aconteça algum tipo de acidente causado pelo Mascarado, a coordenação vai convidar a se retirar. Cuidado com as crianças!*

Amanda: *Quarto episódio: a venda das crianças. O jovem Rei dos mouros, o Menino Caldeirinha, achando que sua derrota era inevitável, pois estava com falta de mantimento e munição, apelou para mais uma cilada, organizando uma passeata, em volta de seu acampamento, a fim de atrair as crianças cristãs para raptá-las e vendê-las, para que, com o dinheiro arrecadado, pudessem suprir as necessidades. Os cristãos, quando tiveram conhecimento do novo plano mouro, travaram violento combate e, mais uma vez, os mouros saíram derrotados.*

Alguns tiros aleatórios são disparados, os Mascarados estão passando. Amanda lê o roteiro sobre o mito de São Tiago e da Entrega dos Presentes já apresentados anteriormente. Hosana fala do aniversário do Sr. José Brito, que há oito anos participa como soldado. O Arauto

passa tocando. Acontece, novamente, o movimento recorrente de subir e descer a rua simbolizando o avançar e o recolher das tropas. Neste momento, desce a tropa moura, os Mascarados, que foram os últimos a chegar, passam pelos cristãos e começam a capturar as crianças, as carregam para o meio da rua e elas são recuperadas pelos adultos que as acompanham e oferecem algo em troca. Algumas crianças, as menores, choram e buscam se esconder. As maiores já juntam suas folhas de mangueira para pagarem seu próprio resgate. Aos poucos, o movimento de captura das crianças vai diminuindo, e os Mascarados se reúnem no centro da rua.

Professor Hosana: *Haverá um desentendimento. A tropa começa a dividir o dinheiro e começa a se desentender. E neste desentendimento, serão mais uma vez dizimados. Para quem não sabe, os Mascarados são da tropa moura. Para cada 25 mouros, havia um cristão. Os mouros tinham contingente expressivo e, a cada batalha, muitos Soldados Mouros foram dizimados. Alguns, que sobreviveram, serão resgatados e acolhidos pelos seus irmãos de guerra, que estão ainda lá no alto (à esquerda da igreja). São os mouros, a cavalo, que estão prontos para socorrer seus irmãos de guerra. A artilharia cristã já está pronta e dá-se início ao desentendimento.*

Ouvem-se sons de tiros seguidos, promovidos pela artilharia cristã. Soldados Mouros, a cavalo, entram em cena para resgatar os mouros Mascarados que estão caídos no chão. Há um breve combate e as tropas retornam aos acampamentos. Os Arautos passam mais uma vez, em toque de retirada. Toda essa movimentação de avançar e recolher ao longo da rua é bastante extensa, o que, aliado ao calor, ajuda a plateia a se dispersar. Ao meu lado, algumas pessoas já reclamam do cansaço.

Professor Hosana: *Nossa Mazagão é apenas doze anos mais jovem que Macapá. Hoje, eu digo que a Coroa Portuguesa tem uma dívida com a gente, principalmente com o povo aqui de Mazagão. Porque na época ela desativou, fez as promessas e, como diz o professor Laurent Vidal, em seu livro, “Mazagão é filha solitária na Amazônia”. Há pouco tempo, estive aqui um embaixador de Portugal e eu falei no ouvido dele: Portugal tem uma dívida histórica com Mazagão, porque desativou sua filha lá, implantou na Amazônia e não deu condições. E foi por isso que passamos por tanta decadência. Os maiores conflitos foram as epidemias que assolaram as comunidades. Na época, a Coroa Portuguesa deveria ter dado o apoio, mas simplesmente largou o povo aqui e muitos mazaganistas morreram. Na época, encontraram, em diversas casas, famílias inteiras mortas. Hoje podemos ver a nossa comunidade cheia, num dia de semana. Quantas pessoas deixaram suas casas para estarem aqui prestigiando a Festa de São Tiago!*

Amanda: *Quinto episódio: a troca do corpo do Atalaia. Os cristãos, compadecidos com o que havia acontecido, mandaram um mensageiro propor aos mouros a troca do corpo do Atalaia pela bandeira moura. Os mouros aceitaram a proposta e entregaram o corpo do Atalaia. Porém, os cristãos, após se apoderarem do corpo, negaram-se a entregar a bandeira moura, o estandarte. Um violento combate travou-se, e, quando os mouros levavam grande vantagem, apareceu um moço vestido todo de branco, lutando ao lado dos*

cristãos, e a luta continuou cada vez mais violenta. Enquanto a noite se aproximava, em forma de grande vantagem para os mouros, o moço desconhecido, que era São Tiago, levantou a sua espada para o ar e disse a sua mensagem: “Ó, Deus, peço que prolongue o dia por mais meia hora e assim venceremos a batalha.” O sol, que já havia declinado no horizonte, voltou a clarear e a batalha continua exatamente por mais meia hora, dando assim mais uma vez a vitória para os cristãos.

Professor Hosana: *Já estamos começando, o Mensageiro Cristão já levou a proposta. Agora, está se dirigindo ao Emissário Moura para saber a resposta. A proposta foi aceita!*

Amanda lê novamente o texto do quinto episódio apresentado acima.

Antônio Elias: *A tropa moura já se aproxima, trazendo o corpo do Atalaia, aquele mesmo que foi capturado pelos mouros por ter roubado a bandeira moura. Os mouros estão trazendo o corpo dele para trocarem pela bandeira moura.*

Ouve-se o toque dos Arautos enquanto a tropa moura se aproxima, carregando o corpo do Atalaia cristão. Entregam o corpo aos cristãos, que saem carregando o corpo sem entregar a bandeira. Dá-se início ao confronto, com tiros e luta. Os Arautos usam um novo toque, e os mouros saem em retirada.

Professor Hosana: *Neste momento, Jorge e Tiago cruzam a espada, reforçando, assim, as tropas cristãs, e fazem como reverência a Jesus Cristo e ao Cristianismo, dando vitória aos cristãos.*

Antônio Elias: *Atenção que vai começar o combate! Os mouros querem, a todo custo, a bandeira deles.*

Ouvem-se toque de caixa dos Arautos e tiros.

Amanda: *Sexto episódio: a tomada do estandarte. Como os cristãos se negaram a entregar a bandeira moura, os mouros organizaram uma batalha a fim de tomar, pela força, a bandeira, que se achava em poder dos cristãos. Mas tudo foi inútil, pois os cristãos já haviam reforçado suas forças e, ao anoitecer, comemoraram dançando o vominê, que era a dança utilizada, na época, para simbolizar a vitória e que todos podiam tomar parte.*

Professor Hosana: *Festa de São Tiago, 242 anos de tradição e fé deste povo situado na Amazônia. Povo que chegou em 1770, vindo em diversas viagens. Desde a desapropriação de Mazagão, em Marrocos, passaram por Lisboa, em Portugal, e se aportaram no Grão-Pará, onde tinha, na época, o governador Ataíde Teive. De lá houve a determinação para que essas famílias já chegassem na Vila de Mazagão Velho. E, chegando aqui, sete anos depois da sua fundação, começou a exibição para rememorar esse grande feito histórico, acontecido no continente africano. Onde esse povo, sem muito conhecimento, sem muita tecnologia na época, onde não tinha celular, onde não tinha uma máquina pra registrar, onde não tinha um gravador, mas que trouxe esse legado e com muita propriedade começou, não só a reverenciar esse feito que acontece no mês de julho, como de janeiro a dezembro Mazagão Velho vive e convive com manifestações culturais, e com isso ganha a*

nomenclatura de berço da cultura do estado do Amapá. Por isso, é tão importante a reverência aos nossos santos coloniais.

Os mouros subiram e desceram novamente a rua a galope.

Professor Hosana: *As investidas das tropas mouras não são em vão porque, já reforçado, eles continuam com grandes embates e vão revezando os soldados. Muitos Soldados Mouros morreram em diversas batalhas, e hoje, neste grande momento, nessa batalha, começando aqui, já tem um reforço. [...] O sino da Igreja toca, dando sinal de encerramento da batalha. Acontece a investida dos Soldados Mouros para tentar pegar o estandarte, mas eles não conseguem, porque os cristãos têm o apoio incondicional de Jorge e de Tiago, que defendem o cristianismo.*

Os cavaleiros mouros subiram e desceram a galope duas vezes, enquanto os Soldados Cristãos subiram vagorosamente, após terem descido Jorge e Tiago com suas espadas cruzadas. Eles se encontram em frente à igreja, e acontece uma pequena luta entre espadas e lanças. Antônio Elias pede aos Máscaras para passarem na frente para reforçar a tropa moura, que segue à frente em seus cavalos. Os Máscaras também atacam os cavalos, mas nada adianta: os cristãos continuam descendo a rua. Tiros aleatórios são disparados. Jorge e Tiago continuam com as espadas cruzadas atrás das tropas, protegendo o estandarte mouro. Atrás do estandarte seguem os caixeiros. Os mouros voltam e atacam novamente com suas lanças, em menor número agora. Os cristãos continuam no ataque. Os atiradores vão atrás das tropas até o final da rua.

Professor Antônio José: *Esse momento, que é ímpar em nossas vidas, estamos concluindo mais uma festa de São Tiago. Quero agradecer à Fátima Aleluia, costureira da Festa, à DIAGRO (Agência de Defesa e Inspeção Agropecuária do Estado do Amapá) por prestarem os cavalos.*

A Batalha continua lá embaixo, na rua, enquanto os professores falam. Vejo lanças e espadas voltando, além dos tiros. Alguns Mascarados ficam deslocados das tropas e são chamados a se unirem novamente. As pessoas já começaram a ir embora desde o final do quarto episódio. A rua já está bastante esvaziada em relação ao início da encenação. Antônio José parabeniza os vendedores ambulantes, deseja que vendam tudo e faz vários agradecimentos a pessoas que contribuíram com a Festa. Já são 18:10 horas e ainda não foi dado início ao sétimo episódio.

Amanda: *A vitória dos cristãos. À noite, depois de tudo, organizaram um baile chamado vominê, que vem simbolizar a vitória alcançada pelos cristãos. Vominê significa: "Vamos neles".*

A tropa moura retorna, bem dispersa, e a galope. Hosana convida o público para a Festa das crianças, que será nos dias 27 e 28. Dia 27, às dezesseis horas, será a entrega dos presentes. “Vamos dar espaço, gente, os cavalos vêm a galope.” Os Soldados Mouros vão chegando aos poucos, em grupos de três ou dois por vez. Sete soldados mortos, ou gravemente feridos, voltam sobre cavalos a galope, para esquerda. Voltam os mouros, vão até o final da rua à direita e, mais uma vez, retornam para a esquerda. Os Soldados Cristãos se aproximam, tocando a caixa, e novamente um encontro entre mouros e cristãos. A luta entre espadas e lanças persiste. Há gritaria e tiros e a batalha se estabelece bem na frente da igreja.

Professor Hosana: *Então, ainda estamos aqui acompanhando a finalização da Batalha. Devagar, devagar, vamos segurar os ânimos! (Aos soldados que lutam fervorosamente.) Cuidado, cuidado! Nós já estamos concluindo nossos trabalhos. Está tão bonito! Eu sei que a gente tenta dramatizar da melhor maneira possível. Mas é necessário segurar um pouco os ânimos para que a gente consiga finalizar o trabalho.*

Antônio Elias: *Essa é a tentativa de tomada do estandarte mouro. A luta continua. Os Soldados Mouros vêm, irados, nessa tentativa de tomar o estandarte mouro. Atenção, Máscaras, permaneçam com a máscara no rosto. Não pode tirar a máscara ainda, por favor.*

Os Arautos tocam.

Professor Hosana: *E o coração do mazaganense, neste momento, bate latentemente! Está se encerrando a Festa de São Tiago, que nós esperamos 365 dias do ano para acontecer.*

As duas tropas desceram para a direita da rua até o final.

Professor Hosana: *Lembrando que nós teremos o recírio. Após a Batalha, os soldados pegarão a imagem aqui na Igreja e levarão para a Capela.*

Amanda: *Sétimo episódio: a vitória dos cristãos. À noite, depois de tudo, organizaram o baile chamado vominê, que vem simbolizar a vitória alcançada por eles, cristãos, onde mouros e cristãos festejam juntos.*

Amanda agradece aos atiradores e caixeiros que estão envolvidos desde o dia 16 de julho. Ouvem-se tiros aleatórios. Antônio Elias também agradece a todos os envolvidos e diz que são mais de duzentas pessoas envolvidas na encenação.

Aproximam-se os Soldados Cristãos com as espadas para cima e se organizam em frente à igreja. Logo atrás da tropa cristã, vêm São Tiago e São Jorge, um Soldado Cristão segurando o estandarte mouro, a tropa moura em seus cavalos, os caixeiros ao fundo e Os Máscaras.

Também o Menino Caldeirinha vem de mãos dadas com o Amo, ao lado de seu cavalo, e os dois dançam o vominê.

Soldado canta ao microfone:

De 16 a 28
fazemos com muito orgulho
a Festa de São Tiago
que acontece no mês de julho
Eeeee vominê...

Essa festa que acontece
Na vila de Mazagão
representa a batalha
entre mouros e cristãos
Eeeee vominê...

Mazagão, terra querida
Não esquecerei de ti
És o berço da cultura
Foi aonde eu nasci
Eeeee vominê...

Ontem foi a vossa véspera
Hoje é o nosso dia
Essa batalha vai acabando
Com prazer e alegria
Eeeee vominê...

A todos aqui presentes
Prestem muita atenção
Essa é a nossa cultura
Aqui no velho Mazagão
Eeee vominé...

Professor Hosana: *A gente vê, neste momento, latentemente, a emoção das pessoas aqui na frente da Igreja junto às tropas cristã e a tropa moura. O Arauto já dá o sinal, a Figura de São Tiago e de São Jorge já adentram a Igreja matriz para então fazer a transladação das imagens para se cumprir o Círio até a Capela de São Tiago, de onde, por volta das 19 horas, haverá o Recírio, momento em que as imagens dos santos serão transladadas aqui para a Igreja Matriz novamente.*

Os soldados se enfileiram novamente na frente da igreja. Agora são 18:25 horas. São Tiago entrou na igreja a cavalo, pegou a imagem e agora sai. Há o toque de caixa. São Jorge também sai carregando sua imagem.



Imagem 64: Soldados e Figuras pegam as imagens para o Círio.

Foto: Arquivo da autora.

Professor Hosana: *Viva!!! Uma salva de palmas, pessoal! Aí estão os nossos mouros, os nossos cristãos, concluindo os seus papéis. Um momento muito bonito com muita emoção.*

Os Soldados Mouros e Cristãos caminham lado a lado, mouros à esquerda, cristãos à direita na rua, com o estandarte mouro, em sentido à Capela. São Jorge e São Tiago seguem a cavalo, lado a lado. O sino começa a tocar. Atiradores e os Mascarados carregam imagens dos santos nos andores. Os fiéis acompanham.

Amanda: *Oração de São Tiago. Glorioso São Tiago, nosso protetor e amigo, lançai vossa bênção em nossos lares. Assim como vencestes a batalha contra os inimigos do cristianismo, assim também combatei a ira dos inimigos de nossas almas. Como nós, cristãos católicos, pedimos a Deus que nos proteja sempre com vossa interseção para que possamos todos os anos comemorar a vossa gloriosa Festa. Invocamos a vossa proteção e viemos, perante vós, implorar por vosso auxílio, perante Deus, para engrandecimento e prosperidade da terra de Mazagão. Em nome de Jesus e Maria. Amém.*

Professor Hosana: *Cara, eu não tenho p... (Interrompe a fala, emocionado).*

Professor Antônio José: *Realmente, este é o momento em que nos faltam palavras para expressar a gratidão que eu tenho por este Santo. Muito obrigado a todos! Vamos acompanhar o recírio.*



Imagem 65: Recírio da Festa das Crianças.

Foto: Arquivo da autora.

Estão presentes três Caixeiros, mas somente dois estão tocando. Os Atiradores não acompanham o Recírio, somente os Fogueteiros. Toca-se o sino da matriz, e também os fogos são disparados. Os Soldados Mouros e Cristãos formam um corredor na porta da igreja. Os

Mascarados entram com os andores. Em seguida, as pessoas os seguem carregando as imagens menores. Também as Figuras de São Tiago e São Jorge entram com as imagens.

No interior da igreja, os andores são posicionados no altar. As imagens menores são colocadas em mesas laterais, e as Figuras de São Jorge e São Tiago se posicionam na frente do altar, no meio, de frente para os bancos, sentando-se em cadeiras reservadas. Também Soldados Mouros e Cristãos se sentam nas cadeiras disponíveis ao fundo do altar. Acontece uma breve celebração, presidida pelo vigário da comunidade, e todos seguem para suas casas após posarem para fotos e compartilharem flores dos andores das imagens transladadas.

O dia seguinte é de descanso. Com o distrito mais vazio, a comunidade se prepara para a Festa das crianças, que tem os mesmos rituais da Festa dos adultos. Tudo o que foi realizado nos dias 24 e 25 será agora reproduzido com as crianças ao longo do dia 27 e 28 de julho. No entanto, sem tanto público, sem tanta agitação, até mesmo os ambulantes já desmontaram suas barracas. Então, de forma tranquila, a comunidade realiza a Festa das crianças.



Imagem 66: Soldado Mouro mirim.
Foto: Arquivo da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No interior do Brasil, ainda se pode ver dramatizações da luta entre mouros e cristãos. O evento costuma ocorrer por ocasião das Festas Juninas ou da Festa do Divino. É precedido de missa e procissão, e concluído com jogos de equitação, confraternização e fogos de artifício. Às vezes, recebe o nome de *chegança* ou *mourama* e, em geral, participa do que se convencionou chamar *Cavalhadas*. O ritual participa das tradições folclóricas de todas as áreas rurais, **menos da Amazônica**. Há registros a seu respeito em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e, sobretudo, nos Estados do Nordeste (MACEDO, 2004, p.1. Grifo nosso).

Com essa citação e com todo meu respeito ao autor do artigo em questão, dou início às considerações finais desta pesquisa, destacando sua relevância para o contexto acadêmico, principalmente fora do Amapá, fora de um Brasil que muitos brasileiros desconhecem. Nesse contexto, concordo com o professor Antônio José quando diz que “se não fosse a Festa de São Tiago, Mazagão Velho seria esquecido”. Essa Festa – considerada o marco zero do teatro realizado a céu aberto no Amapá, pelo professor Romualdo Palhano (LEMOS, 2017, p.36), um dos principais pesquisadores da história do teatro amapaense – é também o marco de resistência da comunidade. Para compreender isso, foi necessário me abrir para o encontro e permitir a fruição entre o contexto histórico e o vivido, com olhares e ouvidos atentos às narrativas existentes nas palavras e nos símbolos observados.

Para tanto, passei pelo contexto de formação da Mazagão no Marrocos, um contexto marcado pela colonização portuguesa, pela intolerância religiosa e dominação de capital mercantil. Um processo que durou mais de duzentos anos e que manteve como reféns gerações sucessivas alienadas pelo regime imposto pela Coroa à Fortaleza de Mazagão. Sem possuírem o direito de ir e vir com liberdade, foram considerados um gasto a mais para a Coroa, que, em desvantagem frente aos ataques mouros, decidiu bater em retirada. A transposição de uma história, de uma cidade e de centenas de vidas se deu por meio de navios ao longo de anos, passando por Lisboa e chegando ao Brasil, mais precisamente ao Amapá. Se não bastasse todo esse trajeto e todas as dificuldades enfrentadas na travessia, a Mazagão fundada no Brasil ainda passaria por mais um abandono. Desta vez, deixaria para trás os que não tinham como se transportar e se reinstalar na Nova Mazagão: estes eram os remanescentes dos sujeitos escravizados trazidos do Marrocos. Por meio desse povo, a história se mantém e é recontada ano após ano, na encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos, realizada na Festa de São Tiago.

A Batalha de Mazagão Velho tem na oralidade o suporte para a manutenção da encenação que se manifesta pela resistência de um povo em busca de sobrevivência, reconhecimento e visibilidade do poder público às suas necessidades humanas. A experiência oral teve início com trechos de óperas em ocasião festiva da coroa portuguesa e foi subvertida ao longo dos anos, passando a imprimir a marca identitária deste povo. Nesse sentido, a ativação da memória histórica é feita pelos vencidos, pela parte mais vulnerável de Mazagão, os pobres, que não puderam se mudar para a nova cidade. Então, mesmo que eles festejem a vitória cristã, – base epistemológica das narrativas dominantes, que contam a história do conquistador europeu em terras pertencentes a povos originários –, sua Festa indica a versão dos oprimidos em um contexto brasileiro específico, e sua sobrevivência e resistência ao longo da História.

Atualmente, além dos elementos promovidos pela cultura de massas como músicas, máscaras industrializadas e divulgação em programa exibido em rede nacional de televisão, também se mantêm as celebrações religiosas como a novena, a ladainha em latim e, claro, a encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos em diálogo com os acontecimentos cotidianos da comunidade, como a morte do Sr. José Espíndola no dia de São Tiago, gerando uma pausa e a postura de homenagem da Figura em seu cavalo em frente à casa da família em luto. Também o poema em homenagem à Festa, declamado no dia 16 de julho, e a narração com discurso crítico, realizado principalmente pelo professor Antônio José, promovem a efemeridade e o ineditismo existentes a cada ano.

Diante de todo esse contexto e por meio da etnocologia, foi inevitável que, à medida que me aproximava da comunidade e compreendia suas entrelinhas, ainda que com dificuldade devido ao meu “lugar” de observação e recepção, eu também me afastasse dos conceitos preestabelecidos relacionados à dramaturgia. Em determinado momento, o objetivo de identificar uma dramaturgia, previsto no início da pesquisa, passou a ser insuficiente e limitante diante da complexidade dos dados coletados. Aos poucos, fui percebendo que seria necessário desconstruir essa ideia de “encaixotamento” que busca identificar e denominar, para dar espaço aos processos vividos, à experiência. E, assim, algumas bibliografias centrais deram espaço a outras e fui me despindo, reconstruindo e permitindo que, neste tempo/espaço em que me manifesto, eu tenha a consciência de que, mais importante do que identificar uma dramaturgia, há a urgência e a necessidade de contribuir para que outras pessoas saibam que existe um Mazagão Velho tão rico em história e cultura quanto outros cantos do Brasil.

No entanto, como apresentado no segundo capítulo, é possível identificar uma dramaturgia que se faz presente nos símbolos verbais e não verbais ao longo da Festa e da Batalha. Contudo, a valorização da experiência vivida me levou com mais força às ideias de

etnodramaturgia, que permite um olhar mais amplo e dinâmico sobre o fenômeno observado. Assim, isso credenciou a produção do terceiro capítulo desta tese e permitiu dizer que a Festa dos Adultos funciona como processo etnodramático para a realização da Festa das Crianças na comunidade. É preciso lembrar que o processo de fundamentação da etnodramaturgia se deu quando Victor Turner (2015) propôs aos atores de Richard Shechner uma experiência de encenação dos fenômenos vivenciados e posteriormente narrados por ele. Desse modo, compreendo que esse processo é reproduzido quando a experiência da Festa de São Tiago é repassada às crianças que a observam, vivenciam como plateia aprendiz e, posteriormente, como protagonistas a reproduzem e contribuem para a perpetuação dos princípios da comunidade.

Estar em contato com a comunidade de Mazagão Velho entre 2018 e 2021 me proporcionou aprendizados inúmeros, os quais, de tantos que são, não caberiam nesta tese. Ao mesmo tempo em que eu desconstruía e reconstruía meu pensamento acadêmico pré-formatado para a pesquisa, fui também renascendo enquanto ser humano. Fui me permitindo receber e doar genuinamente, como já dito anteriormente, pois minha conexão foi instantânea e bastante intensa, o que me levou a me envolver cada vez mais com as festividades e causas da comunidade. Tentei ao máximo promover ações que a beneficiassem. Cheguei a arrecadar cestas básicas para doação e promover a elaboração e consequente aprovação de um projeto em edital da Fundação Palmares junto ao Centro Cultural Raízes do Marabaixo, tendo como proponente o Sr. Jozué, em 2020, quando a situação de escassez imposta pela Covid-19 entristecia a comunidade. Quero também agradecer mais uma vez à comunidade de Mazagão Velho, em especial ao Sr. Jozué da Conceição Videira, que me ensinou, com cuidado, respeito e amorosidade, a tirar os sapatos e pisar nesse chão.



Imagem 67: Pés descalços no quintal do Sr. Jozué.
Foto: Arquivo da autora.

Sendo esta tese apenas uma parte do caminho, ressalto a importância do desenvolvimento de novas pesquisas com aprofundamentos em aspectos diversos a respeito da cultura mazaganense, ainda tão pouco visível fora do Amapá.

E assim, fecham-se as cortinas.

POSFÁCIO

Não, não, não...

Não foi fácil, mas também ninguém disse que seria... Defendi a dissertação de mestrado em fevereiro de 2017. Em outubro do mesmo ano, submeti-me ao processo seletivo para o doutorado e 2018 começou intenso, com muito trabalho e responsabilidades. Enquanto eu coordenava o Seminário de Artes Cênicas do Amapá e administrava um casamento prestes a sucumbir, cursava as disciplinas dos Estudos Literários que pouco dialogavam com minha Licenciatura em Teatro e Mestrado em Artes da Cena. Eu buscava caminhos possíveis e meios de concluir os compromissos e consegui.

2019 chegou ainda mais intenso e foi mais difícil. Além de seguir na coordenação do Seminário de Artes Cênicas do Amapá, que ganhava proporções nacionais, e cumprir 40 horas semanais em pesquisa, ensino e extensão, continuava cursando as disciplinas do Doutorado Interinstitucional (DINTER). Mas desta vez, não consegui: fui reprovada em uma disciplina e ouvi uma professora dizer em público, em um seminário, que meu projeto poderia fazer a nota do programa cair... Chorei... em público... Nesse período, eu passava por um episódio depressivo com suporte medicamentoso e dava início ao processo de divórcio. Sobrevivi.

2020 seria mais tranquilo: eu teria afastamento de um semestre para me dedicar exclusivamente ao doutorado... Que sonho, poder estudar sem precisar trabalhar! Não fazia isso desde os quinze anos de idade. Mas sobreveio o coronavírus e mudou tudo, parou tudo, interrompeu tudo... Foi difícil ver sentido na vida e relevância na pesquisa enquanto centenas de milhares de pessoas morriam... Medo, desesperança, um governo genocida, quem mandou matar Marielle? George Floyd foi só mais um João Alberto assassinado no Carrefour. O feminicídio bateu recorde em seis meses de quarentena, e a minha então orientadora abandonou o projeto...

Entretanto, 2021 começou um pouco mais animado! Consegui elaborar um projeto para concorrer ao edital Arte do Quilombo, promovido pela Fundação Cultural Palmares, no qual o Sr. Jozué foi contemplado. Foi uma grande alegria para todos nós nesse momento tão difícil. Outra alegria foi poder estar em Belo Horizonte, junto da minha família, enquanto produzia a tese, usufruindo da prorrogação do meu afastamento do trabalho e ganhando distanciamento necessário para analisar os dados colhidos em Mazagão Velho, contando sempre que necessário com o suporte do Sr. Jozué. No mês de abril, passei pela banca de qualificação e fui convidada a revisar a bibliografia, olhar de outro ângulo, me distanciar e permitir a abertura de novos estudos, conceitos, termos e processos.

Ainda ensaiando uma proposta, em agosto, fui selecionada para apresentar a pesquisa no Seminário de Pesquisa em Andamento da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Pude dialogar com meus pares e, sob olhares afins, fui convidada a defender meu ponto de vista e fundamentar uma trilha percorrida nesse caminho de vida em pesquisa. Dezembro chegou com a finalização da escrita, com o aceite dos professores da banca e com o frio na barriga pela defesa em fevereiro de 2022. Aliás, 2022 promete, tendo em vista as atuais aspirações políticas e promovendo esperanças para o povo brasileiro, que necessita de uma política pública humanizada para sobreviver com dignidade.

Por que eu trago tudo isso aqui? Porque compreendi que o universo é perfeito, que estou onde deveria estar e que o que eu preciso vem a mim no momento exato, pois foi assim que fui presenteada com a orientação da professora Elizabete Sanches, que, embora estivesse muito atarefada, não se recusou e acolheu meu projeto. Ela se envolveu, se dedicou e me ajudou a enxergar os caminhos possíveis. Ao trilhar esses caminhos, fui me resgatando e reconectando. Enquanto eu buscava entender os contextos do povo de Mazagão Velho, ia também me descobrindo ou redescobrindo... Foi necessário, na vida, assim como na pesquisa, abrir mão de conceitos e padrões preestabelecidos e dar espaço ao novo. Foi necessário desconstruir para reconstruir e trilhar um novo caminho antes inimaginado. Não foi fácil, mas sempre foi com muito prazer, dedicação e amor. Deparar-me com a pesquisa me proporcionou o reencontro com minha essência criativa e potente. Cada dia mais tenho entendido que minha escrita pulsa da/na e para a vida, estou em trânsito e descobrindo formatos... Também me ajudou a entender que essa potência criativa não está somente no palco e muito menos nas publicações a favor do meu Lattes, mas sim nas entrelinhas vividas em cada café com macaxeira servido na cozinha do Sr. Jozué, que sempre me recebeu com muito carinho.

E então, com as bênçãos dos meus Santos, Guias e Orixás, manifestadas nas rosas do andor de São Tiago que dona Marenice me entregou e que ainda me acompanham, agradeço ao Universo por ter me promovido tantos encontros maravilhosos e por me tornar merecedora de tanto aprendizado. Agradeço a cada ser visível e não visível que, de algum modo, contribuiu para a realização deste trabalho.

E por que me exponho assim? Para que eu nunca me esqueça de que minha produção acadêmica é proporcional ao meu contexto vivido; que também não está descolado do meu ato criativo; que sou humana, mulher, escorpiana e cíclica e que esse registro me ajude a retomar à memória quando eu por acaso me esquecer.

Gratidão!

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009. Tradução de Júlia Romeu.
- ALEXANDRE, Marcos Antônio. **A diferença entre o texto dramático e o texto espetacular em seis obras apresentadas em Belo Horizonte entre os anos 1994 e 1998**. 1998. 182 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9DMHF2> Acesso em: 26 jan. 2021.
- ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Mazagão Velho: diásporas negras, performance e oralidade no Baixo Amazonas**. Curitiba: Juruá, 2011.
- ALVES, Carla Carvalho. **Figurações do mouro na literatura portuguesa: o lado errado do Mareostro?** 2010. 235 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-29112010142421/publico/2010_CarlaCarvalhoAlves.pdf Acesso em: 6 ago. 2020.
- AMARAL, Augusto Ferreira do. **Mazagão: a epopeia portuguesa em Marrocos**. Lisboa: Tribuna da História – Edições de Livros e Revistas Ltda., 2007.
- ANDRADE, Oswald de. **Obras completas**. v. 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. Mazagão: cidades em dois continentes. **arq.urb revista do programa de pós-graduação stricto sensu em arquitetura e urbanismo**, São Paulo, n. 2, p. 22-55, 2º sem. 2009. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/102/88> Acesso em: 03 jun. 2019.
- BARBA, Eugênio. **A canoa de papel: tratado de Antropologia Teatral**. Trad. Patrícia Alves. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho (Org.). **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2007.
- BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho; GREINER, Christiane (Orgs.). **Etnocenologia: textos selecionados**. São Paulo: Annablume, 1999.
- CANTO, Fernando. **O Marabaixo através da História**. Macapá- AP: Editora Printgraf, 2017.
- CARVALHO, Alethea Hamaiana A. de; TEODORO, Mayara Feitosa; FILOCREÃO, Antônio Sérgio Monteiro. As terras de remanescentes quilombolas no Amapá: símbolo de resistência. **Anais do III Encontro de Discentes de História da UNIFAP**, 2017. Disponível em: <https://www2.unifap.br/cepap/files/2017/10/ALETHEA-MAYARA-E-ANTONIO-AS-TERRAS-DE-REMANESCENTES-QUILOMBOLAS-NO-AMAP%C3%81.pdf> Acesso em: 22 nov. 2021.

COSTA, Maximiliano Gonçalves da Costa. O sincretismo religioso no Candomblé. **Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG**. v. 1. Goiás: UEG, 2019. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sner/article/view/13627> Acesso em: 16 nov. 2021.

DE MARINIS, Marco. El texto espectacular. In: _____. **Semiótica del teatro**. L'analisi testuale dello spettacolo. Milano: Bompiani, 1982. Cap. 2, p. 60-70. Traducción de Geraldo Camilletti para la Cátedra "Análisis de textos dramáticos y espectaculares I. ENAD-IUNA, 2001. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/506556247/2-de-Marinis-M-El-Texto-Espectacular> Acesso em: 5 jul. 2021.

DIAS, Ronne Franklin Carvalho. **Mazagão Velho**: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Mouros e cristãos - caminhos, cenas, crenças e criações**: análise dos espetáculos de tradição carolíngia Auto de Floripes (Príncipe, São Tomé e Príncipe, África) e Luta de mouros e cristãos (Prado, Bahia, Brasil). 2011. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro/Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27299> Acesso em: 20 jan. 2021.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FAÇANHA, Weverton. GEA fomenta produção dos figurinos para a batalha entre mouros e cristãos. Portal do Governo do Estado do Amapá, 18 jul. 2017. Disponível em: https://processoseletivo.ap.gov.br/ler_noticia.php?slug=1807/gea-fomenta-producao-dos-figurinos-para-a-batalha-entre-mouros-e-cristaos Acesso em: 22 set. 2021.

FELIX, Cezar. Batalha entre mouros e cristãos. **Revista Sagarana**: Turismo, cultura e natureza em Minas Gerais. 18 fev. 2020. Disponível em: <https://revistasagarana.com.br/batalha-entre-mouros-e-cristaos/> Acesso em: 10 out. 2021.

JOHN, Dawsey; MOLLER, Regina; MONTEIRO, Marianna. (Organizadores). **Antropologia e performance: ensaios na pedra**. São Paulo: Terceiro nome, 2013.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Norte da África na Antiguidade: os reis berberes nômades e suas iconografias monetárias. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 17, p. 251-292, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89779/92580> Acesso em: 20 jun. 2020.

LEMOS, Juliana Souto. **A dramaturgia escrita por mulheres em Macapá (AP): 1996 a 2016**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIGIÉRO, Zeca. **Teatro das origens**: estudo das performances afro-ameríndias. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda. 2019.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia. In: _____. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. [online] São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 65-79. Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/cq8kr/pdf/luvizotto-9788579830884-06.pdf> Acesso em: 18 dez. 2021.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundos. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul – RS, v. 3, n. 6, p. 129-151, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1163b> Acesso em: 23 out. 2019.

MARQUES, Adílio Jorge; MORAIS, Marcelo Alonso. O sincretismo entre São Jorge e Ogum na Umbanda: ressignificações de tradições europeias e africanas. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. III, n. 9, p. 1-13, jan. 2011. Disponível em: http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST7/009%20-%20Adilio%20Jorge%20Marques_%20Marcelo%20Alonso%20Morais.pdf Acesso em: 24 jan. 2021.

MELO, Aislan Vieira de. Reafricanização e dessincretização do candomblé: movimentos de um mesmo processo. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, ano 12, v. 19, n. 2, p. 157-182, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23674> Acesso em: 16 nov. 2021.

MOREIRA, Laura Alves. A transformação do conceito de dramaturgia: reflexões preliminares. **Anais da ABRACE**, v. 11, n. 1, 2010. VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – 2010. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3289/3449> Acesso em: 25 ago. 2021.

PALLOTTINI, Renata. **O que é dramaturgia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PALLOTTINI, Renata. **Introdução à dramaturgia**. São Paulo: Ática, 1988.

PANAZZOLO, Flávia de Brito; JESUS, Eduardo Taborda de. Santiago de Compostela: História e Contemporaneidade. IX SEMINTUR e II COPEH, Universidade de Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <https://docplayer.com.br/60204043-Peregrinacoes-e-reliquias-no-caminho-de-compostela-consideracoes-iniciais.html>

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **A análise dos espetáculos**: teatro, mímica, dança, dança-teatro, cinema. Trad. Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos:196/dirigida por J. Guingsburg).

_____. **O teatro no cruzamento de culturas**. Trad. Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Estudos:247/dirigida por J. Guingsburg).

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Ogum**: caçador, agricultor, ferreiro, trabalhador, guerreiro e rei. Colaboração Renan William dos Santos. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

ROCHA, Marlúcia Mendes da. Ogum. **Revista Kãwé**, Ilhéus, 2/2001. Disponível em: http://www.uesc.br/nucleos/kawe/revistas/Ed_02/ogum.pdf Acesso em: 11 fev. 2021.

RODRIGUES, Adriana de Souza; SANTOS, Mauro Araújo dos; FERREIRA, Washington da Silva. **Máscaras Mazaganenses: objetos poéticos – investigações e experimentações pedagógicas em estágios supervisionados e seus desdobramentos**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Teatro) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.

SANTOS, Anne. Tradição por trás das vestes das figuras de São Tiago é passada de mãe pra filha. **Portal do Governo do Estado do Amapá**, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/2507/tradicao-por-tras-das-vestes-das-figuras-de-sao-tiago-e-passada-de-mae-para-filha> Acesso em: 22 set. 2021.

SANTOS, Adailton. **A etnocologia e seu método: pesquisa contemporânea em artes cênicas**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SANTOS, Juberto de Oliveira. São Tiago Maior: o Apóstolo Mataíndios (séculos XVI e XVII). **Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Vitória – ES, 2008. Disponível em: http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/juberto_santos.pdf

SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Seleção de ensaios organizados por Zeca Ligiéro: Trad. Augusto Rodrigues da Silva Junior. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, Bruno Rafael Vêras de Moraes e. O Islã na África do Norte e Ocidental: recepção e reinvenção (séc. VII-XIV). **Cadernos de História**, Revista do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, v. 9, n. 9, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110084/0> Acesso em: 24 jun. 2020.

SMITH, Ricardo. **A prática musical do vominê na Festa de São Tiago em Mazagão Velho – AP**. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em <https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/Disserta%C3%A7%C3%B5es%20Turma%202015/RI%20SMITH.pdf> Acesso em: 27 jul. 2021.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos da guerra do Paraguai. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 24, p. 287-296, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/issue/view/686> Acesso em: 26 fev. 2021.

TURNER, W. Victor. **Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar**. Trad. Michele Markowitz e Juliana Romeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.

UBERSFELD, Anne. **Para ler o teatro**. Trad. José Simões. São Paulo: Perspectiva, 2013.

VALDERRAMA, Milena Cáceres. **La Fiesta de Moros y Cristianos en el mundo**. Tomo I. Lima – Perú: Pontificia Universidad Católica Del Perú - Instituto Riva-Agüero, 2021.

Disponível em: <https://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/180883> Acesso em: 5 jul. 2021.

VALENA, Alice. **Veja a preparação de Mazagão Velho para a Festa de São Tiago**. Portal do Governo do Estado do Amapá, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/2307/veja-a-preparacao-de-mazagao-velho-para-a-festa-de-sao-tiago> Acesso em: 30 jan. 2021.

VIDAL, Laurent. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1789-1783). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2008.

VISENTINI, Paulo Fagundes (org.). **O livro na rua**: Marrocos. Brasília: Thesaurus Editora, 2010. (Série Diplomacia ao alcance de todos. Coleção Países. Biblioteca do Cidadão)

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SITES UTILIZADOS

Apostila Terreiro do Pai Maneco. Canto a Ogum. Disponível em: http://www.paimaneco.org.br/sitenovo/wp-content/uploads/2017/07/apostila_terreiro_do_pai_maneco_-_completa.pdf Acesso em: 26 fev. 2021.

Arqueologia de Mazagão Velho. Disponível em: <https://www.brasilarqueologico.com.br/arqueologia-mazagao-velho.php> Acesso em: 20 jan. 2021.

Associação cultural divulga programação do traslado de São Tiago e São Jorge. Disponível em: www.iapen.ap.gov.br/noticia/0807/associacao-cultural-divulga-programacao-do-traslado-de-sao-tiago-e-sao-jorge

GEA fomenta produção dos figurinos para a batalha entre mouros e cristãos. Disponível em: https://processoseletivo.ap.gov.br/ler_noticia.php?slug=1807/gea-fomenta-producao-dos-figurinos-para-a-batalha-entre-mouros-e-cristaos Acesso em: 23 ago. 2021.

História de São Jorge. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-jorge/147/102/> Acesso em: 10 fev. 2021.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Café com Patrimônio apresenta "Devoção, Tambor e Canto: conversas sobre Ladrões de Marabaixo". 7 mar. 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/ap/noticias/detalhes/4019/cafe-com-patrimonio-devocao-tambor-e-canto-conversas-sobre-ladros-de-marabaixo> Acesso em: 14 out. 2021.

Ladrões de Marabaixo - Sala de Notícias - Canal Futura. 16 set. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxhu6RIwmcw> Acesso em: 30 nov. 2019.

Mazagão – Brasil – História e Formação Administrativa. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ap/mazagao/historico> Acesso em: 30 jan. 2021.

Vídeos e documentários

Abertura da Festa de São Tiago 2021. 120". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vF7h2yjALs0&list=PLigh9TsEqPVUC0kQyY2gcSAPuMBhclen&index=9>

Fineias Nelluty - Festa de São Tiago - Mazagão Velho - Amapá - Amazônia - Brasil. 4'14". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o6NdPQXeRKg&list=PLigh9TsEqPVUC0-kQyY2gcSAPuMBhclen&index=7>

Mazagão, a cidade transplantada. Dir. Eduardo Bueno. Canal Buenas Ideias. 16'26". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jzjcn_ZuGnQ&list=PLigh9TsEqPVUC0-kQyY2gcSAPuMBhclen&index=4

Mazagão, berço da nossa cultura | Em casa com São Tiago. Dir. Thomé Azevedo. 22'48''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kRy27IeMh3s&list=PLigh9TsEqPVUC0-kQyY2gcSAPuMBhclen&index=3>

Quando os Mouros Dominaram a Europa. Dir. Timothy Copestake. 2005, 99'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Av0MCGVcBeM&list=PLigh9TsEqPVUC0-kQyY2gcSAPuMBhclen&index=6>

Raízes do Marabaixo Mirim nos 246 anos de Mazagão Velho. Dir. Gabriel Penha. 13'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fbr0BRTGZCQ&list=PLigh9TsEqPVUC0-kQyY2gcSAPuMBhclen&index=1>

Repórter da Amazônia | Mazagão | Temp.01 EP.06. Postado em: 11 dez. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6y4s95i4Eic&list=PLigh9TsEqPVUC0-kQyY2gcSAPuMBhclen&index=10&t=372s>

Santo Cavaleiro: A Festa de São Tiago do Mazagão Velho. Documentário integrante do Inventário de Referências Culturais (INRC) de Mazagão Velho – AP, produzido pela Castanha Filmes. Postado em: 21 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nyZA1D6JWus> Acesso em: 20 out. 2017.

São Tiago me chamou (Verônica dos Tambores). Dir. Gabriel Penha. 3.16''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y1BbvqeyVbs>

ANEXO I



São Tiago



Mazagão Velho

Ladainha Cantada em Latim

Kyrie Eleison
 Christe Eleison
 Kyrie Eleison
 Christe audi-nos
 Christe exaudi-nos
 Pater de coelis Deus
 Misere nobis
 Fili redentor, munde Deus
 Misere nobis
 Spiritos sancto Deus
 Santa Trinitais Unos Deus
 Santa Maria

Ora pro Nobis

Santa De Genitrix

Santa Virgo Virgenum

Mater Christe

Mater Divinae gratiae

Mater Puríssima

Mater Castíssima

Mater Inviolata

Mater Intermerata

Mater Amabilis

Mater Admirabilis

Mater Boni consilli

Mater Creatores

Mater Salvatoris

Virgo Prudentíssima

Virgo Veneranda

Virgo Praedicanda

Virgo Potens

Virgo Clemens

Virgo Fidellis

Speculum Justitiae

Sedes Sapientiae

Causa nostrae Laetitiae

Vas Spirituale

Vas honorabile

Vas Ensigne devotionis

Rosa Mystica

Turris Davidica

Turris Eburnea

Domus Aurea

Fedris Arca

Janua Coelli

Stella Matutina

Salus infirmorum

Refugium peccatorum

Consolatrix afflictorum

Auxilium Christianorum

Regina Angelorum

Regina Patriarcarum

Regina Prophetarum

Regina Apostolorum

Regina Matyrum

Regina Confessorum

Regina Virgenum

Regina Santorum on nium

Regina sine labe originali conceпта

Regina Sacratissima rosarii

Regina Pacis

Agnus Dei que tolis peccata mundi

Parce Nobis Domine

Agnus Dei que tolis peccata mundi

Exaudi nos Domine

Agnus Dei que tollis peccata mundi

Misere nobis

O meu coração

Refrão

O meu coração / Só é de Jesus

A minha alegria só é a Santa Cruz (bis)

Nada mais desejo / Nem quero se não

Que viva Jesus / No meu coração (bis)

Eu só peço a Deus / Na minha oração

Que viva Jesus / No meu coração (bis)

Nas ruas e praças / Todos ouvirão

Que viva Jesus / No meu coração (bis)

Arrastem-me embora / Pelo frio chão

Mas viva Jesus / No meu coração (bis)

Prece à São Tiago

Glorioso São Tiago

Nosso protetor e amigo,

Lançai Vossa bênção

Em nossos lares.

Assim como vencestes a batalha

Contra os inimigos do cristianismo,

Assim também combatei as iras dos inimigos
de nossas almas

Como bons cristãos católicos

Pedimos a Deus que nos proteja sempre

Com Vossa intercessão,

Para que possamos todos os anos

Comemorar a Vossa gloriosa festa,

Invocamos a Vossa proteção

E viemos perante Vós implorar

O Vosso auxílio perante Deus

Para engrandecimento e prosperidade

Da Terra de Mazagão.

Em nome de Jesus e Maria.

Amém!

Oração de São Jorge

Servo da Santíssima Trindade, ajudai-me.

Com o mártir Santo Expedito, orientai-me.

Com a espada poderosa, salvai-me.

Dos dragões do consumismo e da fome,
afastai-me.

Com São Cosme e São Damião,
fortificai-me.

Do vício do álcool e das drogas, libertai-me.

Com os pães de Santo Antônio,
alimentai-me.

Com São Vicente de Paulo o caminho
mostrai-me.

Das chacinas e da violência, defendei-me.

Com Dom Bosco e Dom Orione,
socorrei-me.

Com São Pedro e São Sebastião,
protegei-me.

Com a Virgem do Santo Escapulário,
abençoi-me.

Com o sangue de Oscar Romero e Padre
Josino, lavai-me.

Guerreiro da justiça e da vida, amparai-me.

Da seca, das tempestades e da guerra,
livrai-me.

10

Com os santos anjos da guarda, guiai-me.

Das falsas amizades e do medo, separai-me.

Com Santa Terezinha das Rosas,
transformai-me.

São Jorge de Ilhéus, de saúde comulai-me.

Com o fogo do profeta Elias, aquecei-me.

São Jorge filho amado de Deus pai,
socorrei-me.

Com o poder e sangue de Cristo,
purificai-me.

Com a Irmã Dulce e Santa Tereza de
Calcutá, auxiliai-me.

Com o fogo do Espírito Santo, iluminai-me.

Amém!

11

Hino de São Tiago

Glorioso Tiago

Santo de meu coração (bis)

Valha-nos sempre

Com a vossa interseção (bis)

Glorioso Apóstolo

Defensor da Santa fé (bis)

Rogais a Deus por nós

A Jesus, Maria e José (bis)

Glorioso Apóstolo

Cavaleiro da Santa Cruz

Os gemidos da Pátria

Levai aos pés de Jesus (bis)

ANEXO II

A origem da Festa de São Tiago

A festa de São Tiago, comemorada no município de Mazagão, na comunidade de Mazagão Velho, no Amapá, remonta há mais de dois séculos, ou seja, tem 242 anos, tendo se originado no continente africano, no século XVIII, a partir dos conflitos entre cristãos e mouros na cidade da Mauritânia (costa da África).

Assim como o Brasil, a África também era colônia de Portugal que tinha sob seus domínios a cidade africana de nome Mazagão. No entanto, para propagar a fé cristã e o batismo no continente africano, os portugueses contavam com a ajuda dos líderes religiosos e missionários de nomes Tiago e Jorge.

Em virtude disso, a festa de São Tiago tem sua origem na lenda que conta o aparecimento do missionário Tiago como soldado anônimo que lutou historicamente contra os mouros. Desde a conquista das terras africanas, os lusitanos, católicos fervorosos, tentaram converter os mulçumanos ao cristianismo e a aceitar a fé em Cristo e o batismo de sua religião. Isso provocou descontentamento nos seguidores de Maomé que, mais tarde, declarariam guerra contra os cristãos que eram liderados, na época, por Tiago e Jorge. Vejamos a ilustração dos moradores mazaganenses que representam na encenação da batalha entre cristãos e mouros.

Fonte: Ione Vilhena Cabral, Tatiane da Silva Cariloso e Roberto Carlos Amanajás Pena

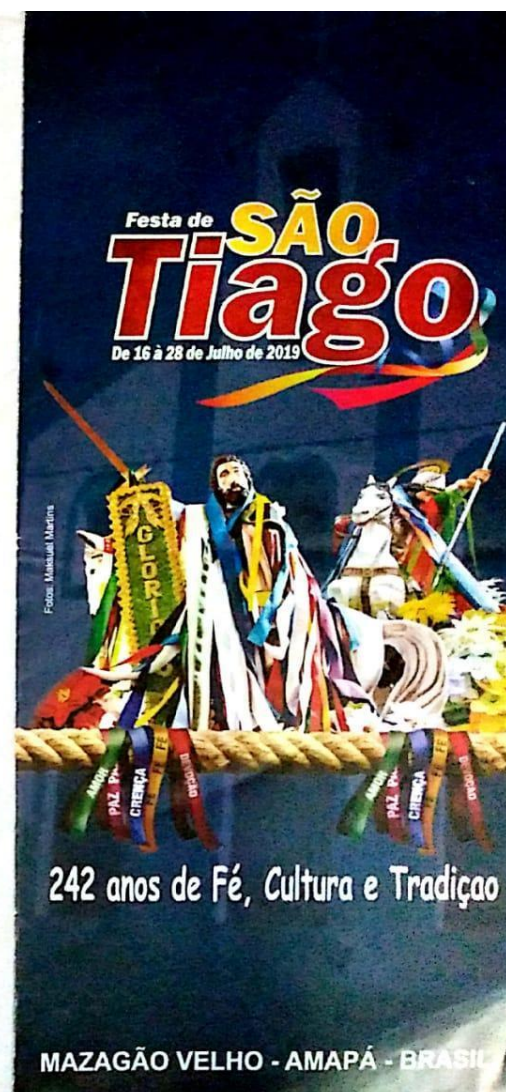
REALIZAÇÃO

COMUNIDADE DE
MAZAGÃO VELHO



IGREJA
Nº. Sª DA ASSUNÇÃO

APOIO



PROGRAMAÇÃO 2019

16/07 (terça-feira)

4h – Alvorada Festiva.

18h30 – Translado da Imagem de São Tiago.

19h – Novena em louvor a São Tiago.

20h – Arraial e bingo a cargo das Comunidades Rurais, Grupos Folclóricos, Igreja Matriz e Capelas.

00h às 04hs – Baile dançante.

17/07 (quarta-feira)

19h – Novena.

20h – Arraial e bingo a cargo da Assembleia Legislativa do Estado do Amapá.

00h às 04hs – Baile dançante.

18/07 (quinta-feira)

19h – Novena.

20h – Arraial e bingo a cargo das Escolas Estaduais e Municipais, Servidores Públicos e Comerciantes Locais.

00h às 04hs – Baile dançante.

19/07 (sexta-feira)

19h – Novena.

20h – Arraial e bingo a cargo da Família Tavares e Panificadora N.ª. S.ª. Das Graças.

00h às 04hs – Baile dançante.

20/07 (sábado)

19h – Novena.

20h – Arraial e bingo a cargo da ACFST, Associação de Criadores de Cavalos de Mazagão Velho, Panificadora Joana Salete, BOPE, Maria Tiaga Costa dos Santos e família.

00h às 06hs – Baile dançante.

21/07 (domingo)

19h – Novena.

20h às 00h – Arraial e bingo a cargo da Família Barreto.

00h às 04hs – Baile dançante.

22/07 (segunda-feira)

19h – Novena.

20h – Arraial e bingo a cargo do Governo do Estado do Amapá.

00h às 04hs – Baile dançante.

23/07 (terça-feira)

19h – Novena.

20h – Arraial e bingo a cargo da Prefeitura Municipal de Mazagão e Câmara de Vereadores

00h às 04hs – Baile dançante.

24/07 (quarta-feira)

4h – Alvorada Festiva.

15h – Início da entrega dos Presentes.

19h – Novena.

21h às 06h – Baile de Máscaras.

25/07 (quarta-feira)

7h – Saída do Arauto convidando as figuras para o cirio.

8h – Missa solene em frente à Capela de São Tiago (Palco principal).

9h – Início do cirio.

11h – Dança do Vominê para convidados e em residências locais.

12h – Passagem do "Bobo Velho"

16h – Saída do arauto anunciando o início da batalha, com os seguintes episódios:

- Descoberta do Atalaia.

- Morte do Atalaia.

- Armadilha (Emboscada feita pelos cristãos).

- Captura e venda das crianças cristãs e partilha do dinheiro.

- Troca do corpo do Atalaia pela bandeira moura.

- Batalha entre mouros e cristãos, tomada do estandarte mouro e batalha final.

- Vominê (dança da vitória dos cristãos).

19h – Recírio e novena.

21h às 06hs – Baile dançante.

26/07 (sexta-feira)

8h – Salve rainha em louvor a Santa Ana (procissão)

9h – Baile da melhor idade.

27/07 (sábado)

4h – Alvorada festiva e início da festa de São Tiago das crianças

15h – Início da entrega dos presentes.

19h – Transladação do Santo e a novena

21h às 06h – Baile de Máscaras.

28/07 (domingo)

8h – Missa com o Cirio de São Tiago das Crianças.

11h – Lanche e visitas nas residências locais.

12h – Passagem do "Bobo Velho".

16h – Saída do arauto anunciando o início da batalha entre Mouros e Cristãos das crianças.

19h – Recírio e novena.

21h às 06hs – Baile dançante.